

08 de setembro de 2018

Número 10

ISSN 22369570

GATOSgrafias

revista
**mangues
& letras**



revista
mangues
& letras



Gatosgrafias

Conselho Felino

Alice Tavares (RN); Alexandra Felipe (CE); Daniela Galdino (BA); Enilce Albergaria (MG); Fátima Costa (PE); Flávia Maia (PB); Fernanda Meireles (CE); Mara Faturi (RS); Paula Pires (RN); Suzete Nunes (CE); Thayane Morais (RN); Daniela Aragão (BH); Valéria Regina Dallegrave (RS); Aglaia Costa (PE).

Expediente

Projeto gráfico da Revista: Tânia Lima
Fotografia Capa: Imagem colhida no livro
Guardian Cats
Web Designer: Jonathan Silva Gomes
Revisão: Andrea Costa
Org. & seleção de texto: Tânia Lima
e-mail: manguesletras@gmail.com

Colaborador(x)s

Adeânio A. Lima, Amador Ribeiro Neto, Ângela de Santa Rita, Chacal, Carlos Gurgel, Clara Cruz, Cláudia Eugênia, Daniela Aragão, Flávia Maia, Geni Brito, Janaina Arruda, João Batista de Morais Neto, José Lira, Jussara Salazar, Lúcia Lucena, Raul Ávila de Agrela, Mara Faturi, Marcos Falchero Falleiros, Marjorie Medeiros, Manoel Ricardo de Lima Neto, Paula Pires, Patrick Langkammer, Rosângela Trajano, Sílvia Barbalho Brito, Tânia Lima, Valéria Regina Dallegrave.

Gatografias



Língua Felina

por *Tânia Lima*

Quem escreveu esta revista-livro foram os gatos.

Quando vem sábado, se metem nos lençóis sonâmbulos como verso insubmisso.

Artimanhas felinas da não-linguagem.

Domingo é o dia mais felino do ano,
é quase um siamês preguiçoso de poesia.

Sem gato, não há ócio, nem Batest.

Não há poema de Ana Cristina César

Nem prosa, nem Mia

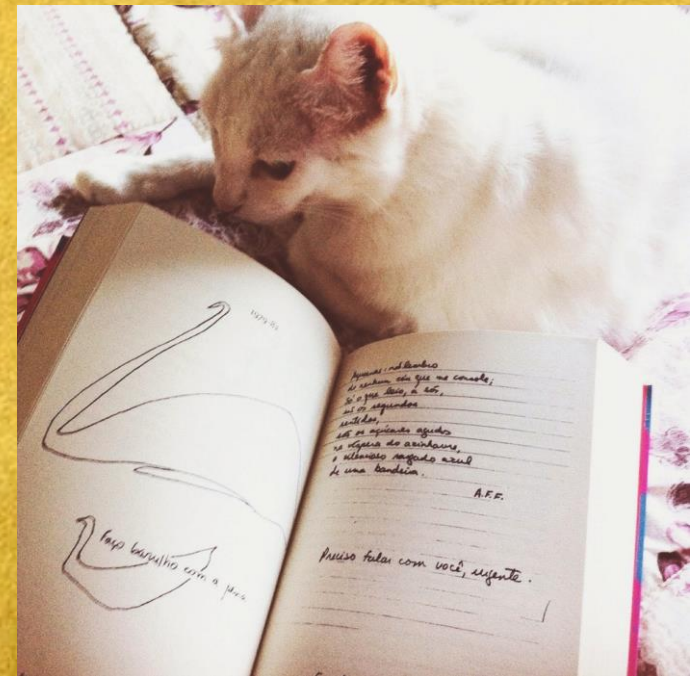
Hoje tem MIAU!

A Artimanhas de um gasto gato

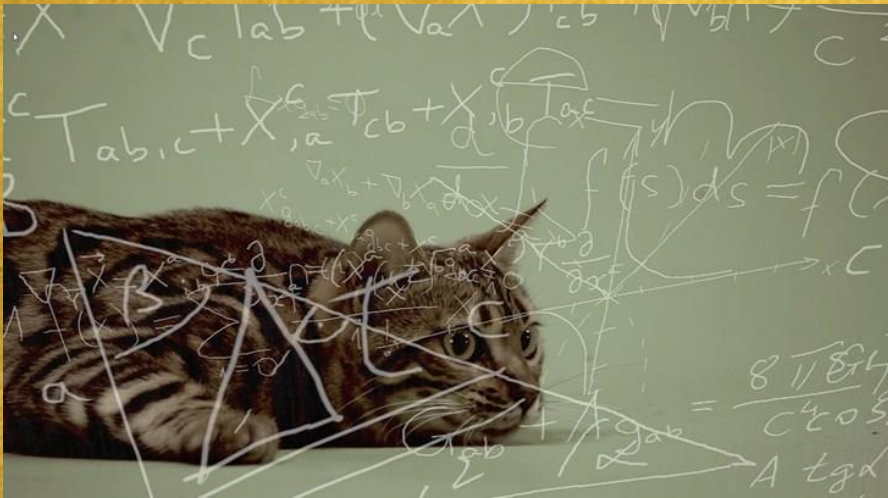
Não sei desenhar gato.
Não sei escrever gato.
Não sei *gatografia*
Nem a linguagem felina das suas artimanhas
Nem as artimanhas felinas da sua não-linguagem
Nem o que o dito gato pensa do hipopótamo (não o de Eliot)
Eliot e os gatos de Eliot ("Practical Cats")
Os que não sei
e nunca escreverei na tua cama.
O hipopótamo e suas hipopotas ameaçam gato (que não é hopogato)
Antes hiponímico.
Coisa com peso e forma de peso
e o nome do gato?
J. Alfred Prufrock? J. Pinto Fernandes?
o nome do gato é nome de estação de trem
o inverno dentro dos bares
a necessidade quente de tê-lo
onde vamos diariamente fingindo nomear
eu – o gato – e a grafia de minhas garras:
toma: lê o que eu escrevo em teu rosto
a parte que em ti é minha – é gato
leio onde te tenho gato



e a gatografia que nunca sei
aprendi na marca no meu rosto
aprendi nas garras que tomei
e me tornei parte e tua – gata – a
saltar sobre montanhas como um gato
e deixar arco-irisado esse meu salto
saltar nem ao menos sabendo que desenho
e escrita esperam gato
saltar felinamente sobre o nome de gato
ameaçado
ameaçado o nome de GATO
ameaçado o nome de GASTO
ameaçado de morrer na gastura de meu nome
repito e me auto-ameaço:
não sei desenhar gato
não sei escrever gato
não sei gatografia
Nem...



ana cristina César



o gato lhe acompanha
onde quer que você
vá
só com olhos - não
é besta -
para ele basta olhar

Chacal



"The Cat" - Cheryl Wilson

*Meia noite
meu gato miou
"tchau, querida".
E eu respondi: - tchau ração.
Fim.*

Patrick Langkammer

Gateira ou sobre fe(l)(m)inices

Por entre olhares dissimulados
e delineados
com passinhos deslizados
e balançar sedutor
sorriso em soslaio
flecha dopamina
suspiros miados gemidos
(en)gatinha sob pele minha
pelo macio nosso
gateador cio telhado miadela

"Fuja não!"
penugem apetite
(re)encarnada Bastet
corpo esguio
Traços felinos
desejo decifrado
"devoro-te"
leira harmonia
murmúrios ardência cicio

Ângela de Santa Rita

cartapoema

uma carta capaz de ler o avesso o reverso o direito
íntimo um desejo
de osso ou do outro que desata o sol com seus azuis
o ouro
borboletas papagaios urdindo trópicos peixes
gatos papoulas e guajarás

[seus troncos em seda rasgando o céu]

então esferas em forma de letras escreverão o amor
que virá no redemoinho de pedras
tesouro das águas
como a roupa ao sol secando na viração
ou o mineral cor de fogo
contando do tempo
do limo
do tempo-pedra do templo – seu rosário
e assim como disse Santa Teresa de Jesus será:
"como ver uma água muito clara que corre como cristal".

[jussara salazar]

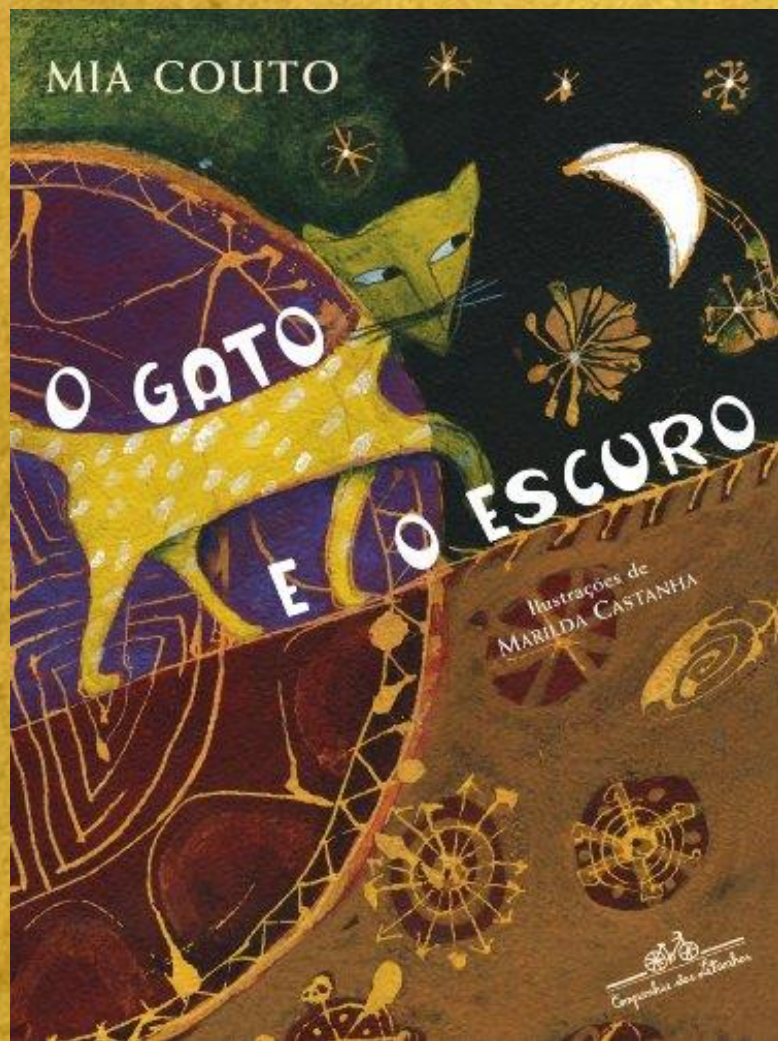


... o gatinho gostava passear-se nessa linha onde o dia
faz fronteira com a noite. Faz de conta o pôr do sol fosse
um muro. Faz mais de conta ainda os pés felpudos
pisassem o poente.

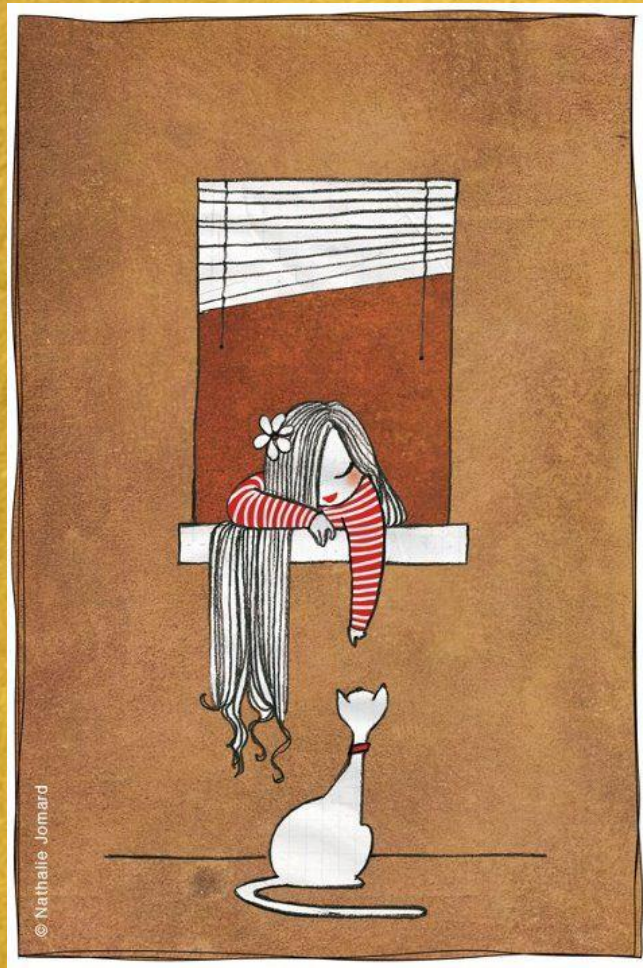
Mia Couto



Pintura de Antonio Capel.



Mia Couto



Nathalie Jomard

Tapioca

Janaína Arruda

Tapioca era um gato branquinho e pequeno.

Parecia bem levado

aquele meigo felino.

Era um bichano entranhado.

Parecia bem guenzo.

Maltrapilho.

Sofria de abandono.

Certo dia, levei Tapioca para casa.

Água, ração e uma pequena bola de lã.

O novo hóspede estava animado.

Corria, bolava, brincava.

Tornara-se o piparote da casa

Os dias passaram...

De repente veio a surpresa:

Encontrei o pequenino a se lambar.

Estava todo despojado.

Um certo dia, Tapioca, ao adormecer,
acordou em um quadro do pintor Franz Marc.

Mudou de nome e de sexo.

Transmanheceu-se em *Fifi*.



Aldemir Martins

Abençoados os que esquecem

Malhados, negros, cinzas, encarnados...

não importa... à noite todos os gatos são pardos!

Todos fazem serenata à lua.

Todos enfrentam a madrugada nua

E, num passo calmo

Se deixam cambalear, entre o abismo e o telhado.

Não se apegam nem se deixam prender

E se de um rato, o rabicho aparecer

Oh! Lá vão eles de novo a correr

Com seu andar de onça emplumada

Qual Bastet, a Deus esquecida e já ultrajada

Mas que nunca perdeu seu poder!



Me lembram esses moços, descolados, cabelo (e ideias) a
escorrer

Que não podem um par de saias (ou calças...) ver

Que tudo esquecem, tudo apagam, e se põem na corrida

(E para isto, colocam toda sua vida)

Deixando pra trás toda uma efêmera emoção.

E as tuas juras, gato de duas patas? Não eram verdade, pois
não?

Pra sua desatenta atenção absorta

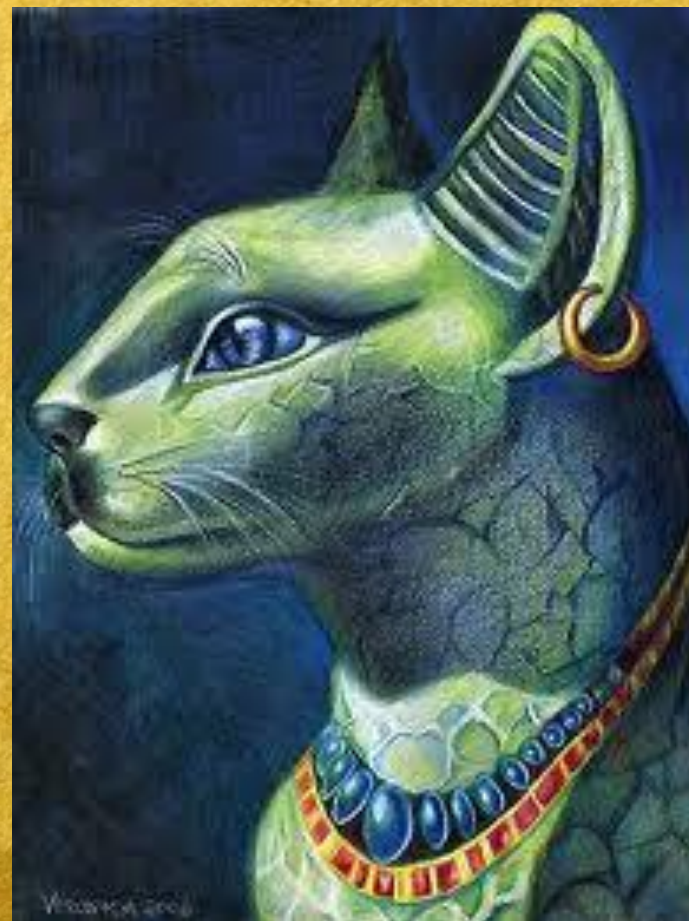
Um novo rato, uma nova presa é o que importa...

Sábia dádiva do Divino provento...

Esquecer no seguinte momento

A eternidade de todo sentimento!

Adeânio A. Lima



*Os gatos são sempre mais dramáticos.
São as versões gays dos cães.*

Luciano de Melo



*Ilustração de Daniel Vicente Roque
com excerto de "Ode ao Gato"
(Oda al Gato) do poeta chileno Pablo
Neruda.*

Ode ao gato

Pablo Neruda

Os animais foram
imperfeitos,
compridos de rabo, tristes
de cabeça.
Pouco a pouco se foram
compondo,
fazendo-se paisagem,
adquirindo pintas, graça, voo.
O gato,
só o gato
apareceu completo
e orgulhoso:
nasceu completamente terminado,
anda sozinho e sabe o que quer.

O homem quer ser peixe e pássaro,
a serpente quisera ter asas,
o cachorro é um leão desorientado,
o engenheiro quer ser poeta,
a mosca estuda para andorinha,
poeta trata de imitar a mosca,
mas o gato
quer ser só gato
e todo gato é gato

do bigode ao rabo,
do pressentimento ao rato vivo,
da noite até seus olhos de ouro.

Não há unidade
como ele,
não tem
a lua nem a flor
tal contextura:
é uma só coisa
como o sol ou o topázio,
e a elástica linha em seu contorno
firme e sutil é como
a linha da proa de um navio.
Seus olhos amarelos
deixaram uma só
ranhura
para jogar as moedas da noite.

Oh pequeno
imperador sem orbe,
conquistador sem pátria,
mínimo tigre de salão, nupcial
sultão do céu
das telhas eróticas,
o vento do amor
na intempérie
reclamas
quando passas
e pousas

quatro pés delicados
no solo,
cheirando,
desconfiando
de todo o terrestre,
porque tudo
é imundo
para o imaculado pé do gato.

Oh fera independente
da casa, arrogante
vestígio da noite,
preguiçoso, ginástico
e alheio,
profundíssimo gato,
polícia secreta
dos quartos,
insígnia
de um
desaparecido veludo,
seguramente não há
enigma
na tua maneira,
talvez não sejas mistério,

todo o mundo sabe de ti e pertences
ao habitante menos misterioso,
talvez todos o acreditem,
todos se acreditem donos,

proprietários, tios
de gatos, companheiros,
colegas,
discípulos ou amigos
do seu gato.

Eu não.
Eu não subscrevo.
Eu não conheço ao gato.
Tudo sei, a vida e seu arquipélago,
o mar e a cidade incalculável,
a botânica,
o gineceu com seus extravios,

o por e o menos da matemática,
os funis vulcânicos do mundo,
a casaca irreal do crocodilo,
a bondade ignorada do bombeiro,
o atavismo azul do sacerdote,
mas não posso decifrar um gato.
Minha razão resvalou na sua indiferença,
o seu olho tem números de puro.

(Tradução de Maria Teresa Almeida Pina)



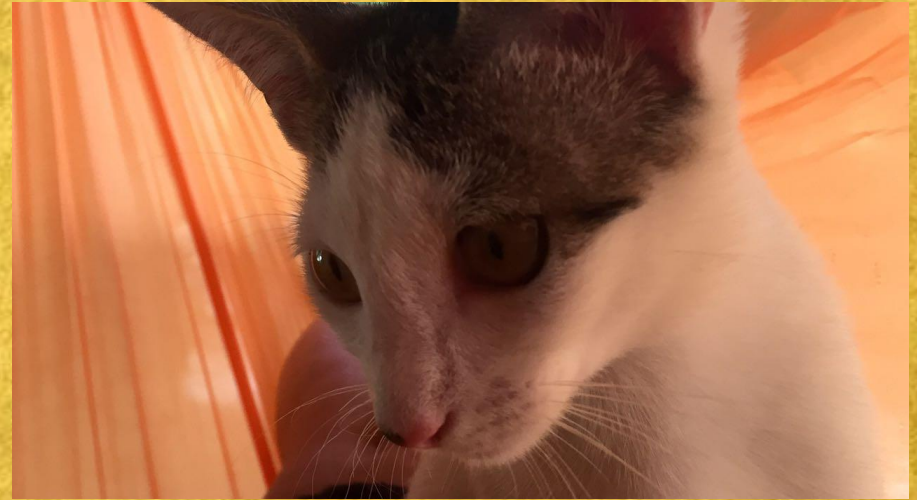
Pablo Neruda

Oh fera indipendente
da casa, arrogante
vestigio da noite,
preguiçoso, ginástico
e alheio,
profundíssimo gato,
polícia secreta
dos quartos,
insígnia
de um
desaparecido veludo.

Se o Poeta falar num Gato

Se o poeta falar num gato, numa flor,
num vento que anda por descampados e desvios
e nunca chegou à cidade...
se falar numa esquina mal e mal iluminada...
numa antiga sacada... num jogo de dominó...
se falar naqueles obedientes soldadinhos de chumbo que
morriam de verdade...
se falar na mão decepada no meio de uma escada
de caracol...
Se não falar em nada
e disser simplesmente tralalá... Que importa?
Todos os poemas são de amor!

Mario Quintana



Fotografia: Flávia Maia

"Os gatos moles de sono
rolam laranjas de lã".

Quintana



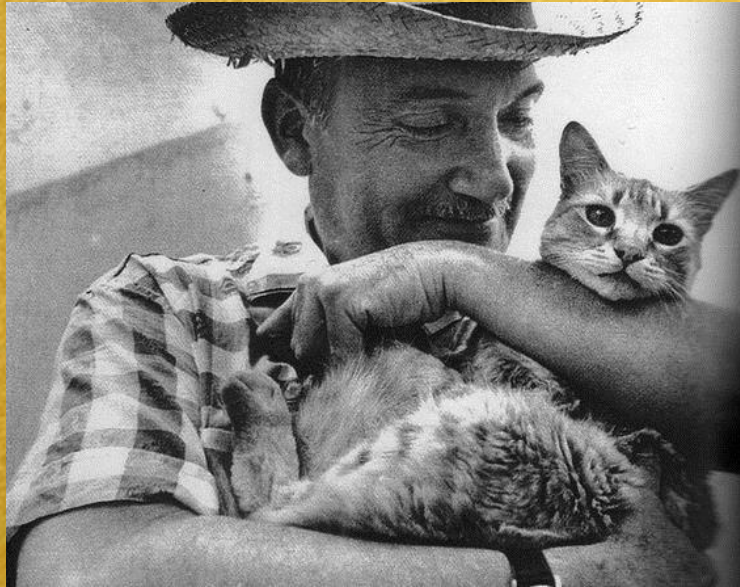
Mirsad



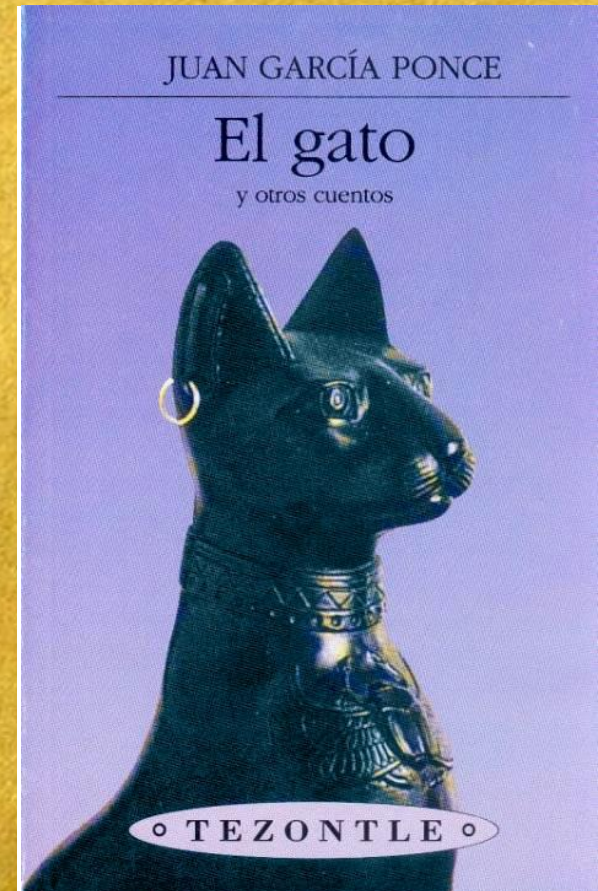
STEVE HANKS
LESLIE LEVY GALLERY SCOTTSDALE, ARIZONA

O gato possui beleza sem vaidade, força sem insolência, coragem sem ferocidade, todas as virtudes do homem sem vícios.

Lord Byron



José María Arguedas

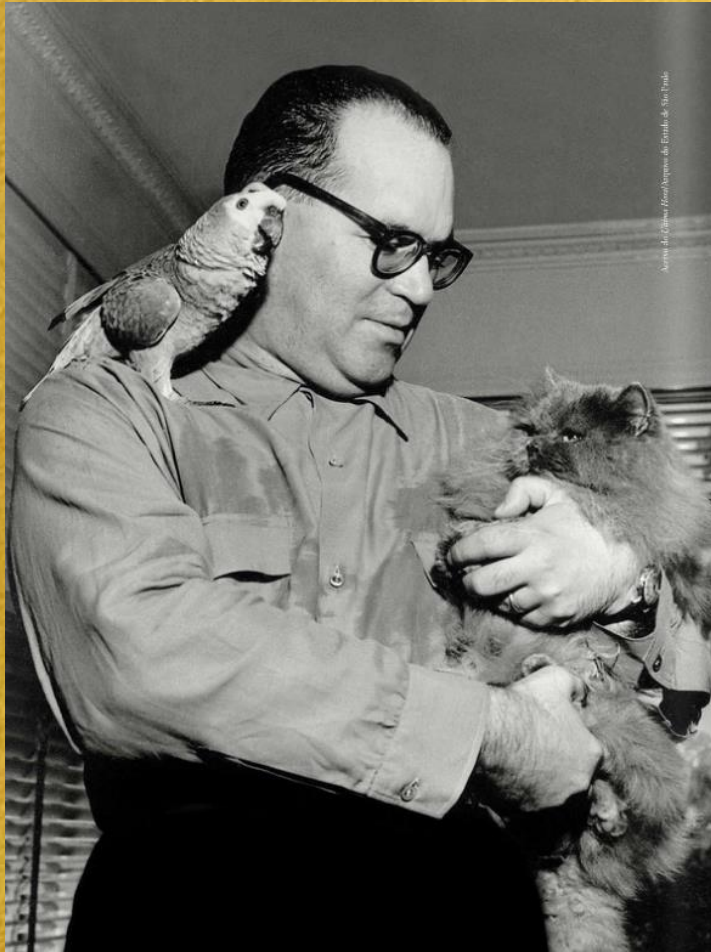


Eu já vi um Gato ler
e um grilo sentar escola,
nas asas de uma ema
jogar-se o jogo da bola,
dar louvores ao macaco.
Só me falta ver agora
acender vela sem pavio,
correr pra cima a água do rio,
o sol a tremer com frio
e a lua tomar tabaco!...

Guimarães Rosa

Trecho de *A hora e a vez de Augusto Matraga*.

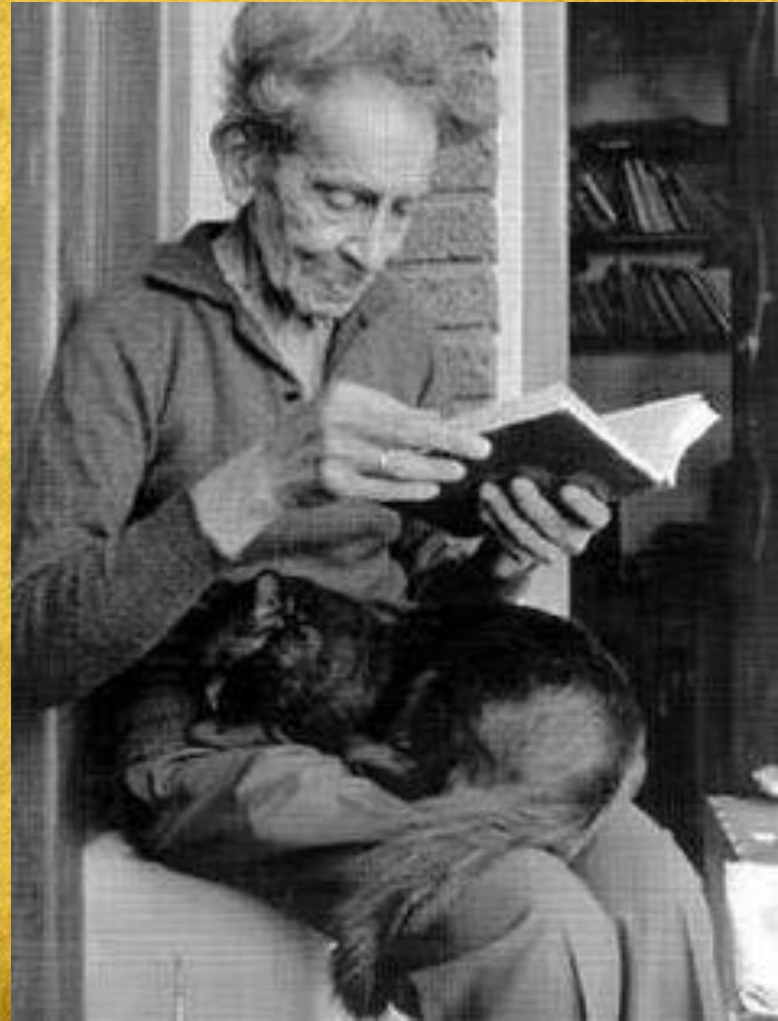


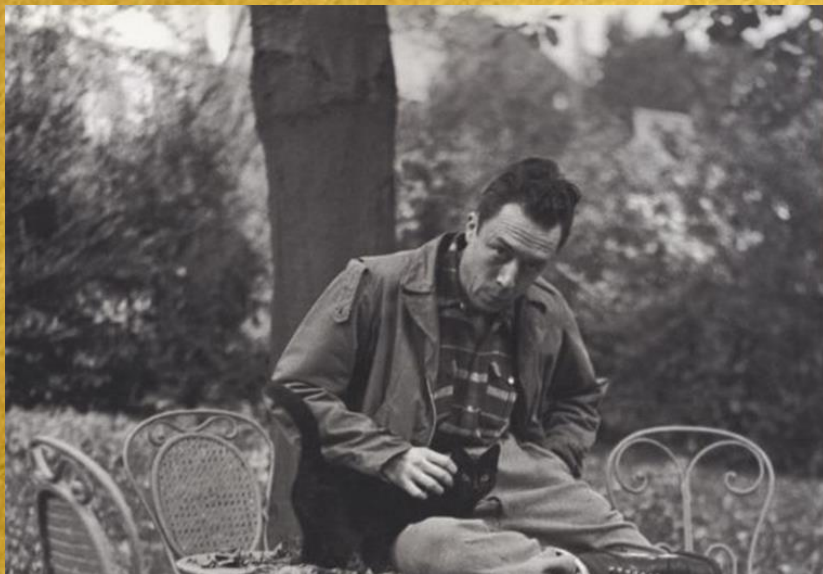


*Eu estou só.
O Gato está só.
As árvores estão sós.
Mas não o só da solidão:*

o só da solistência.

Guimarães Rosa





Albert Camus

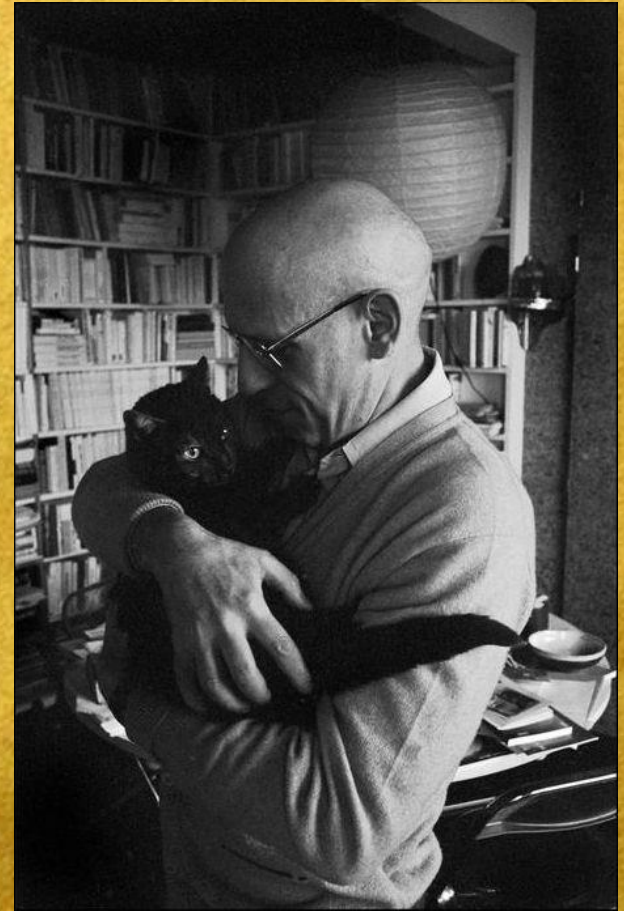
La prunelle

•
Eu olho o mundo pelo ângulo da esfera
Toca, cova, vazio
Procuro os sentidos, as certezas
Sempre desabam
Abalo
Abismo
Absurdo
!
Olho a natureza pelo ângulo do rasgo
Traço, pêndulo, fio
Procuro os tetos, as alturas
Sempre suspenso
asa
assalto
alto
Por um momento, em outro orifício
Encaramos a mesma ótica
Este segundo infinitamente se repetirá
La prunelle
A diferença entre
a eternidade e o instante

Sílvia Barbalho Brito



Jean Paul Sartre



Michel Foucault

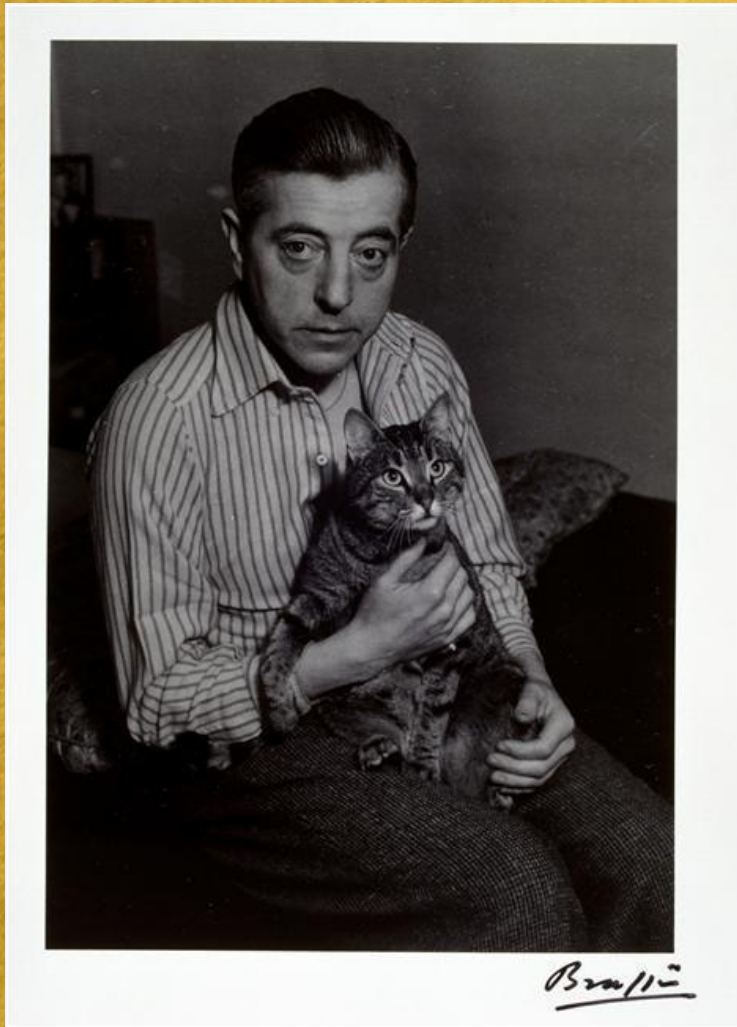
Felinosóficos



Jacques Lacan



Jacques Derrida



Jacques Prévert

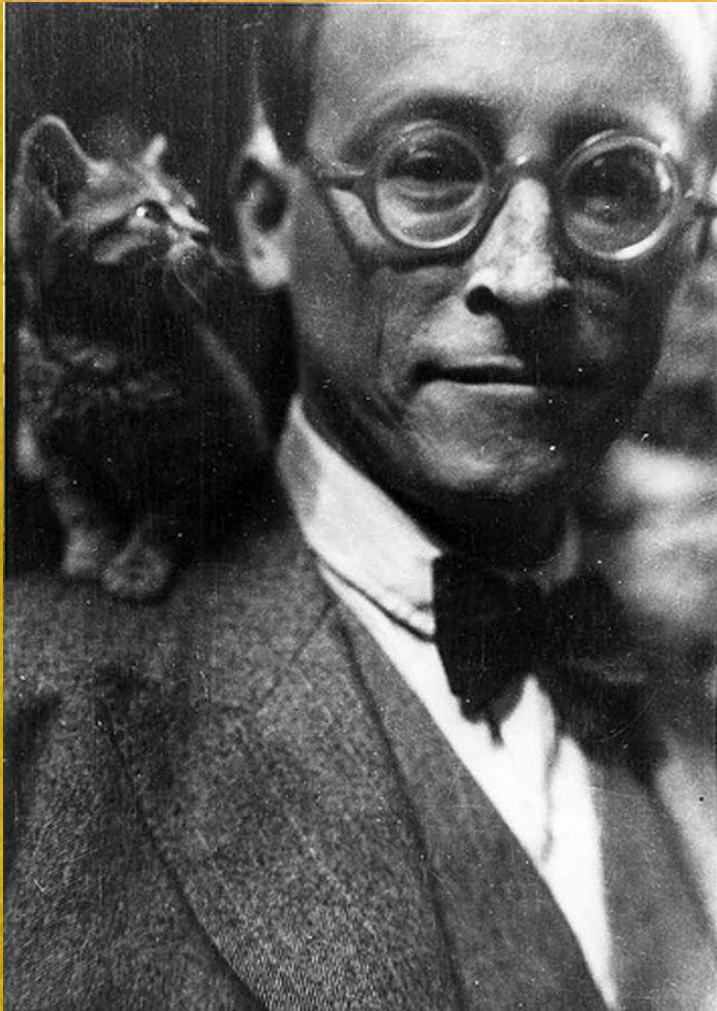


O gato e o pássaro

Uma cidade escura desolada
O canto de um pássaro ferido
É o único pássaro da cidade
E foi o único gato da cidade
Que o devorou pela metade
E o pássaro pára de cantar
O gato pára de ronronar
E de lambar o focinho
E a cidade prepara para o pássaro
Maravilhosos funerais
E o gato que foi convidado
Segue o caixãozinho de palha
Em que deitado está o pássaro morto
Levado por uma menina
Que não pára de chorar
Se soubesse que você ia sofrer tanto
Lhe diz o gato

Teria comido ele todinho
E depois teria te dito
Que tinha visto ele voar
Voar até o fim do mundo
Lá onde o longe é tão longe
Que de lá não se volta mais
Que você teria sofrido menos
Sentiria apenas tristeza e saudades
Não se deve deixar as coisas pela
metade.

Jacques Prévert



André Gide

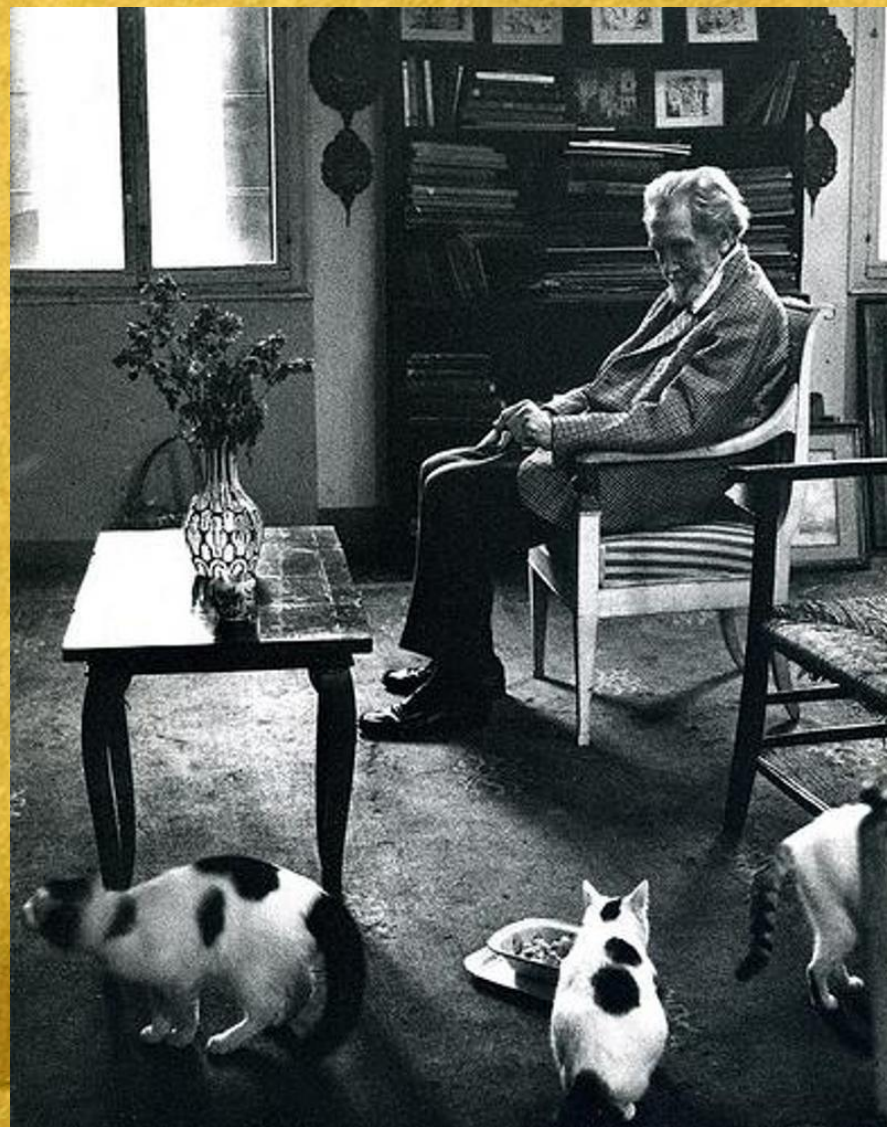


George Bernard Shaw

Tame Cat

"It rests me to be among beautiful women.
Why should one always lie about such matters?
I repeat:
It rests me to converse with beautiful women
Even though we talk nothing but nonsense,
The purring of the invisible antennæ
Is both stimulating and delightful."

EZRA POUND



O nome dos gatos

T.S.Eliot

Dar nome aos gatos é um assunto traiçoeiro,
E não um jogo que entretenha os indolentes;
Pode julgar-me louco como o chapeleiro,
Mas a um gato se dá TRÊS NOMES DIFERENTES.
Primeiro, o nome por que o chamam diariamente,
Como Pedro, Augusto, Belarmino ou Tomás
Como Victor ou Jonas, Jorge ou Clemente
- Enfim nomes discretos e bastante usuais.
Há mesmo os que supomos soar com som mais brando,
Uns para damas, outro para cavalheiros,
Como Platão, Admetus, Electra, Demétrio
Mas são todos discretos e assaz corriqueiros
Mas a um gato cabe dar um nome especial
Um que lhe seja próprio e menos correntio:
Se não como manter a cauda em vertical,
Distender os bigodes e afagar o brio?
Dos nomes desta espécie é bem restrito o quorum,
Como Quaxo, Munkunstrap ou Coricopato,
Como Bombalurina, ou mesmo Jellylorum...
Nomes que nunca pertencem a mais de um gato.
Mas, acima e além, há um nome que ainda resta,

Este de que jamais ninguém cogitaria,
O nome que nenhuma ciência exata atesta
SOMENTE O GATO SABE, mas nunca o pronúncia.
Se um gato surpreenderes com ar meditabundo,
Saibas a origem do deleite que o consome:
Sua mente se entrega ao êxtase profundo
De pensar, de pensar, de pensar em seu nome:
Seu inefável afável
Inefanefável
Abismal, inviolável e singelo Nome.

*Extraído do "Livro do velho Gambá sobre gatos
travessos".*

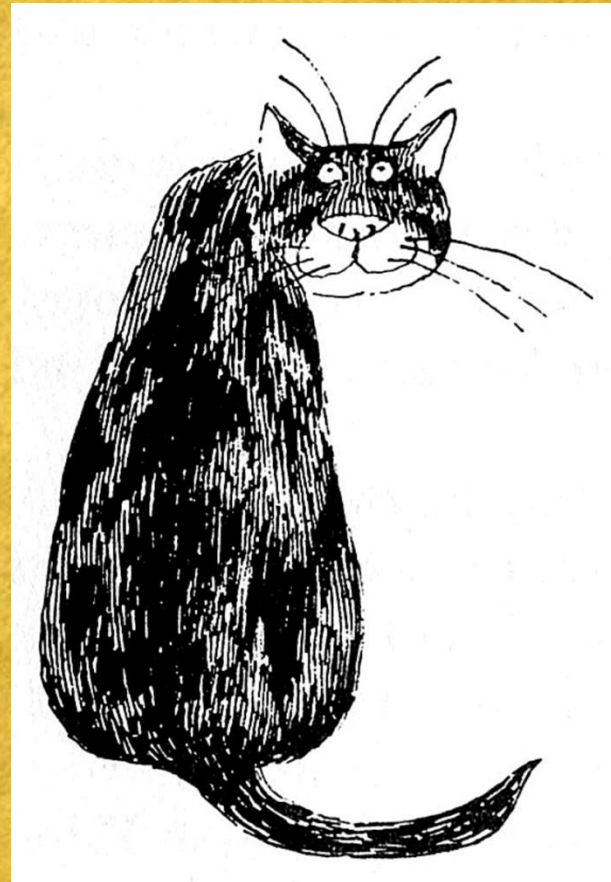
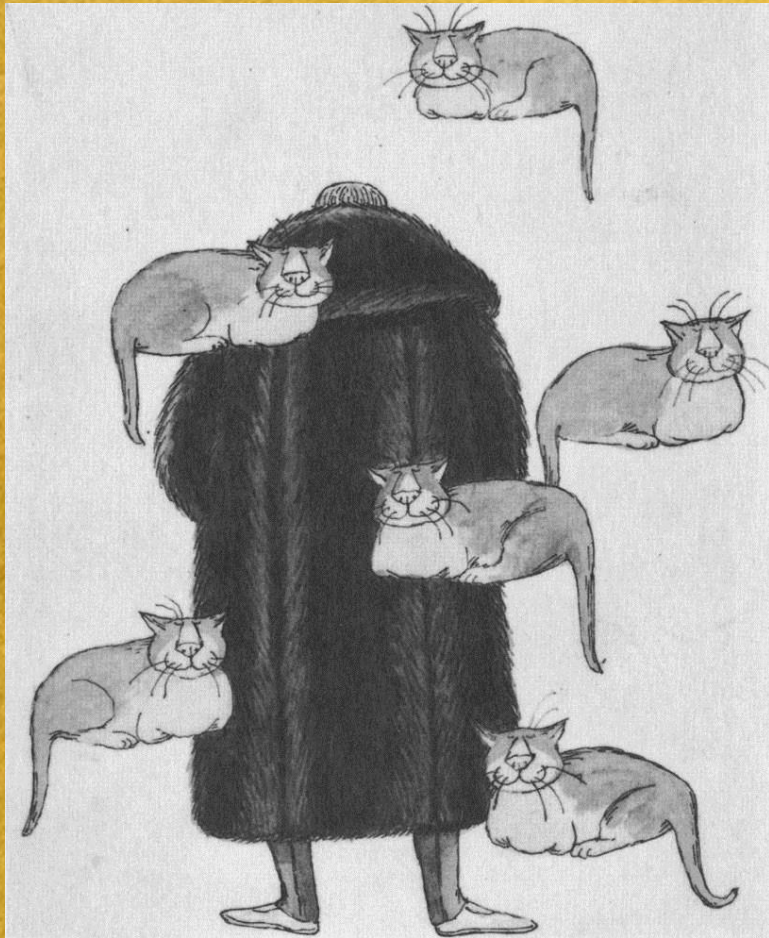
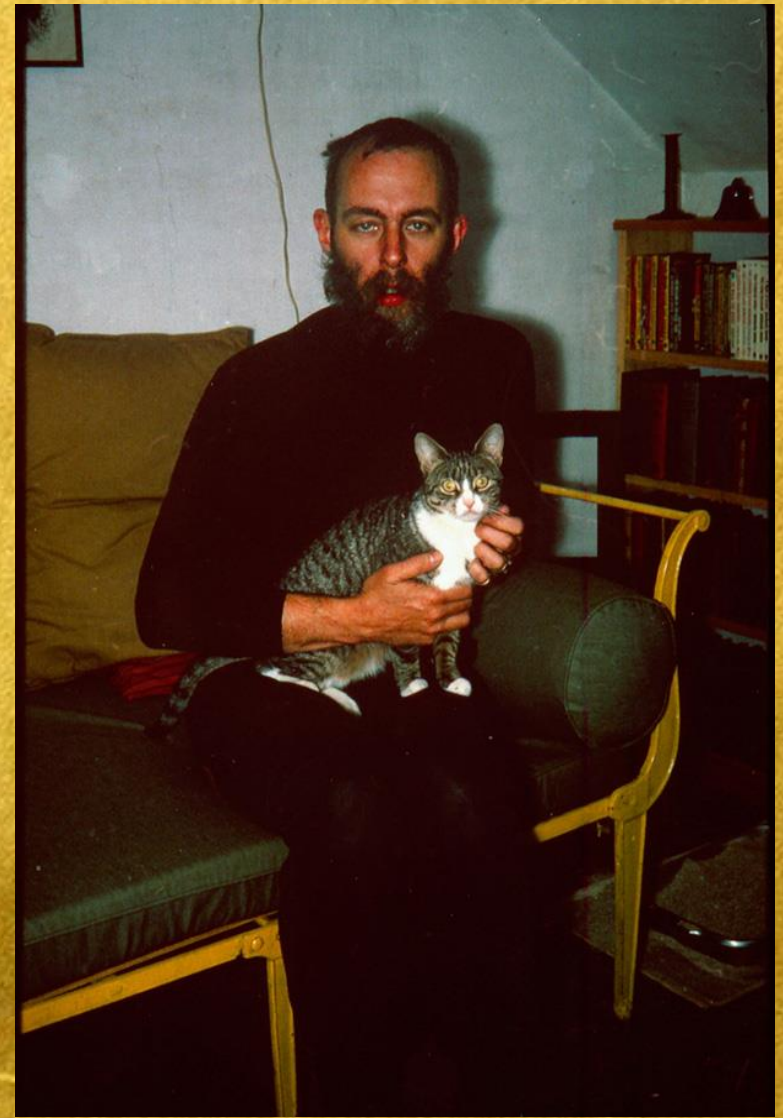
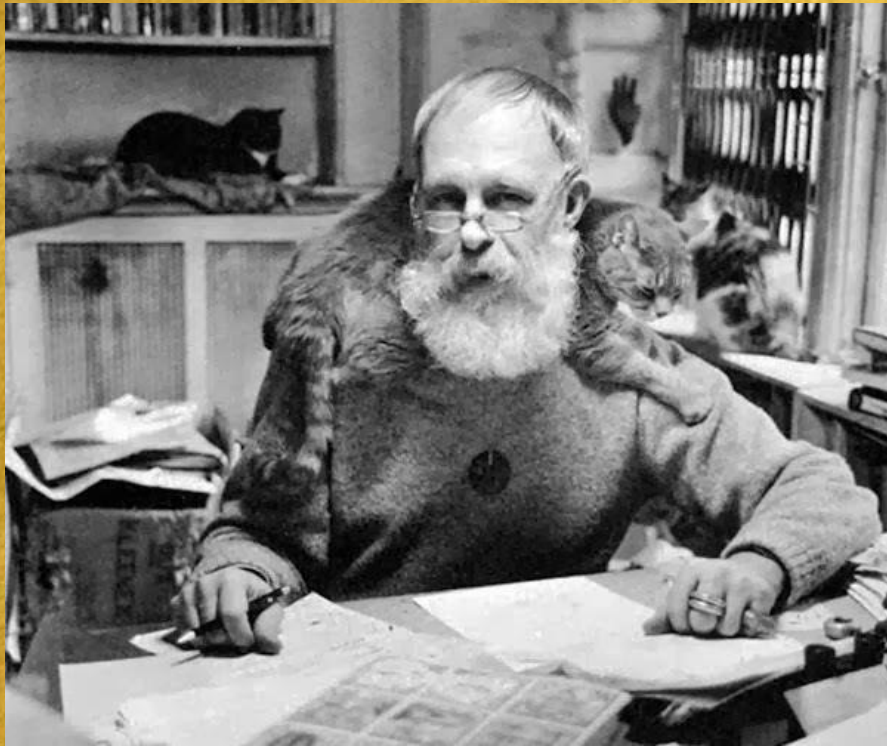


Ilustração de Edward Gorey's

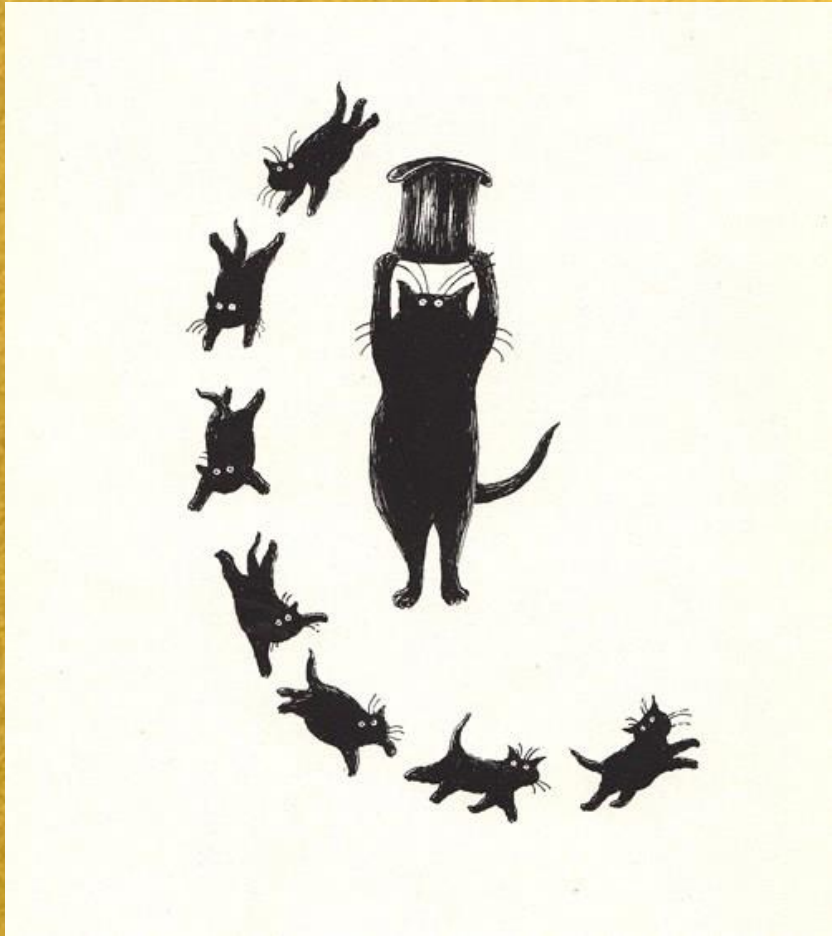


Edward Gorey's

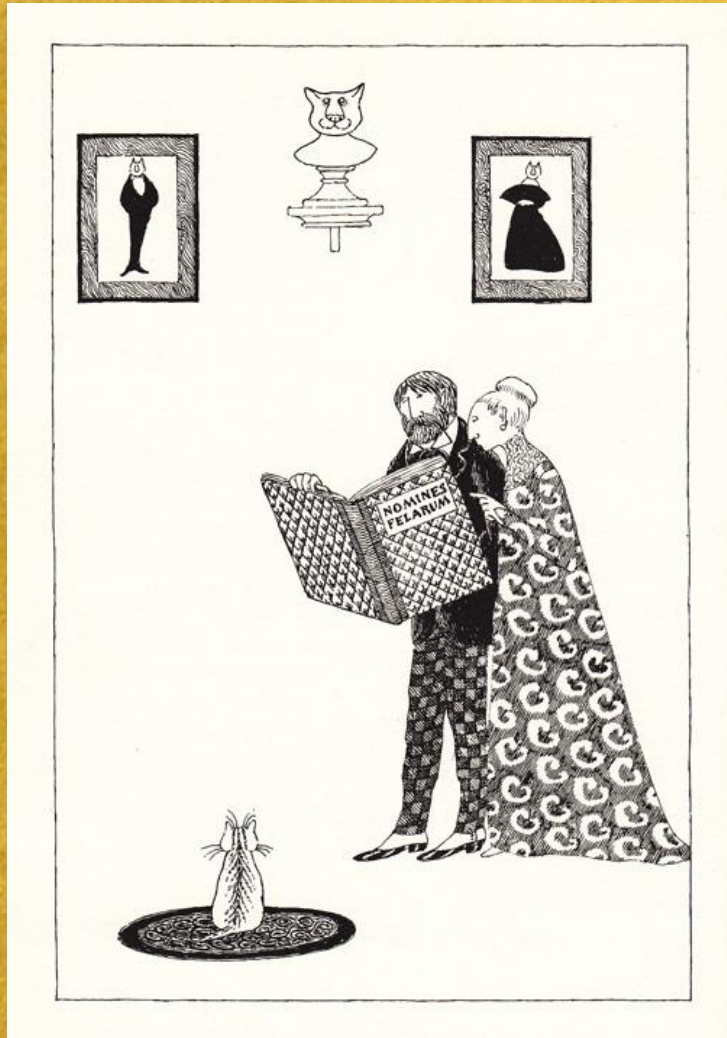




Edward gorey



Edward Gorey



E. Gorey

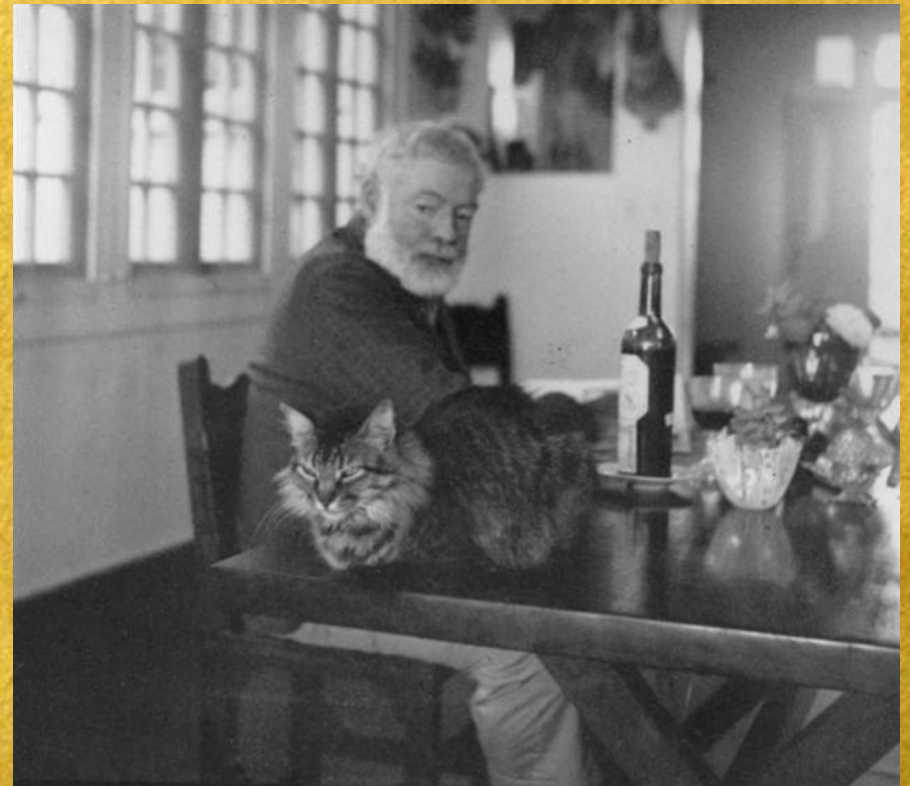
Os gatos foram colocados no mundo para
refutar o dogma de que todas as coisas
foram criadas para servir o homem.

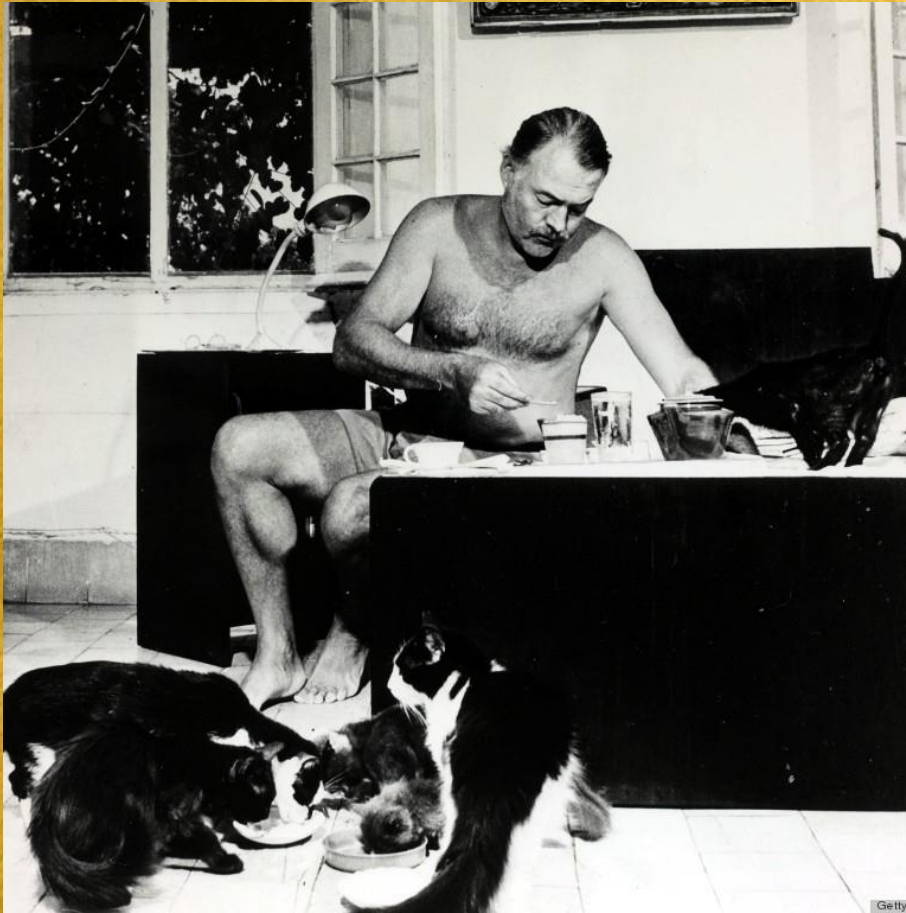
Ernest Hemingway



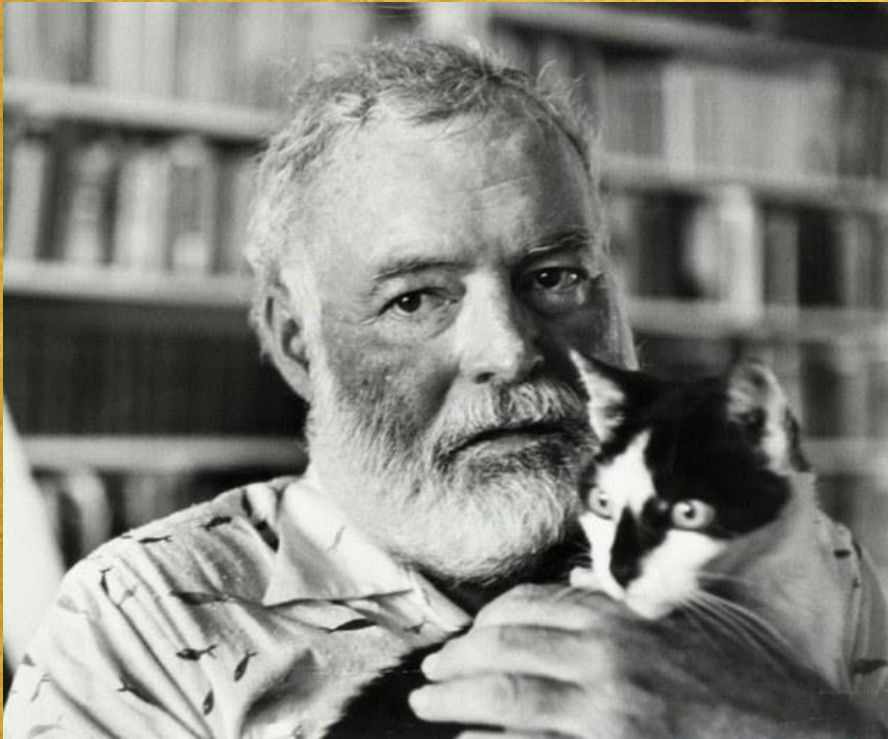
Um gato tem honestidade emocional absoluta: os seres humanos, por uma razão ou outra, podem esconder os seus sentimentos, mas um gato não o faz.

Ernest Hemingway





Os Gatos com Ernest Hemingway, um dos grandes escritores do século XX. Prêmio Nobel de Literatura em 1954.



“Querido Gianfranco

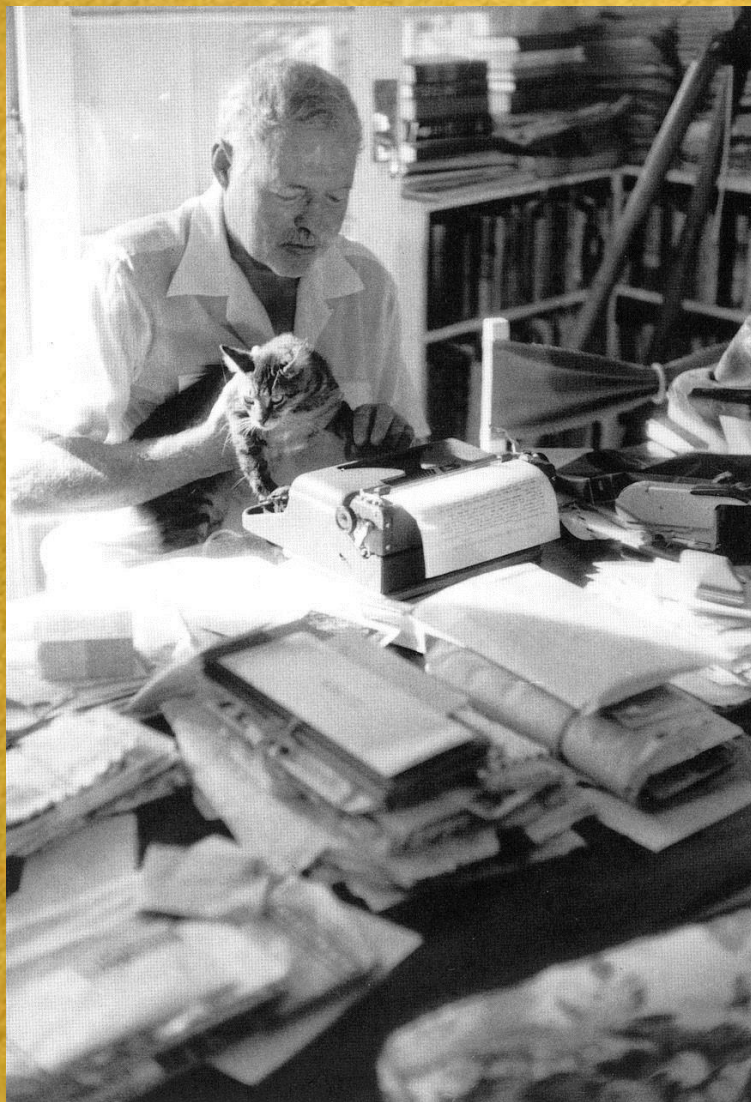
Só depois que eu terminei de lhe escrever e estava colocando a carta no envelope Mary desceu da Torre e disse: “Algo terrível aconteceu ao Willie”. Eu saí e encontrei Willie com as duas patas direitas quebradas: uma no quadril e outra abaixo do joelho.

Um carro deve ter atropelado ele ou alguém o acertou com um porrete. Ele veio pra casa nas duas patas de um lado durante todo o caminho. Foi uma fratura múltipla com muita sujeira na ferida e fragmentos ressaltados. Mas ele ronronou e pareceu estar certo de que eu poderia consertá-lo.

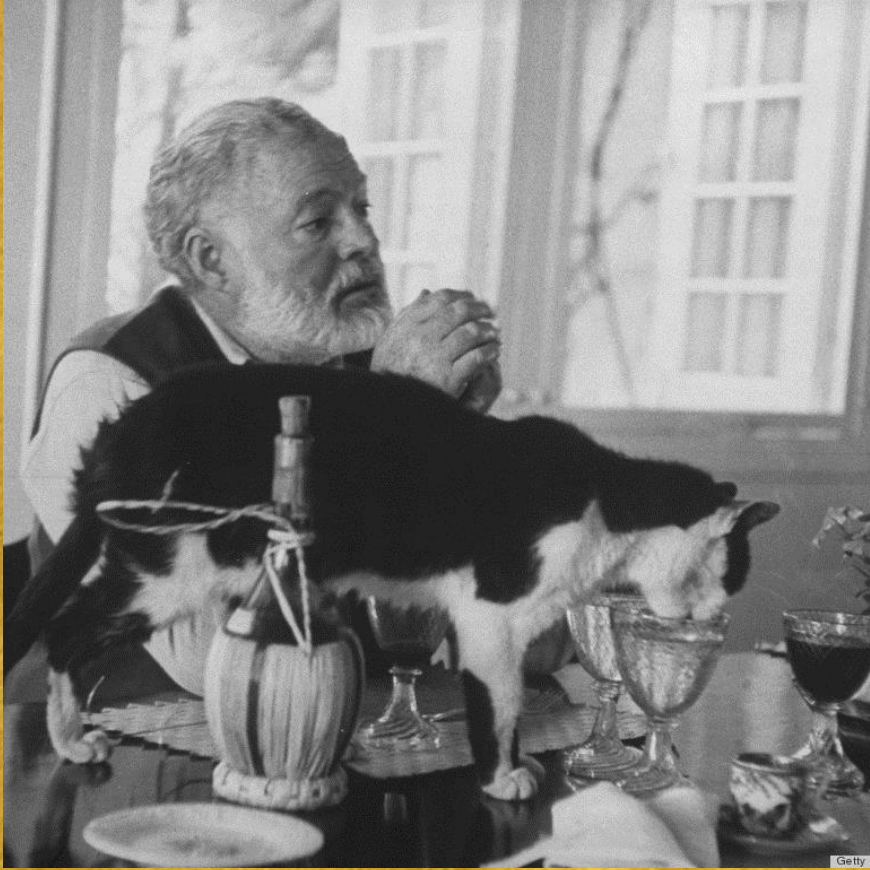
Pedi para René pegar uma tigela de leite para ele. René o segurou e o acariciou; Willie estava bebendo o leite enquanto eu atirei em sua cabeça. Eu não acho que ele poderia ter sofrido; os nervos tinham sido esmagados por isso suas pernas não tinham começado a doer realmente. Monstruo queria matá-lo para mim, mas eu não poderia delegar a responsabilidade ou deixar a chance de Will conhecer quem estava o matando...

Tive que atirar em pessoas, mas nunca em alguém que eu conhecia e amava há onze anos. Nem em alguém que ronronou com duas pernas quebradas . ”

Hemingway



Tempos depois do suicídio de Hemingway, em 1961, a casa dele, em Cuba e também na Flórida, foi transformada num museu, e entre isso e aquilo que o museu preservou estavam seus gatos.





Svetlana Petrova
artista russa

Torre de Marfim (fundos)

Sonha enfeitando a voz na roda da assembleia.
Será um poeta moderno entre tantos cartazes
propondo claro caminhos precisos
sem óculos e meus cabelos.

Miiiiuuuuuuuuuu

Os aplausos são barulhos
de gato, muro, gata, cio e lua.
Vai despertar sentado no sofá da sala
enrolando quieto aqueles mesmos cabelos
do sonho.

Marcos Falchero Falleiros



Foto: Diny Fonseca

Os dois Gatos

Bocage

Dois bichanos se encontraram

Sobre uma trapeira um dia:
(Creio que não foi no tempo
Da amorosa gritaria).

De um deles todo o conchego
Era dormir no borralho;
O outro em leito de senhora
Tinha mimoso agasalho.

Ao primeiro o dono humilde
Espinhas apenas dava;
Com esquisitos manjares
O segundo se engordava.

Miou, e lambeu-o aquele
Por o ver da sua casta;
Eis que o bratinho orgulhoso
De si com desdém o afasta.

Aguda unha vibrando
Lhe diz: "Gato vil e pobre,
Tens semelhante ousadia
Comigo, opulento, e nobre?"

Cuidas que sou como tu?
Asneirão, quanto te enganas!
Entendes que me sustento
De espinhas, ou barbatanas?

Logro tudo o que desejo,
Dão-me de comer na mão;
Tu lazeras, e dormimos
Eu na cama, e tu no chão.

Poderás dizer-me a isto
Que nunca te conheci;
Mas para ver que não minto
Basta-me olhar para ti."

"Ui! (responde-lhe o gatorro,
Mostrando um ar de estranheza)
És mais que eu? Que distinção
Pôs em nós a Natureza?

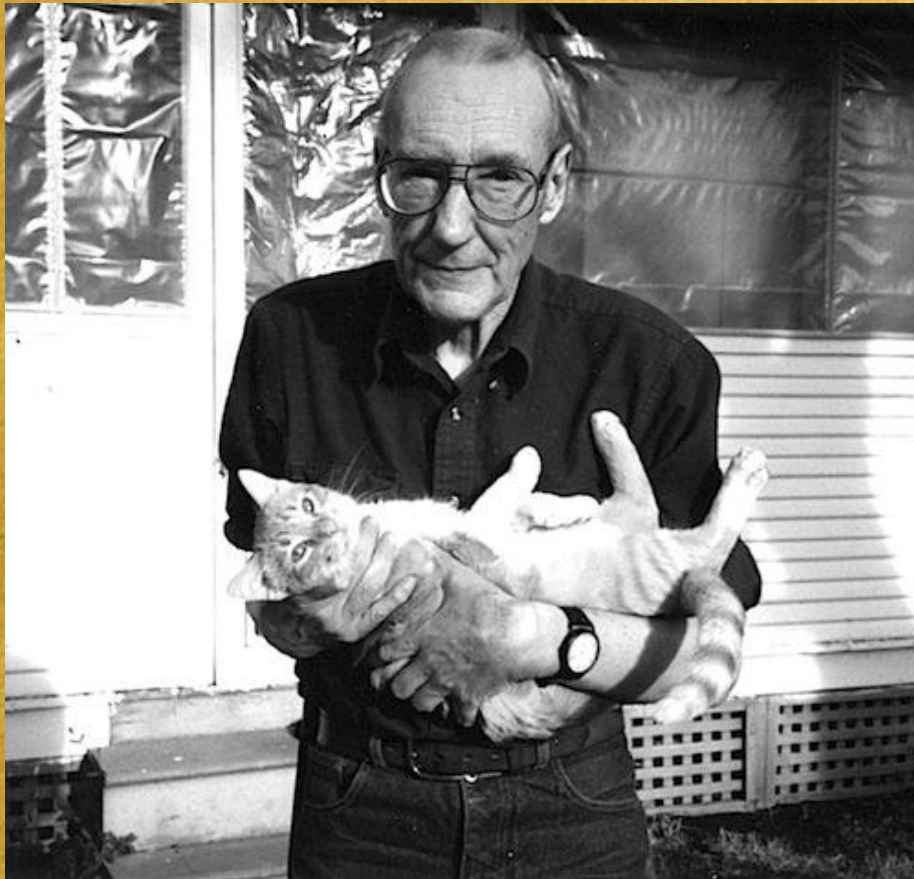
Tens mais valor? Eis aqui

A ocasião de o provar."
"Nada (acode o cavalheiro)
Eu não costumo brigar."

"Então (torna-lhe enfadado
O nosso vilão ruim)
Se tu não és mais valente,
Em que és sup'rior a mim?"

Tu não mias?" - "Mio." - "E sentes
Gosto em pilhar algum rato?"
"Sim." - E o comes?" - "Oh! Se como!..."
"Logo não passas de um gato.

Abate, pois, esse orgulho,
Intratável criatura:
Não tens mais nobreza que eu;
O que tens é mais ventura."



"O gato não oferece serviços. Ele se oferece. Claro que ele quer carinho e abrigo. O amor não é de graça. Como todas as criaturas puras, os gatos são pragmáticos!"

William Burroughs & o gato Rusk



'Todos vocês que amam os gatos lembrem que os milhões de gatos que miam pelos quartos do mundo depositam toda sua esperança e confiança em vocês. Somos os gatos por dentro. Os gatos que não podem andar sozinhos, e para nós há apenas um lugar.'

William Burroughs



William Burroughs com o poeta Allen Ginsberg

William Burroughs

O gato por dentro



"Um livro sobre como o convívio com gatos pôs Burroughs em contato com seu próprio eu."
(Harper's Bazaar)

L&PM
POCKET

PLUS



"Quando penso no início de minha adolescência, eu me lembro da sensação recorrente de aninhar e acariciar uma criatura contra meu peito. É bem pequena, mais ou menos do tamanho de um gato. Não é um bebê humano, nem um animal. Não exatamente. É parte humana e parte outra coisa. Lembro-me de uma ocasião em que isso aconteceu lá na casa da Prince Road. Eu devia ter doze ou treze anos. Eu me pergunto o que era... um esquilo?... não exatamente. Não consigo ver direito. Não sei de que ela precisa. Sei apenas que confia plenamente em mim. Muito mais tarde eu descobriria que fui escalado para o papel do Guardiã, para criar e alimentar uma criatura que é parte gato, parte humana e parte algo ainda inimaginável, que pode resultar de uma união que não acontece há milhões de anos".

William Burroughs



Allen Ginsberg, por Fred W. McDarrah.



THE CAT AND THE MOON

W.B. YEATS

The cat went here and there
And the moon spun round like a top,
And the nearest kin of the moon,
The creeping cat, looked up.
Black Minnaloushe stared at the
moon,
For, wander and wail as he would,
The pure cold light in the sky
Troubled his animal blood.
Minnaloushe runs in the grass
Lifting his delicate feet.
Do you dance, Minnaloushe, do you
dance?
When two close kindred meet,
What better than call a dance?

Maybe the moon may learn,
Tired of that courtly fashion,
A new dance turn.
Minnaloushe creeps through the
grass
From moonlit place to place,
The sacred moon overhead
Has taken a new phase.
Does Minnaloushe know that his
pupils
Will pass from change to change,
And that from round to crescent,
From crescent to round they range?
Minnaloushe creeps through the
grass
Alone, important and wise,
And lifts to the changing moon
His changing eyes.



Foto: Lotus Flower - Jacques Greene



Foto de Valdecir Ravazi



Foto reprodução internet

Banksy

em Gaza



três poemas inéditos de clara cruz

o murchar

Dentro de mim,
tua imagem é túrgida
túrgida
balão prestes a estourar.

Tarde da noite
o balão arrebenta
pois já não aguenta
a pressão do meu ar:

sou eu o balão
e o próprio insuflar.

Eu própria a agulha
com o poder de esvaziar.

Túrgida eu estava
de coisas para falar.



bolacha maria

O que estaríamos falando nós duas
agora, naquela cena muda?
Como seria viver
sem ter tido a tua ajuda
que tornava tão mais fácil
atravessar as noites frias?

Eram tão escuras as noites...
Encerravam tantos medos...
Mas teu enorme amor por mim
sem reservas, sem segredos
me protegia das tempestades.

Me protegia de mim mesma,
da insônia de meu corpo.
Me acalmava o passar do tempo
pois ao teu lado eu sempre sabia
quando já
não era tão cedo
quando ainda
não era dia.

Sem saber que sabia,
de angústia você entendia.
A minha você acalmava
com amor e bolacha maria.

vamos chover?

I
O meu corpo
é um poema aprisionado.

Alheio a mim
e incôscio de si,
enche-se de ar
(linguagem reprimida...)
e incha
incha
até que por fim arrebenta-se em versos
para tudo quanto é lado.

O meu corpo
é um poema libertado.

II
A pulsão de morte atravessa meu corpo
e ele se incha como um balão...

A pulsão de morte deixa meu corpo,
e o balão se esvazia...

O meu corpo
é um poço de sabedoria muda.

[Clara Cruz]



HAICATS

Gato esperto
ronrona baixinho
segredos da lua

Chuva caindo
o felino arranha
fio de tempo

O sereno cai
no telhado a gata
desequilibra

Mara Faturi



BUKOWSKI

SOBRE GATOS



L&PM EDITORES

when I am feeling
low
all I have to do is
watch my cats
and my
courage
returns.

I study these
creatures.

they are my
teachers.

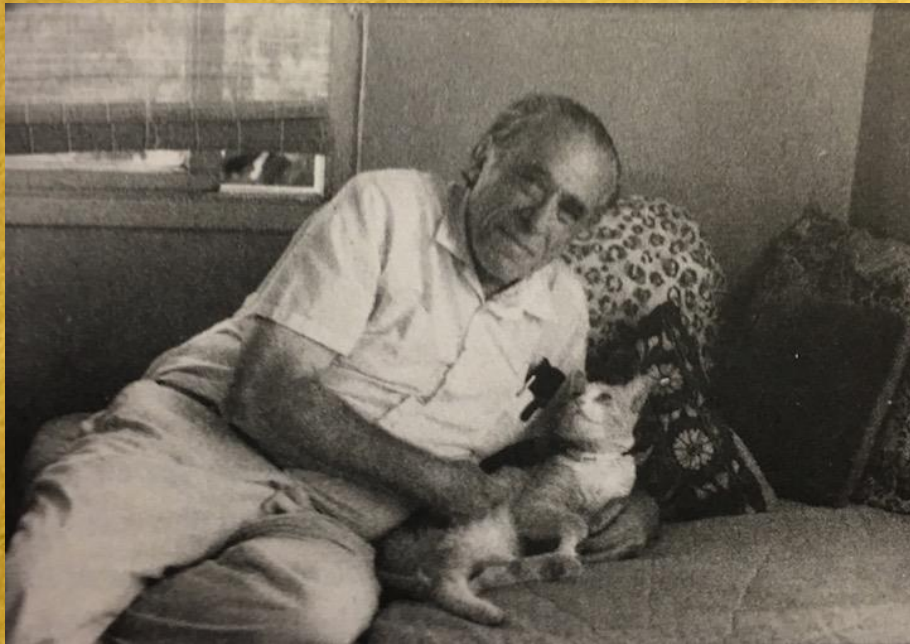
- Charles Bukowski



Luz Quente

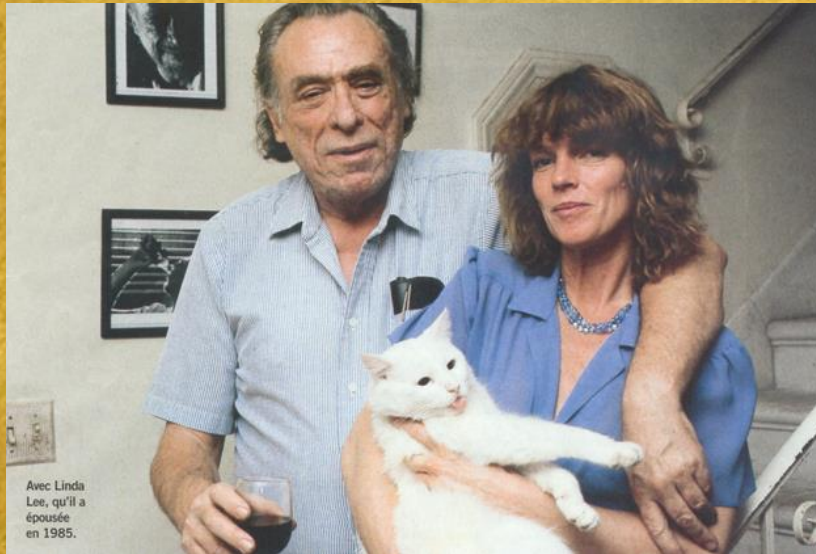
sozinho
esta noite
nesta casa,
sozinho com
6 gatos
que me contam
sem
esforço
tudo que
há
para saber.

Bukowski



Ter um bando de gatos por perto é bom. Se você está se sentindo mal, é só você olhar para os gatos e vai se sentir melhor, porque eles sabem que tudo é, tal como é. Não há nada para ficar animado. Eles apenas sabem. Eles são salvadores. Quanto mais gatos você tem, mais tempo você vive. Se você tem uma centena de gatos, você vai viver dez vezes mais do que se você tem dez. Algum dia isso vai ser descoberto, e as pessoas terão mil gatos e viverão para sempre. É realmente ridículo.

BUKOWSKI



I know. I know.
they are limited, have different
needs and
concerns.
but I watch and learn from them.
I like the little they know,
which is so
much.
they complain but never
worry,
they walk with a surprising dignity.

they sleep with a direct simplicity that
humans just can't
understand.
their eyes are more
beautiful than our eyes.
and they can sleep 20 hours
a day
without
hesitation or
remorse.
when I am feeling
low
all I have to do is
watch my cats
and my
courage
returns.
I study these
creatures.
they are my
teachers.

Charles Bukowski

três poemas inéditos de amador ribeiro neto

chamada



piá

guri

curumi

os gatos todos aqui

confusione

este rango

nhoc rock

italo-paulista

mamma

mia

gato

na

cucina

valeu

orra meu



amador ribeiro neto

ângela rô rô

&

dinovo

dinovação

nada porra nenhuma

só aquele merda

dedo pontal dedal us ulisses meu gato

dia após

claricedia

imagina vagina

falta

imaginação

dear faz ready made faz

finge lúgia

fingers

ô bicho

[amador ribeiro neto]



E. P. Thompson

Casola Valsenio: The Cat

I'm sure no love of ours had kept her there
After her máster left. She hid herself from
sight
By day. She seemed to know that men had ceased
to care
For company. So she patrollerd, like us, at
night,
And often in the dark we started up in fright,
Thinking she was the enemy inside our wire.
But still we let her be, until she tripped a
flare,
And spent its light, and shows the Germans
where we were.
I ordered that the cat be shot. 'There is no
time
In war to exhaust one's heart on animals,' I
said,
'What is a shell-torn forest to one shattered
home?
This wretched car before a human life?' I
said.
'The longer that she lives the sooner we'll be
dead.
Besides, she'll serve to give your markmanship
a cherk.'
So we waited. And the next time that she came

A man fired, wounding the creature in the
neck.

She cried and all night wandered crying in the
snow.
Her blood thawed crimson patches in the bitter
white.
And still we heard her weakening below
Until the soldiers' faces wasted into white
And misting pity misinformed the sentries'
sight,
Because of her complaint who wandered to and
fro
And was distressed by forces which she could
not know
And in her time of dying had no place to go.
War, when a soldiers dies, his comandes turn
away
Their eyes and shut their hearts. There is no
man who'd dare
Consider on the thing and still maintain the
day.
It is set by for remebering in a future year.
And so it was this sorrow entered unaware
And vanquished us. And we were half-ashamed to
show
Such pity for a creature we set out to slay.
She was the waste of Europe, crying in the
snow.

[E. P. Thompson (1924-1993). Grassina, February 1945]

Casola Valsenio: A Gata

Eu estava certo de que não era nosso amor que a mantilha ali
Depois que seu dono a largou. Ela escondeu-se ao sinal
Do dia. Parecia saber que os homens já não se importavam
Pela civilidade. Então ela patrulhava, como nós, à noite,
E frequentemente na escuridão caímos em pavor;
Pensando que ela era o inimigo dentro de nossas cercas.
Mas, ainda assim, livre a deixamos, até que tropeçara num lampejo
E sua luz consumira e mostrara aos Alemães onde estávamos.
Ordenei que a gata fosse alvejada. 'Não há momento Na guerra que o coração de alguém se esgote pelos animais, ' disse,
'Diante de um lar destruindo, o que é uma floresta despedaçada?
Esta gata desventurada ante uma vida humana? ' acrescentei.
'Quanto mais ela vive, mais cedo será para estarmos mortos.
Além do mais, ela servirá para você checar sua pontaria.'
E então, aguardamos. E no momento que ela veio

Um homem disparara, acertando a criatura no pescoço.
Ela chorou e por toda noite vaga chorando na neve. Suas manchas vermelhas de sangue descongelado no frio cruel
E ainda ouvimos seu fraquejar gradual
Até as faces embriagadas dos soldados ficarem pálidas
E uma enevoadada misericórdia desorientar as vistas dos sentinelas,
Por conta de suas queixas de quem vagueara lá e cá
E por forças das quais não poderia conhecer, ficara angustiada
E na hora de sua morte não possuía lugar algum para ir.
Guerra, quando um soldado morre, seus camaradas retiram
Seus olhos e cerram seus corações. Não há homem algum que ousaria
Considerar tal coisa e ainda manter rotina.
Fato pelo qual recordaríamos em futuro próximo.
E então isso foi este infortúnio alheamente inserido
E derrotou-nos. E estávamos um pouco desconcertados por mostrar
Tanta piedade por uma criatura que pretendíamos matar.
Ela era a devastação da Europa, chorando na neve.

[E. P. Thompson (1924-1993). Grassina, Fevereiro 1945]

Tradução do poeta e historiador Raul Ávila de Agrela.

Poema do historiador e poeta inglês E. P. Thompson (1924-1993). Escrito em fevereiro de 1945 em Grassina, cidade italiana, quando este participava da II Guerra Mundial, enquanto comandante de uma tripulação de tanques. Thompson tinha 21 anos. O poema fala de um incidente: uma gata diante de uma tripulação inglesa em campanha na Itália. A gata, no poema, põe em cheque a sensibilidade instaurada nos homens na guerra. O poema diz de um furação sensível de uma tripulação ao tomar a decisão de alvejá-la, o que era inelutável, pois seus passos entregariam aos alemães a localidade da tripulação inglesa. Por isso, o soldado que a alvejou, "acertando a criatura no pescoço" e vendo o animal cambalear débil, deixando escorrer "manchas de sangue vermelho descongelado no frio cruel", juntamente com os outros soldados tem suas "faces embriagadas" empalidecidas. O mínimo incidente de um animal que aparece para uma tripulação de tanque comandada pelo E. P. Thompson, tornar-se um incidente de grande valor moral. No fim, tomando a perspectiva de todos, o poeta diz que "estávamos desconcertados por mostrar / tanta piedade por uma criatura que pretendíamos matar." Não se espera combater um animal na

guerra, só homens. Homens que representam nações. O animal poderia passar despercebido. Mas não. Pela guerra, a gata deveria morrer, pois sua aparição fora um "infortúnio alheamente inserido". E os soldados souberam que isso era infeliz, porém inevitável. Como a própria circunstância de desdobramento da guerra. Ela fora infeliz e fora se tornando mais infeliz ainda, mas a sensação era de que se precisa continuar para acaba-la. Matar para findar. Matar a gata para findar a guerra. Deixar o sangue correr no "frio cruel". O sangue era a própria Europa: "Ela era a devastação da Europa, chorando na neve".

Raul Ávila de Agrela



Inger Hagerup



Georges Perec

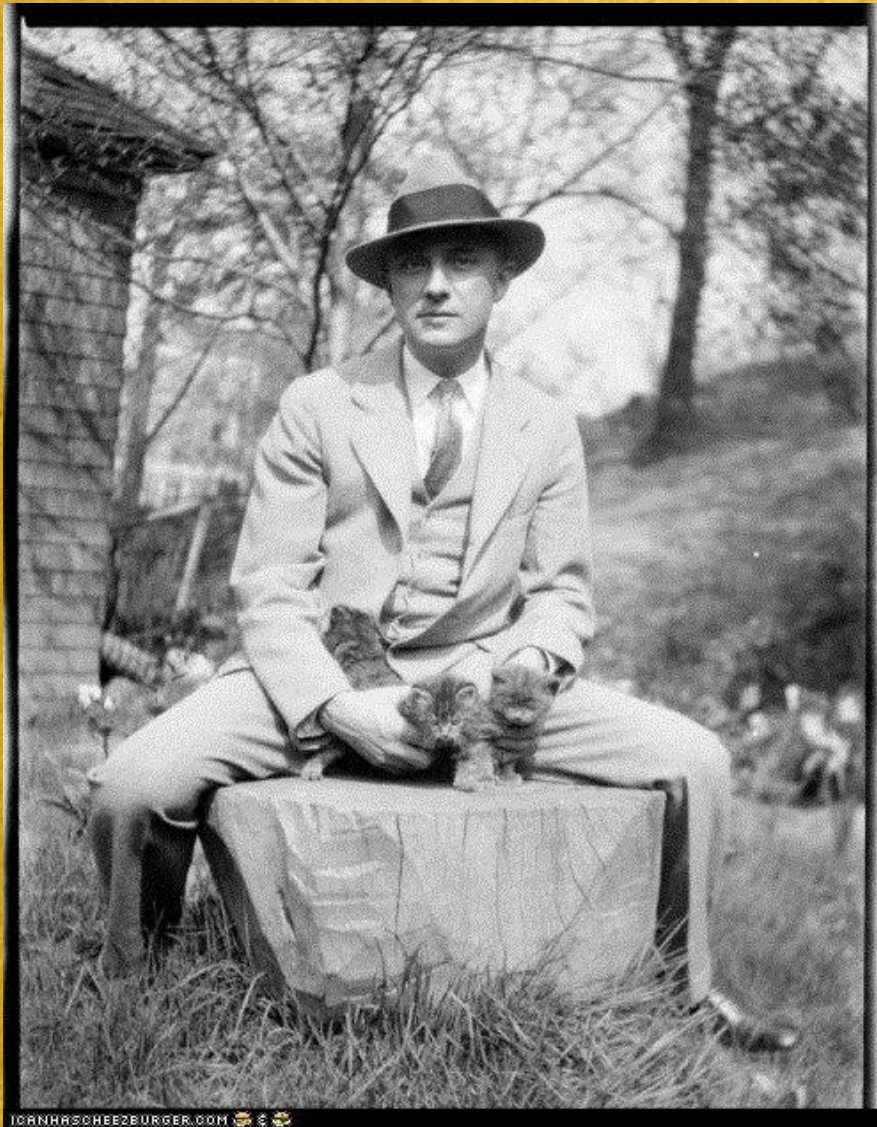


Roberto Bolaño



Hermann Hesse, recebeu Prêmio Nobel de Literatura em 1946.





*As the cat
climbed over
the top of*

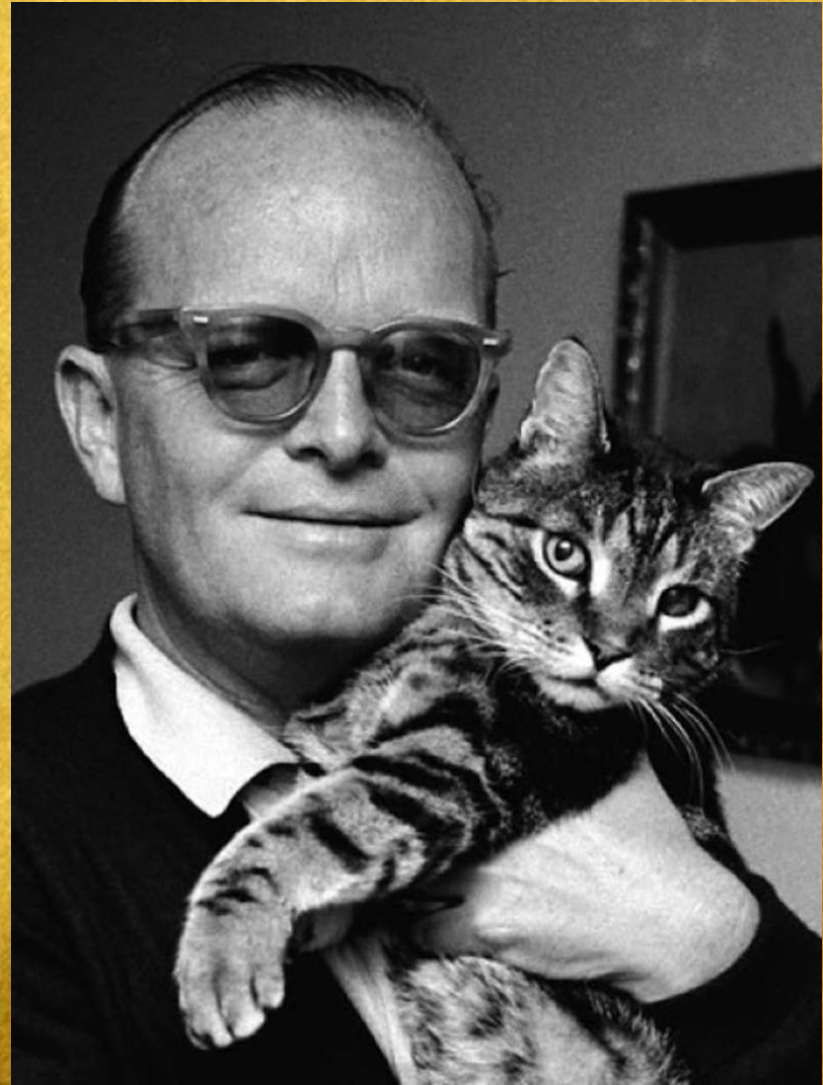
*the jamcloset
first the right
forefoot*

*carefully
then the hind
stepped down*

*into the pit of
the empty
flower pot*

[WILLIAM CARLOS WILLIAMS]

Truman Capote



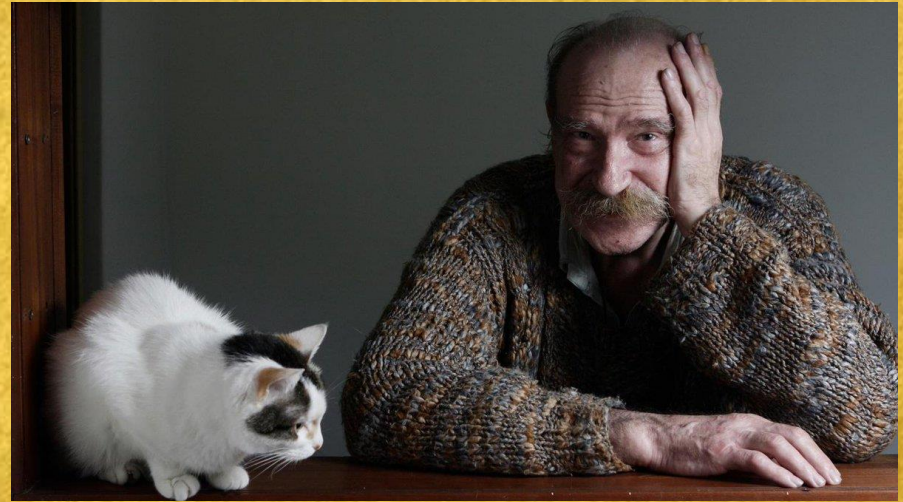
Pobre desgraçado... - lamentou-se, coçando-lhe a cabeça. - Pobre desgraçado sem nome. Não é muito correto que ele não tenha um nome. Mas eu não tenho qualquer direito de lhe pôr um nome, vai ter de esperar pertencer a alguém. Nós apenas nos encontramos um belo dia à beira-rio, não pertencemos um ao outro, ele e eu somos independentes.

Truman Capote





Alberto Moravia



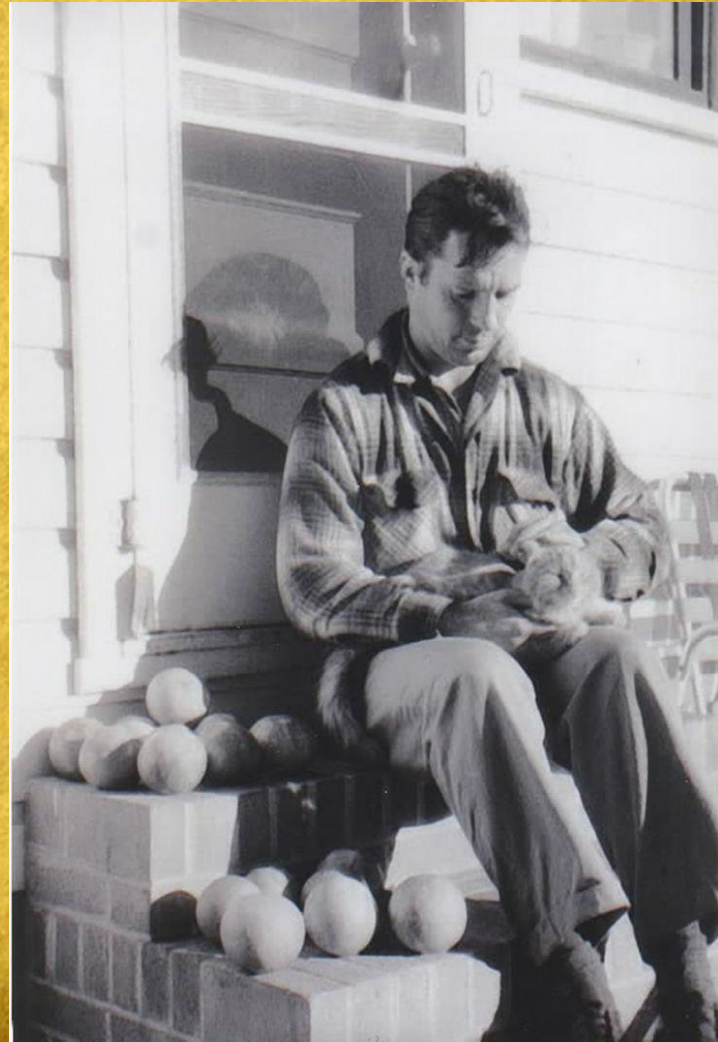
Albeto Laiseca

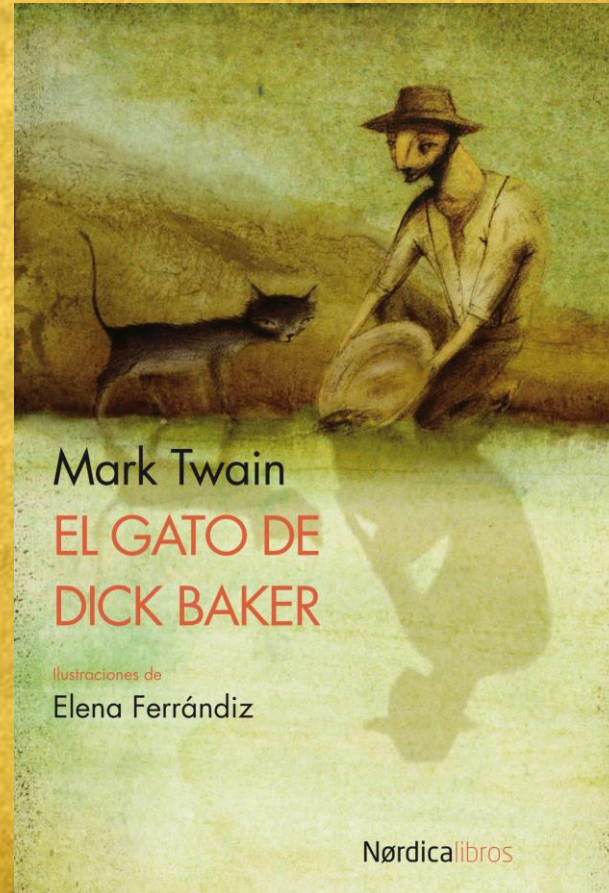
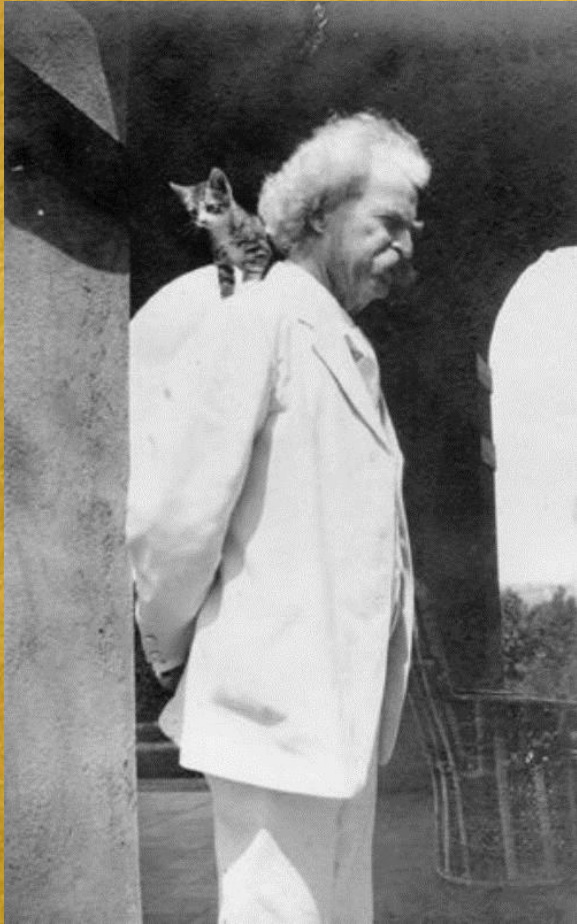
Our cat is growing positively tyrannical. If she finds herself alone anywhere she emits blood curdling yells until somebody comes running. She sleeps on a table in the service porch and now demands to be lifted up and down from it. She gets warm milk about eight o'clock at night and starts yelling for it about 7.30.

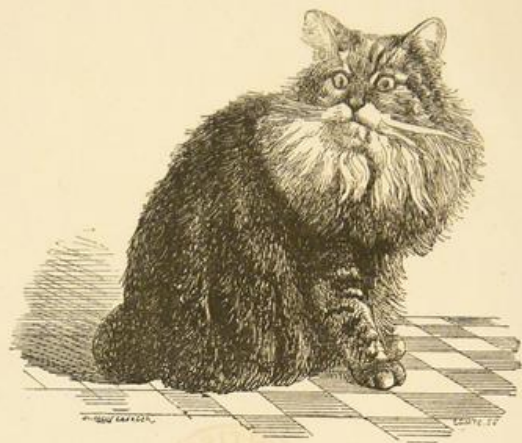
RAYMOND CHANDLER



Jack Kerouac







c'est lui, c'est
mon chat, qui a fait dire à May
de ses jambes de chat et de faire
le gros dos, le mouillonne : Vieux
a fait le chat pour donner
à donner le plaisir de carottes
la tige : Victor Hugo

O Perigo da Hesitação Prolongada

"Toda a gente há-de ter notado o gosto que têm os gatos de parar e andar a passear entre os dois batentes de uma porta entreaberta. Quem há aí que não tenha dito a algum gato: «Vamos! Entras ou não entras?» Do mesmo modo, há homens que num incidente entreaberto diante deles, têm tendência para ficar indecisos entre duas resoluções, com o risco de serem esmagados, se o destino fecha repentinamente a aventura. Os prudentes em demasia, apesar de gatos ou porque são gatos, correm algumas vezes maior perigo do que os audaciosos.

Victor Hugo



Um gato vive um pouco nas poltronas, no cimento ao sol, no telhado sob a lua. Vive também sobre a mesa do escritório, e o salto preciso que ele dá para atingi-la é mais do que impulso para a cultura. É o movimento civilizado de um organismo plenamente ajustado às leis físicas, e que não carece de suplemento de informação. Livros e papéis, beneficiam-se com a sua presteza austera. Mais do que a coruja, o gato é símbolo e guardião da vida intelectual."

Carlos Drummond de Andrade

Um simples trator esmaga
os lírios luminescentes.
Os arranha-céus cresceram,
nasceram novas crianças,

vieram outros marginais,
outros iníquos eventos,
resignações e protestos,
e não se falou mais nisso.

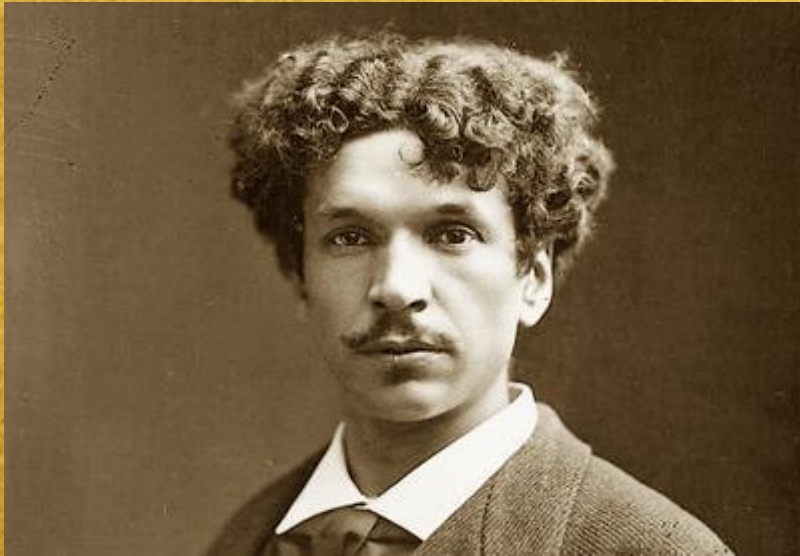
CLORINDO GATO

O marginal
Clorindo Gato

Carlos Drummond de Andrade



avenir editora



Charles Cros (1842- 1888)

SEPTIÈME ANNEE. — N° 346 LE NUMERO 15 CENTIMES SAMEDI 1^{er} SEPTEMBRE 1888

LE CHAT NOIR

DIRECTEUR
RODOLPHE SALIS
SECRÉTAIRE DE LA RÉDACTION
JOSÉ-MARIA DE HEREDIA
Paris, 1888.

RÉDACTEUR EN CHEF
ALPHONSE ALLAIS
SECRÉTAIRES DE LA RÉDACTION
ALBERT TINGHANT
GEORGE AURIOL

ABONNEMENTS

PARIS

1 An 10 »
6 Mois 7 »

DÉPARTEMENTS

1 An 12 »
6 Mois 8 »

Rédaction et Administration, 12, rue Victor Massé.

TIRAGE JUSTIFIÉ
19,000 Exemplaires

VENTE EN GROS

S'adresser à
M. BOURBIER
et, Rue du Croissant

POUR LES ANNONCES

S'adresser à
U. Combémare
et, rue Bréa.

Annonces, la ligne. 3 »
Réclames 5 »
Faits-divers 7 »

PARAISANT LE SAMEDI

LITTORALEMENT

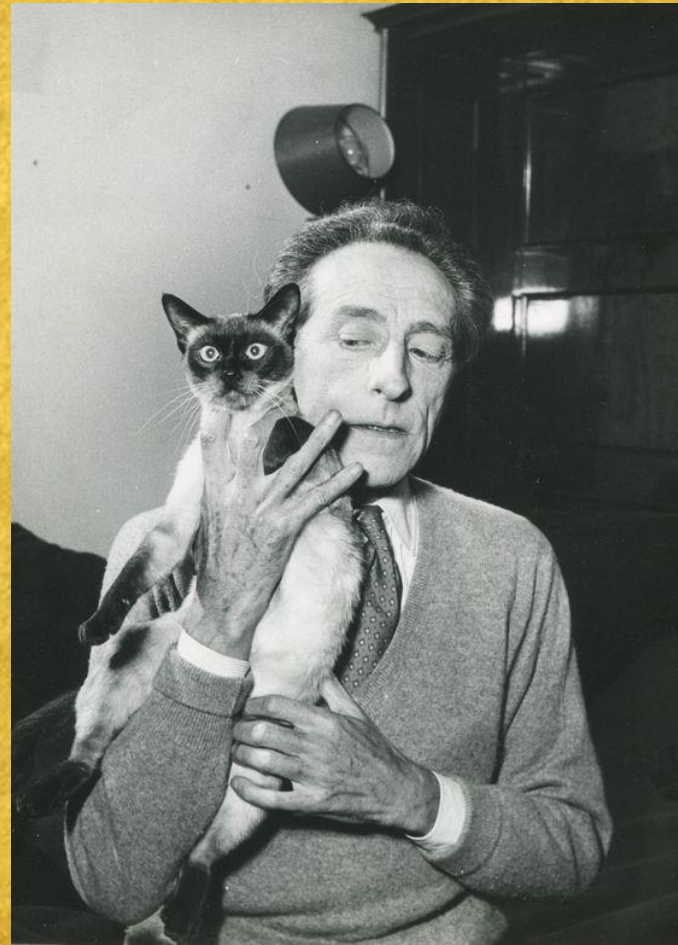
Cherou perou son plaisir ou il le trouva,
dit un proverbe norvégien.

Dix mille francs à lui qui s'évadaient dans la poche d'un nommé Loripeau, caissier chez les frères Lestudois, banquiers ?
Ce Loripeau, trouvant sans doute le climat du Havre un

Le jeune Havrais tira naïvement de sa poche un pistolet ou deux :
— Mes dix mille francs ?
— Voilà



Chico Xavier



Jean Cocteau

O gato tranquilo

Ei-lo, quieto, a cismar, como em grave sigilo,
vendo tudo através a cor verde dos olhos,
onça que não cresceu, hoje é um gato tranqüilo.
A sua vida é um "manso lago", sem escolhos...

Não ama a lua, nem telhado a velho estilo.
De uma rica almofada entre os suaves refolhos,
prefere ronronar, em gracioso cochilo,
vendo tudo através a cor verde dos olhos.

Poderia ser mau, fosforescente espanto,
pequenino terror dos pássaros; no entanto,
se fez um professor de silêncio e virtude.

Gato que sonha assim, se algum dia o
entenderdes,
vereis quanto é feliz uma alma que se ilude,
e olha a vida através a cor de uns olhos verdes.

Cassiano Ricardo



Um gato chinês

–

Era uma vez

Um gato chinês

Que morava em Xangai

Sem mãe e sem pai

Que sorria amarelo

Para o rio Amarelo

Com seus olhos puxados

Um para cada lado

Era uma vez

Uma gato mais preto

Que tinta nanquim

De bigodes compridos

Feito mandarim

Que quando espirrava

Só fazia “chim”!

José Paulo Paes



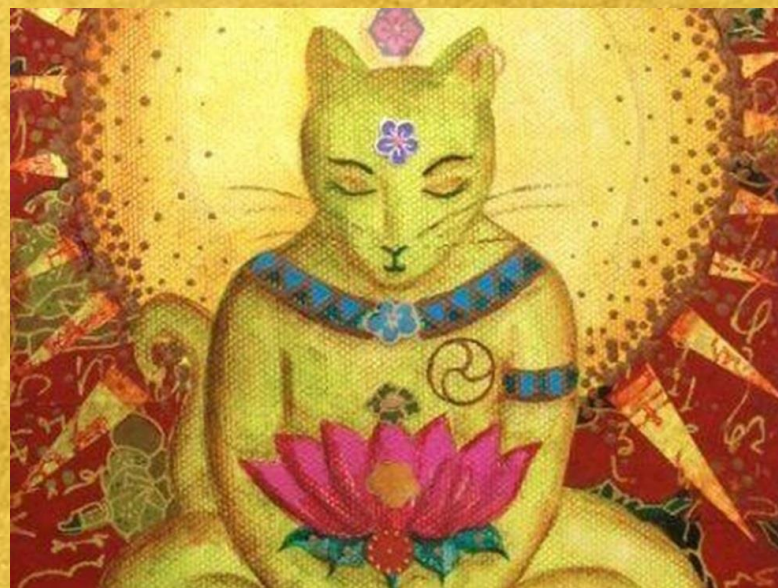
Jackie Morris

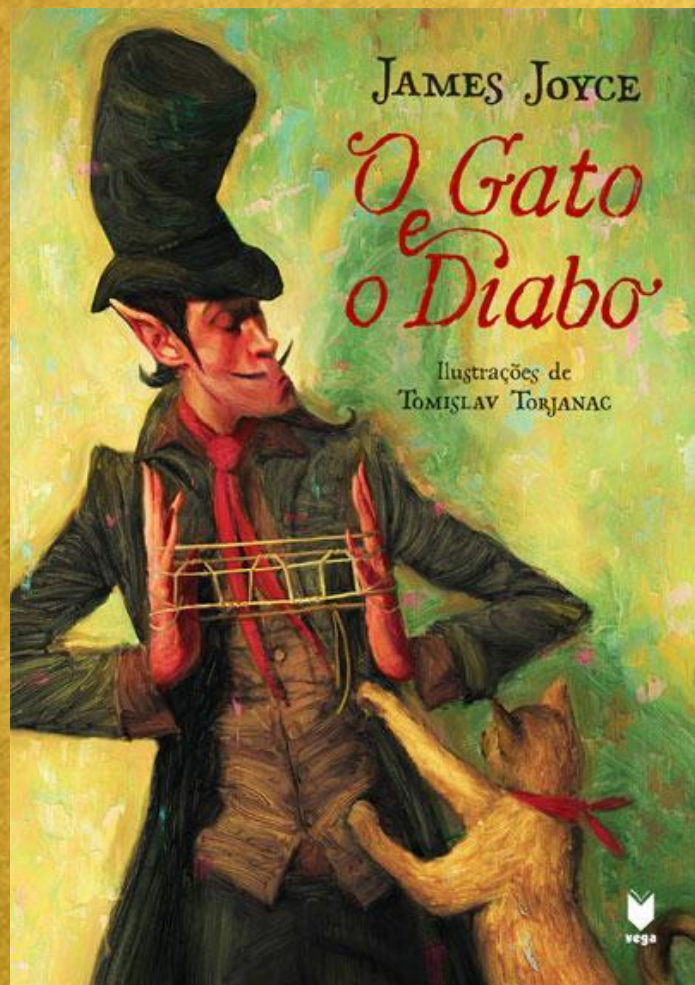
Tão mirrada,
De tanto arroz e cevada,
A gata enamorada.

Bashô

Nem se lembra
Do arroz grudado ao bigode
Gato enamorado

Taigi





Gatos e atos

Bartolomeu Correia de Melo

Para quem, nos felinos, aprecia,
a beleza, o carisma, o fino trato,
um simples gato pode ser poesia...

1
Chegando devagarinho,
o gato leva o silêncio
ao canto do passarinho.

2
O amor indiscreto
dos gatos de rua
ofende a pureza da lua?

3
Na mesa posta,
o gato se lambe
porque se gosta.

4
Um pulo de gato,
gracioso e exato,
qual verso no ar...

5
Tapeando a rosa,
o gato antegoza
ciúmes do beija-flor...

6
O rabo do gato no muro
descreve uma interrogação
que insulta o cachorro no chão.

7
No rastro do rato,
o gato, sem bulha,
mergulha no mato.

8
Os olhos do gato preto,
repiscam no negrume,
namorando o vagalume.

9

Gato gaiato,
bola de pelo,
rola o novelo.

10

A gata dengosa no cio,
olhando o telhado vazio,
parece gemer sete vidas.

11

Resta vaga magia
quando o gato afia
as unhas no tapete.

12

A tarde se fica,
enquanto o gato
dorme na bica.

13

Na poça de rua,
um gato bebendo
o brilho da lua.

14

Do gato, restou o ronronado;
mas do canário, coitado,
apenas as penas.

15

No contrazul da janela,
qual nuvem no contravento,
gato branco passa lento...

16

Um gato vadio
miando no frio:
assim me sinto.

17

Olhar de gato,
mesmo com sono,
ainda decifra o dono.

18

Na rua antiga, cena de aquarela,
em cores triviais de tarde morna;
a madorna dum gato na janela.

19

O olhar da gata persa
conta uma estória inversa
das mil e uma noites.

20

Um gato pardo de andar
esguio e desafio
no olhar de esfinge.

21

Por causa dum gato,
sem dono nem sono,
perdi meu sapato.

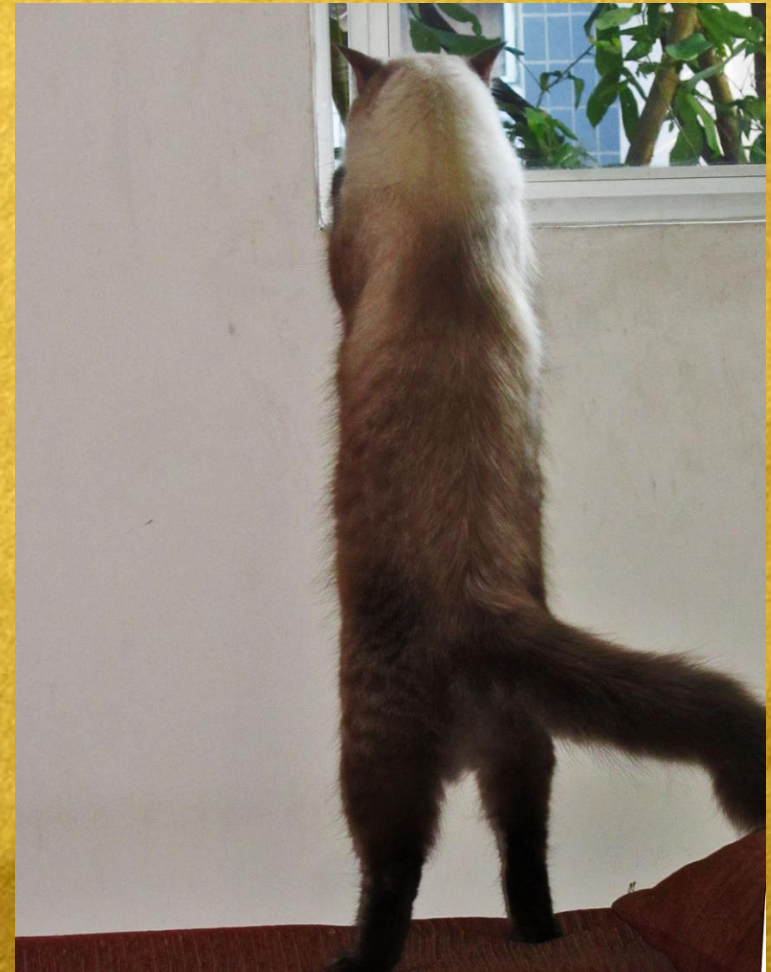
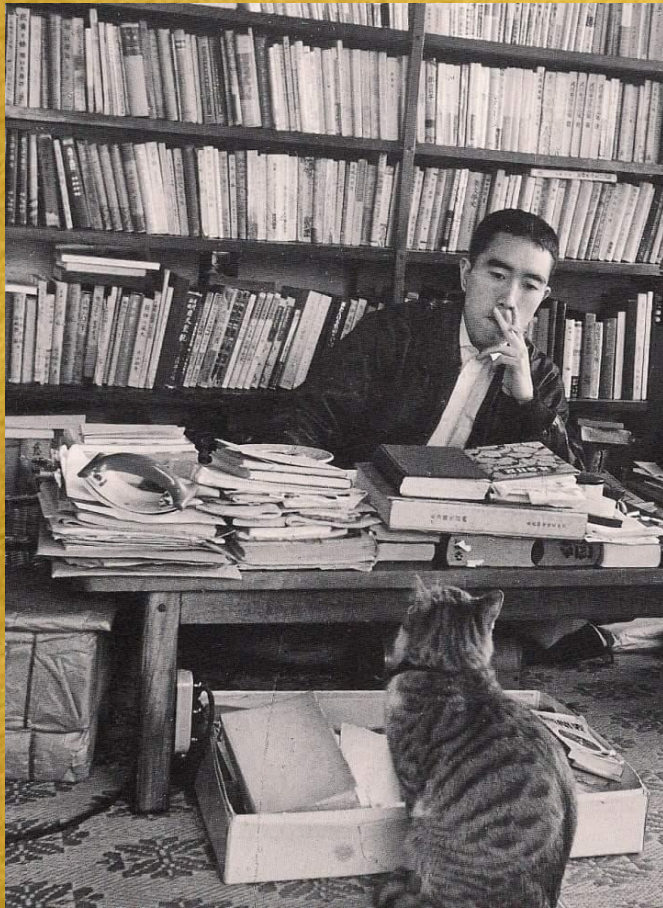


foto de Marjorie Medeiros



Yukio Mishima



Um coração-jardim

A menina sabe que o mundo para quando os gatos ronronam. Nesses segundos em que tudo acontece, ela os aperta contra o peito para que entrem em seu coração, e sente a beleza e a delicadeza do amor que não se limita ao igual. A gatinha Mio tem entrada liberada, a qualquer hora, com seus ronrons macios e o deixar-se apertar, como no colo da mãe gata.

Foi assim, desde que a menina a encontrou. A gatinha, com os olhos cegos por uma inflamação, pensou ter encontrado uma montanha, que logo tratou de escalar. Depois, sentiu o aconchego do

carinho e buscou o colo da mãe gata. Só quando pôde abrir os olhos viu no topo da montanha, no focinho da mãe, a menina!

Nos olhos humanos, ela se viu refletida. Com a intuição-consciência que divide os felinos em sete vidas e sete mortes, entendeu que era um bicho pequeno. Soube, apesar de ter garras, da fragilidade, da sua sina de amor. Soube que não teria mais para onde correr e fugir. Soube, enfim, que estava à mercê de um gigante, um ser humano feito de consciências e não consciências...

A gatinha sentiu o frio do abismo sob as patas de filhote, mas logo ouviu o bater do coração da menina. Um coração-jardim com flores, pássaros,

borboletas, uma graminha nova e tenra, e canteiros de areia - urgentes e necessários-, troncos de árvores, uma fonte límpida de água e sofás macios, grandes, aconchegantes - que não servem para sentar, mas sim para afiar unhas.

Os olhos da menina-montanha-gata encontraram os da gatinha em um susto de abismos, e abriram as portas do jardim. Mio, que ainda não tinha um nome, ronronou... Foi um breve olhar, em que disseram, uma à outra, que nunca mais se perderiam.

Valéria Regina Dallegrave





Todos los gatos son pardos [version integra]

Carlos Fuentes

Note: This is not the actual book cover

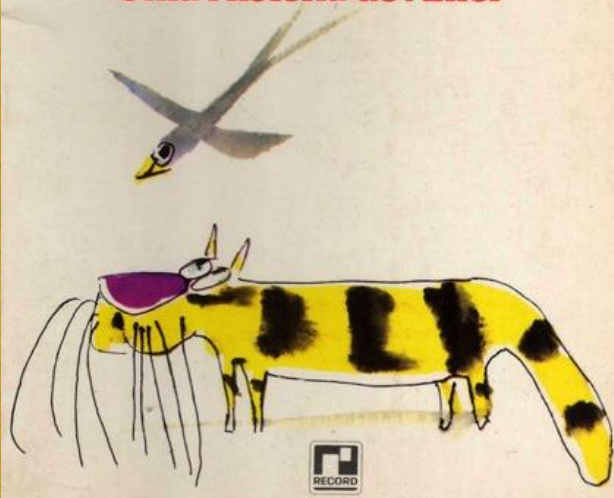


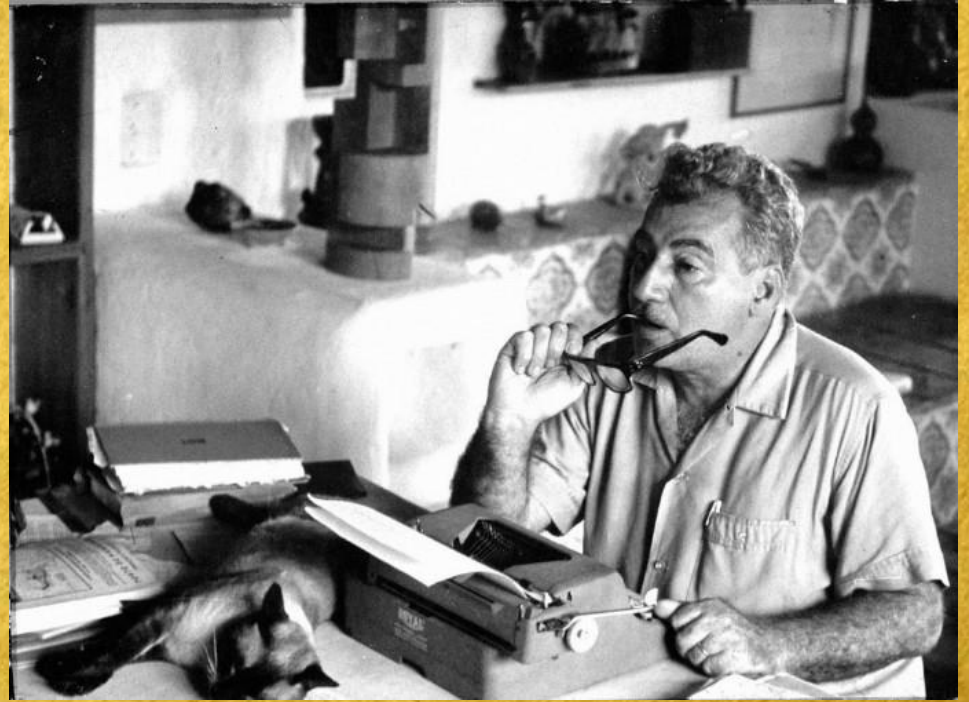
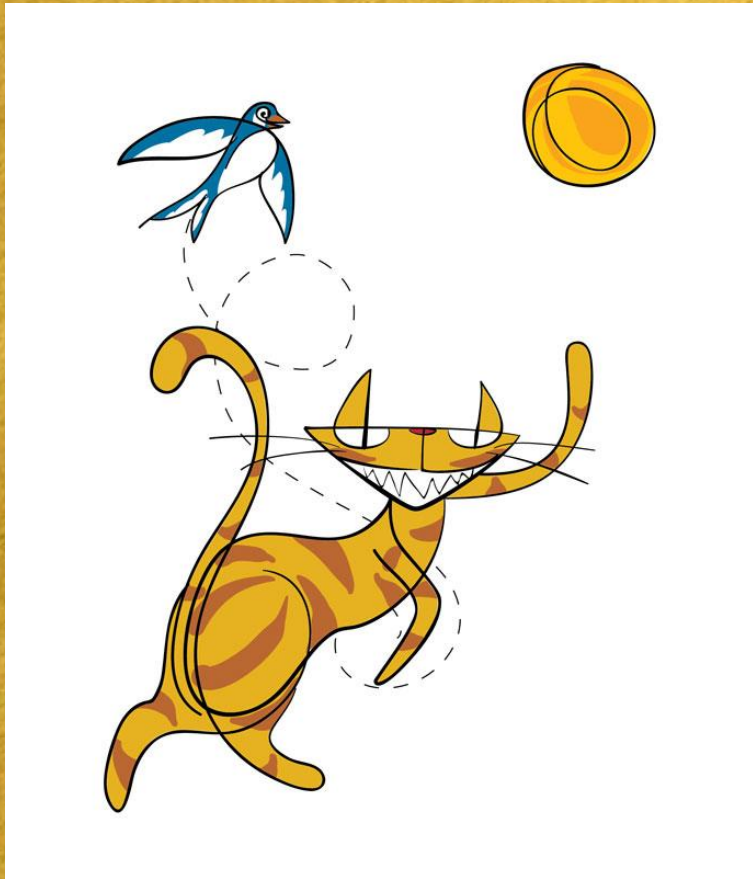
O mundo só vai prestar
Para nele se viver
No dia em que a gente ver
Um gato maltês casar
Com uma alegre andorinha
Saindo os dois a voar
O noivo e sua noivinha
Dom Gato e Dona Andorinha.

Jorge Amado in *O Gato Malhado e a Andorinha
Sinhá.*

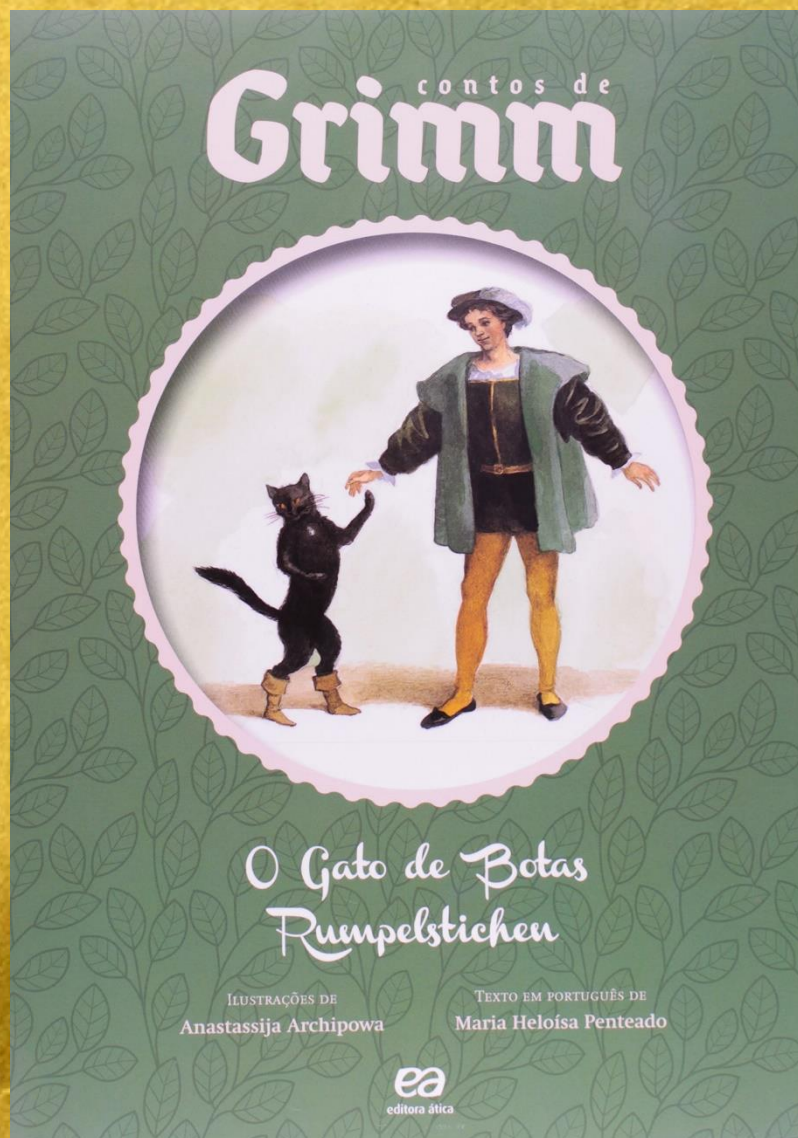
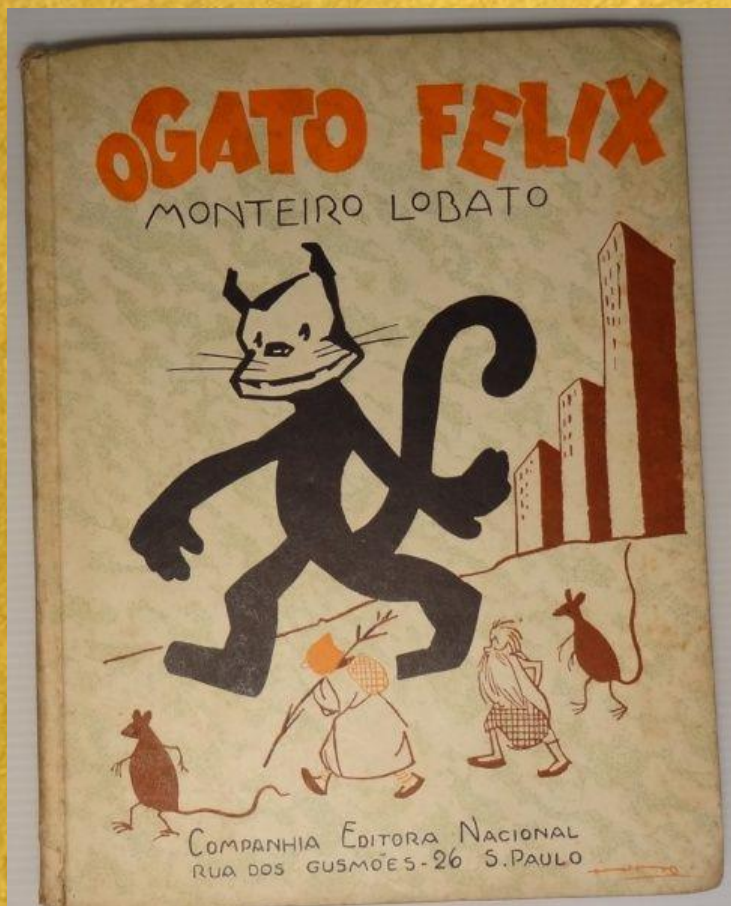
JORGE AMADO

O Gato Malhado
e a Andorinha Sinhá:
Uma História de Amor





Jorge Amado e seu gato



É fácil entender por que os gatos despertam sentimentos de antipatia nas pessoas. Um gato se mostra sempre bonito; sugestionando ideias de luxo, limpeza e prazeres voluptuosos.

Baudelaire



GATO

Ven, mi bello gato, a mi corazón amoroso;
Recoge las uñas de tus patas,
Y deja que me hunda en tus bellos ojos,
Mezcla de metal y de ágata.

Cuando mis dedos acarician sin prisa
Tu cabeza y tu elástico lomo,
Y mi mano se embriaga con el placer
De palpar tu eléctrico cuerpo,

Veo a mi mujer con la imaginación. Su mirada,
Como la tuya, amable animal,
Profunda y fría, corta y hiere como un dardo,

Y de los pies a la cabeza,
Un aire sutil, un peligroso perfume
Flotan en torno a su cuerpo moreno.

Charles Baudelaire

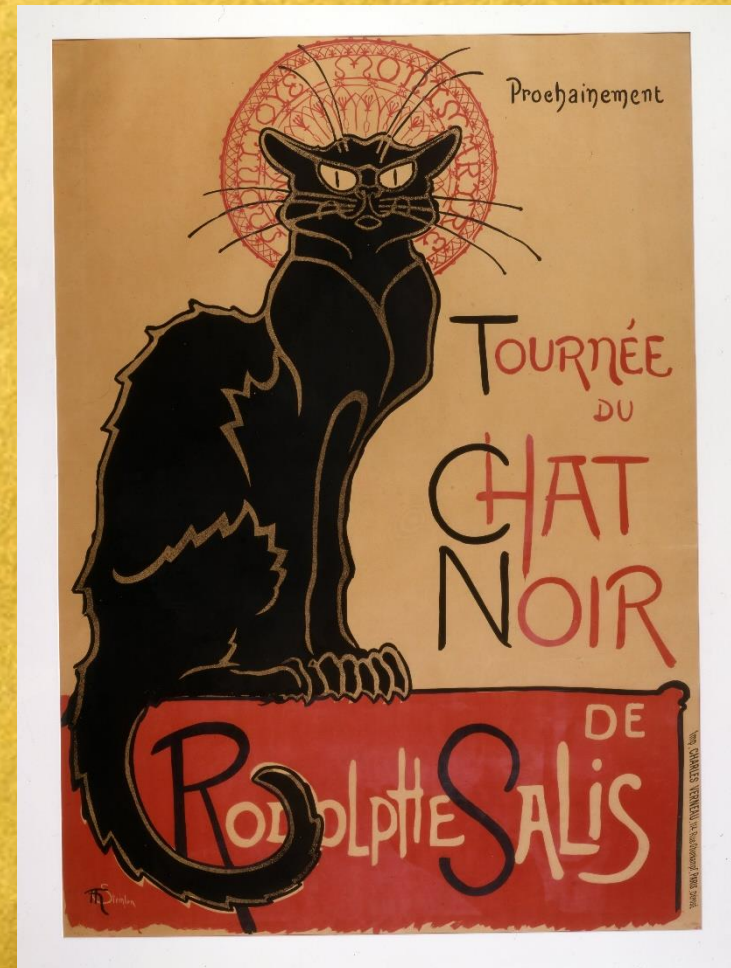


Dentro em meu cérebro vai e vem

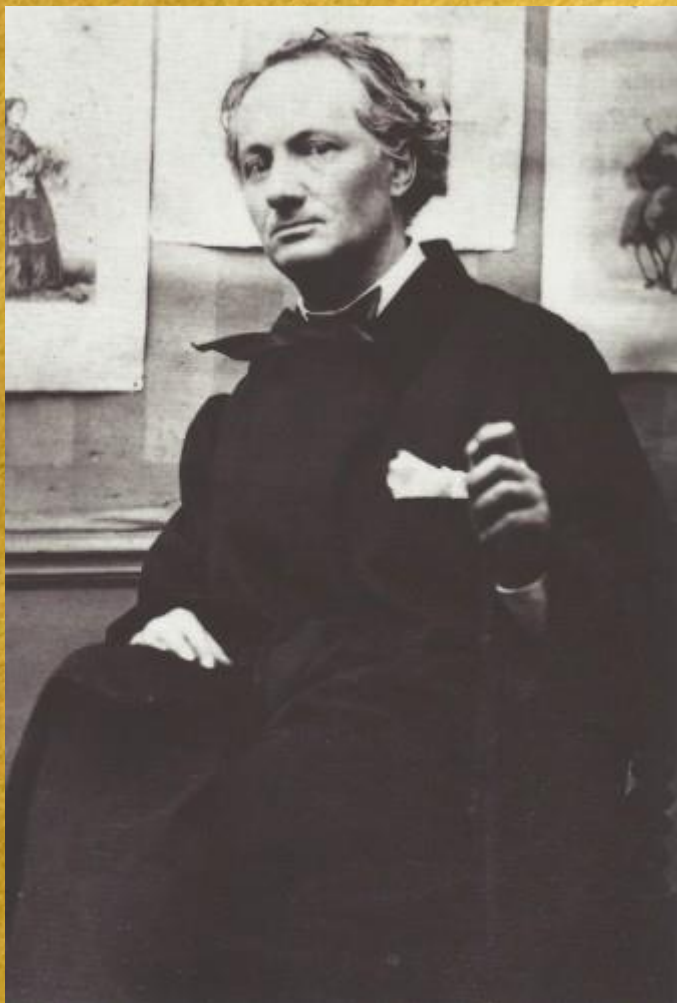
Como se a sua casa fosse

Um belo gato, forte e doce.

Charles Baudelaire



Théophile Alexandre Steinlen -Tournée du Chat Noir de Rodolphe Salis (Tour of Rodolphe Salis' Chat Noir) – Google Art Project



XIII – Spleen

Charles Baudelaire

Pluviôse, contra toda a cidade irritado,
De sua urna despeja um frio tenebroso
Aos pálidos e sós do cemitério ao lado
E a mortandade a cada arrabalde brumoso.

Meu **gato** procurando cama no acolchoado
Agita sem cessar seu corpo de leproso;
A alma de um velho poeta erra pelo telhado
Com sua triste voz de fantasma chuvoso.

O bordão se lamenta, e, chiando, a acha de lenha
Acompanha em falsete a pêndula roufenha,
Enquanto num baralho, entre maus cheiros juntos,

Herança de uma velha hidrópica, parente,
Uma dama e um valete vão, sinistramente,
Recordando entre si seus amores defuntos.

(Tradução de Guilherme de Almeida)

Baudelaire's Cats

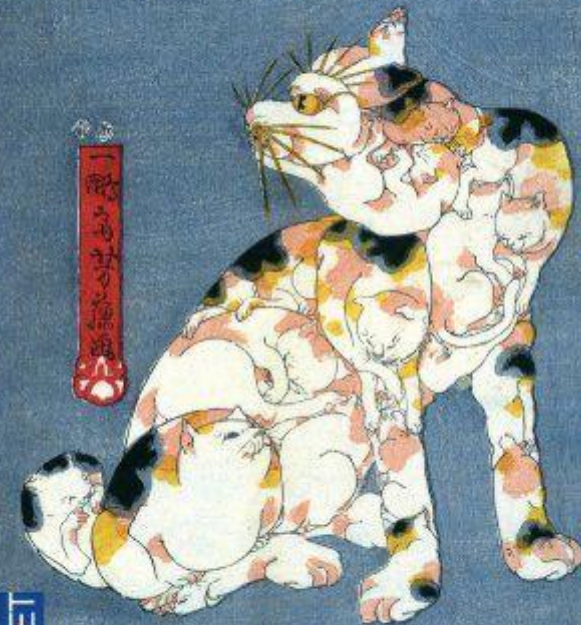
O AMIABLE BEAST

Readings by Brad Robinson

Drawings by Alan Suddon



Le Chat
en 60 poèmes



POCKET

Textes choisis par
Albine Novarino-Pothier

Missiva a Baudelaire



Mia, por Geni Mendes Brito

Caríssimo Poeta,

Por toda a história das literaturas, de tempos em tempos se assiste a alguma agitação provocada pelo surgimento de novidades estéticas e poéticas inusitadas.

Aqui no meu país, no começo dos anos 70, durante a ditadura militar - um período negro da nossa história política, surgiu uma geração de jovens poetas que buscou meios de dar a conhecer sua criação poética. O trabalho desses meninos ficou conhecido como “poesia marginal”. (Lembro que o senhor recebeu a alcunha de “poeta maldito” porque também ousou romper com os padrões acadêmicos de sua época). No caso deles, “marginal” não era no mal sentido; era apenas porque não eram aceitos pelas editoras e então inventaram uma alternativa paralela de produção e distribuição independente. Eles usavam uma linguagem informal, leve e engraçada que falava da experiência vivida de maneira mais próxima do público jovem. Poesia e vida formou um todo tematizado liricamente. Vejo aí a sua influência, monsieur, tanto na rebeldia como no plano da inovação poética. Eles, como o senhor, estavam comprometidos mais com a expressão poética e não com a sua construção.

Próxima ao grupo estava uma jovem poeta, Ana C. (Ana Cristina César), mas que dá à sua poesia uma outra direção e foi rebelde a seu modo; ela incorpora o cotidiano em sua literatura e deixa de lado o “eu poético”, para desenvolver uma “escrita do eu” despojada em diários íntimos, memórias, cartas etc.

De sólida formação acadêmica, ela não esconde a afinidade com vários poetas. Alguns estão presentes na sua obra, graças à tessitura de sua escrita elaborada com citações, recortes e colagens de outros textos, ou seja, a toda uma rede de intertextualidades com grandes nomes da literatura. O trabalho de criação de Ana C. se torna original com a “ajuda” de autores da tradição literária: o senhor mesmo, T. S. Eliot, Walt Whitman, e alguns poetas brasileiros como Drummond, Bandeira, Jorge de Lima.

(Diga-se, a bem da verdade, que esse é um recurso usual na literatura moderna.)

Eu me pergunto se Ana C. tinha consciência dessa prática de apropriação estética como algo semelhante à gatunice dos gatos. Porque ela demonstra gostar muito de gatos, como o senhor também gostava. São muitos os poemas de Ana C. em que os gatos estão presentes.

Para que fique mais claro tudo o que eu lhe disse e, de certa forma, justificar esta carta, envio-lhe um mimo: um poema de Ana C., para sua apreciação, que fala de um... gato.

Arte-manhas de um gasto gato

Não sei desenhar gato.

Não sei escrever o gato.

Não sei gatografia.
nem a linguagem felina das suas
artimanhas
Nem as artimanhas felinas da sua não-
linguagem
Nem o que o dito gato pensa do
hipopótamo (não o de Eliot)
Eliot e os gatos de Eliot (“Practical
Cats”)

e o nome do gato?
J. Alfred Prufrock? J. Pinto Fernandes?
o nome do gato é nome de estação de
trem
o inverno dentro dos bares
a necessidade quente de tê-lo
onde vamos diariamente fingindo
nomear

e a gatografia que nunca sei
aprendi na marca do meu rosto
aprendi nas garras que tomei
e me tornei parte e tua – gata – a
saltar sobre montanhas como um gato
e deixar arco-irisado esse meu salto
repito e me auto-ameaço:
não sei desenhar gato
não sei escrever gato
não sei gatografia
nem...

Gostou? Que tal o “estranhamento”? Não aparenta ser tudo muito “absurdo”? Creio – e espero – ser bem do seu agrado. Mas algo deve ter lhe surpreendido: o aspecto formal do poema. Já faz algum tempo que os versos foram libertados da soberania das rimas; agora eles podem ser curtos, longos, sem perder a poeticidade, jamais. O poema não é melódico porque o ritmo dos versos é quebrado. É um típico poema moderno de agora. A própria Ana C. disse: "A poesia moderna é uma poesia que se lanceta. Ela é toda cheia de arestas, é

angulosa, não tem, digamos, um desenvolvimento coerente, linear. [...] É toda quebrada mesmo. Ela tem a ver, mesmo, com alguma coisa do urbano, que é assim cortado, caótico, fragmentado. Ela é fragmentária.”¹

Pois é. Ana C. seguiu muito bem sua lição: conseguiu dar à experiência de viver numa metrópole moderna uma “dicção poética”², coerente com o seu contemporâneo. E não deixou de ter a seu lado um gato.

Mas quero destacar aqui a figura do bichano. No poema que lhe dei, saiba que, a par da presença marcante de T. S. Eliot³ (“e os gatos de Eliot ‘(Practical Cats)’”, uma obra com poemas sobre gatos que o autor escreveu para crianças), o senhor e seus gatos foram a inspiração principal de Ana Cristina. Ela própria se coloca como gato, o que me lembra um de seus poemas felinos. O que o senhor diz de maneira tão clara, carinhosa e aconchegante (“Dentro em meu cérebro vai e vem / Como se a sua casa fosse / Um belo gato, forte e doce.”) ela diz de modo fragmentado: “eu – o gato – e a grafia de minhas garras: / toma: lê o que escrevo em teu rosto /lê o que rasgo – e tomo – de teu rosto / a parte que em ti é minha – é gato / leio onde te tenho gato.”

¹ HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.) *26 poetas hoje*. 6. ed. - Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1999, p. 261.

² Idem.

³ Thomas Stearns Eliot nasceu em St. Louis, nos Estados Unidos em 26 de setembro de 1888, e morreu em Londres, 4 de janeiro de 1965) foi um poeta modernista, dramaturgo e crítico literário. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/t-s-eliot.jhtm>

Essa escrita estranha e aparentemente desarticulada é a “gatografia” de Ana C., pela qual ela mostra as artimanhas do gato que, como o senhor mesmo escreveu: “Ele julga, inspira, demarca / Tudo o que seu império abarca; [...]”

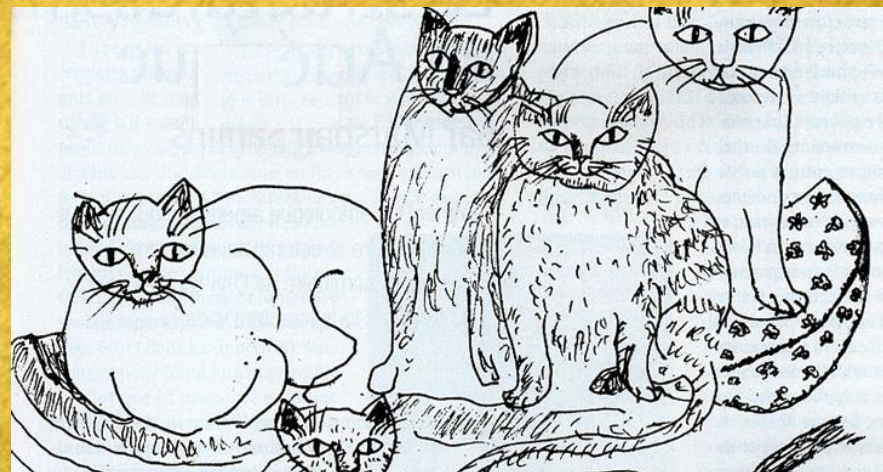
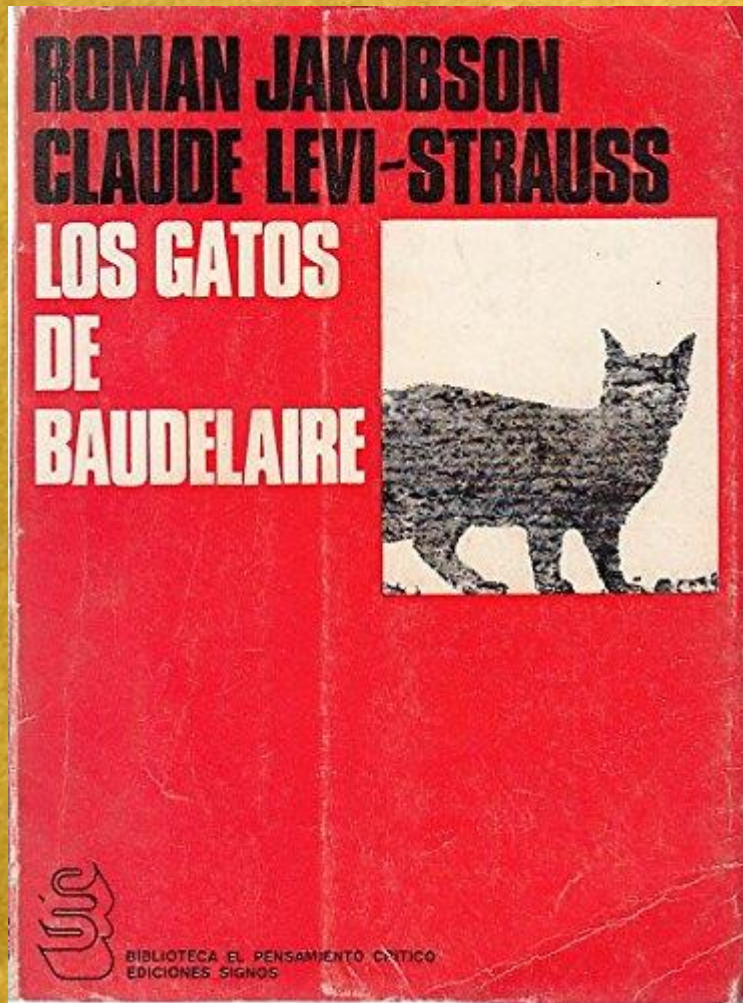
Monsieur, eu lhe escrevi esta carta para que soubesse que, mesmo estando em qualquer lugar fora do mundo”⁴, seu legado literário vai continuar a ter seguidores. E para se entender porque a alma poética de Ana Cristina se identificou tão completamente com a sua, vale acreditar no que ela mesma escreveu: “sou uma mulher do século XIX / disfarçada em século XX”.⁵

E fique certo, monsieur, que novidades poéticas vão continuar a surgir, e os gatinhos serão recorrentemente lembrados.

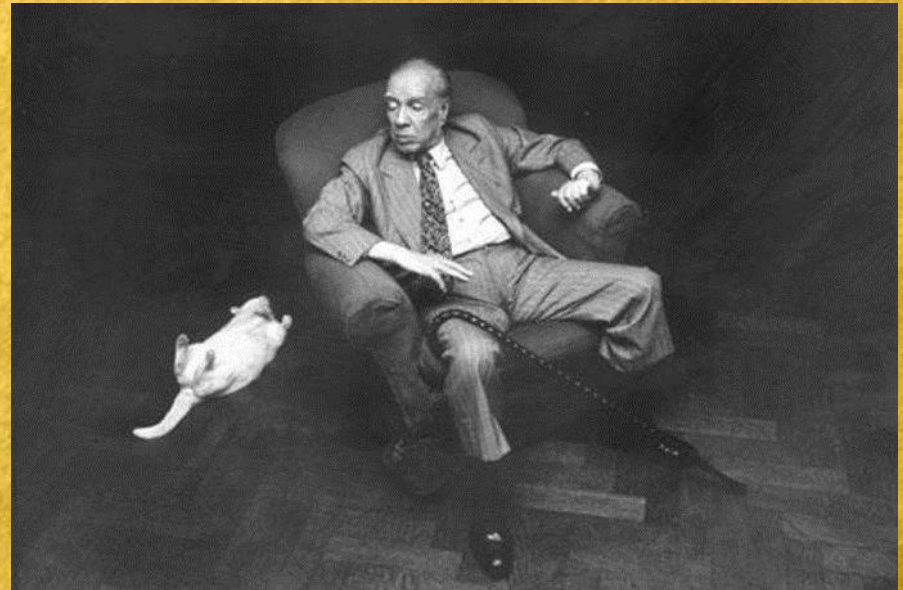
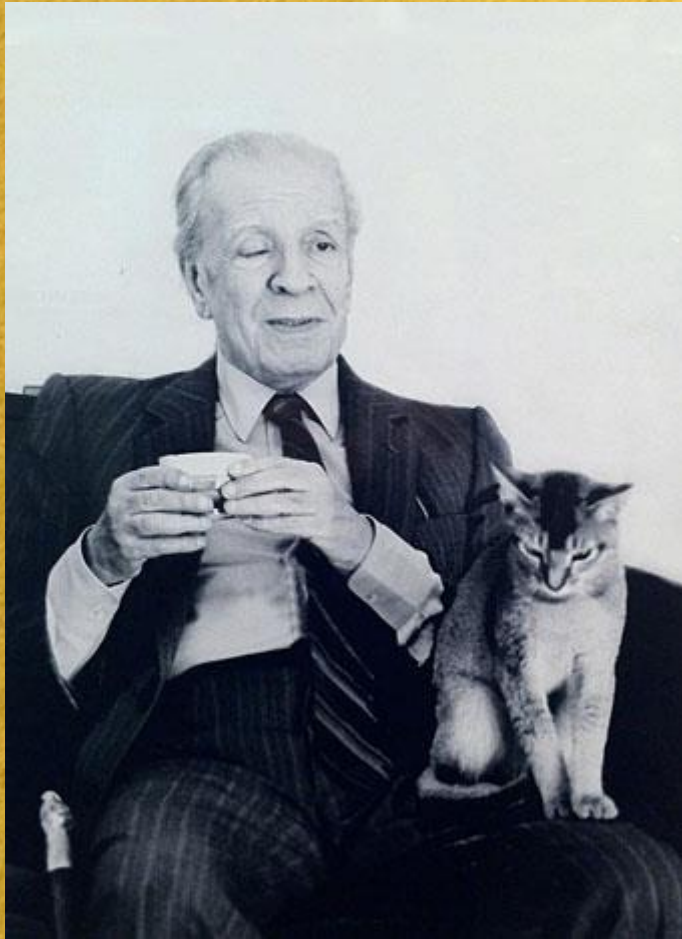
Paula Pires

⁴ “Any where out of the world” (Em qualquer lugar fora do mundo). In: *Pequenos Poemas em Prosa* (Le Spleen de Paris) Disponível em: <http://pequenospoemasemprosa.blogspot.com.br/2011/04/any-where-out-of-world.html>

⁵ Ana Cristina César. *Inéditos e dispersos* – Poesia/Prosa. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 136.



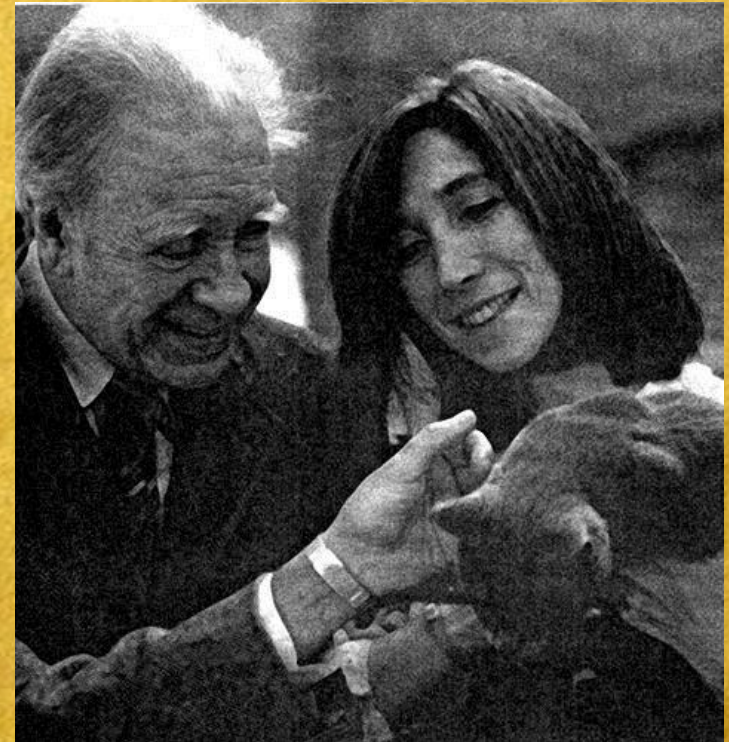
*ilustração de
LEVI STRAUSS*



O gato Beppo & Jorge Luis Borges

Beppo

"El gato blanco y célibe se mira
en la lúcida luna del espejo
y no puede saber que esa blancura
y esos ojos de oro que no ha visto
nunca en la casa, son su propia imagen.
¿Quién le dirá que el otro que lo observa
es apenas un sueño del espejo?
Me digo que esos gatos armoniosos,
el de cristal y el de caliente sangre,
son simulacros que concede al tiempo
un arquetipo eterno. Así lo afirma,
sombra también, Plotino en las Ennéadas.
¿De qué Adán anterior al paraíso,
de qué divinidad indescifrable
somos los hombres un espejo roto? "

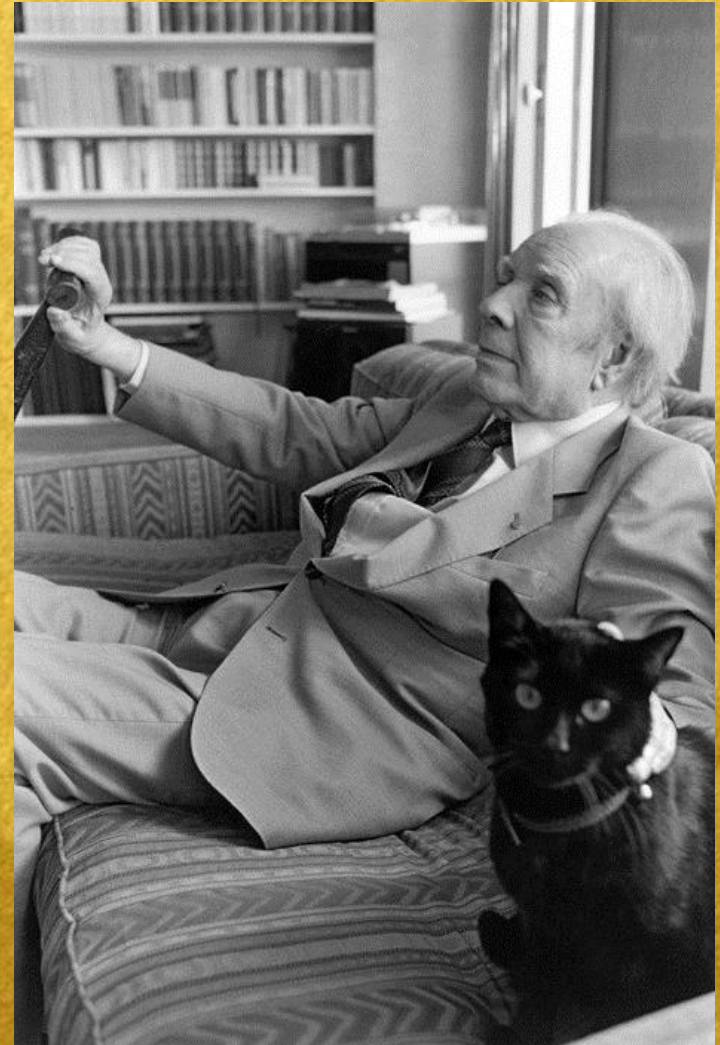


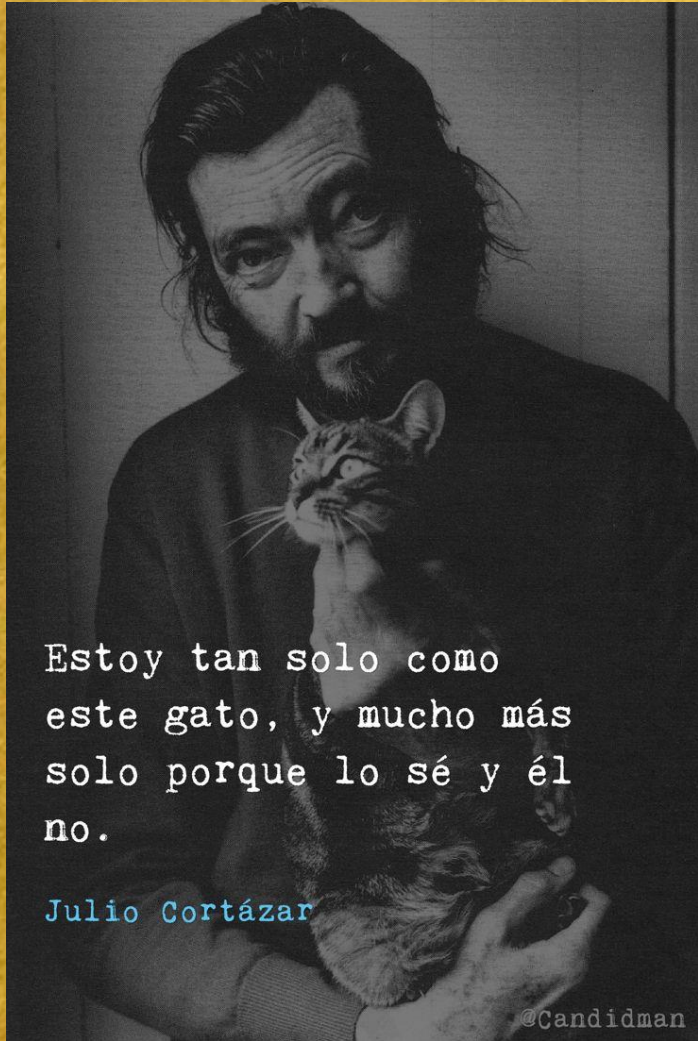
Borges & M. Kodama

A UM GATO

Não são mais silenciosos os espelhos
Nem mais furtiva a aurora aventureira;
Tu és, sob a lua, essa pantera
que divisam ao longe nossos olhos.
Por obra indecifrável de um decreto
Divino, buscamos-te inutilmente;
Mais remoto que o Ganges e o poente,
É tua a solidão, teu o segredo.
O teu dorso condescende à morosa
Carícia da minha mão. Sem um ruído
Da eternidade que ora é olvido.
Aceitaste o amor desta mão receosa.
Em outro tempo estás. Tu és o dono
de um espaço cerrado como um sonho.

JORGE LUIS BORGES

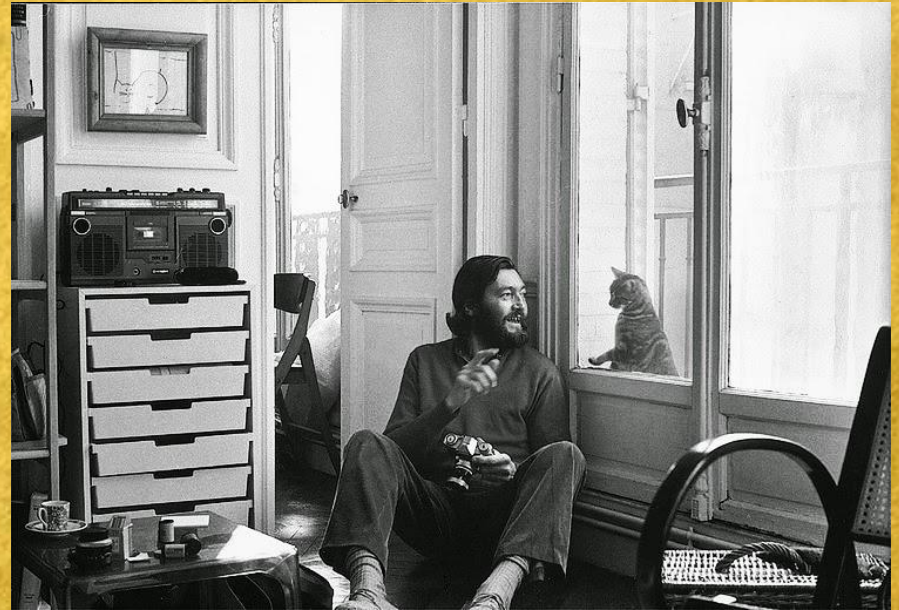




Estoy tan solo como
este gato, y mucho más
solo porque lo sé y él
no.

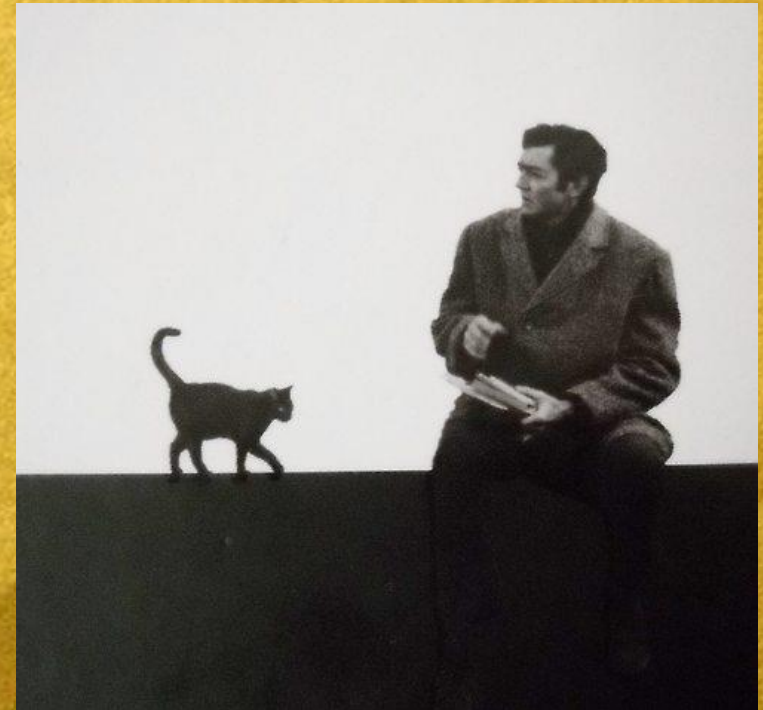
Julio Cortázar

@Candidman



Às vezes eu ansiava por alguém que, como eu, não estava ajustado perfeitamente com sua idade, e essa pessoa era difícil de encontrar, mas logo descobri gatos, em que eu poderia imaginar uma condição como a minha, e livros, onde encontrei a mesma coisa muitas vezes.

Júlio Cortázar in livro A Volta ao Dia em Oitenta Mundos.



*Gatinho Teodoro W. Adorno
& Júlio Cortázar*

O salto

O gato toma
a vibrissa alheia

dirige o pânico
de sua
generosidade

espia

desorienta a
primavera

a cidade permite
descansar
os pés
a negligência
os saltos

- abatido,
ouve o outono

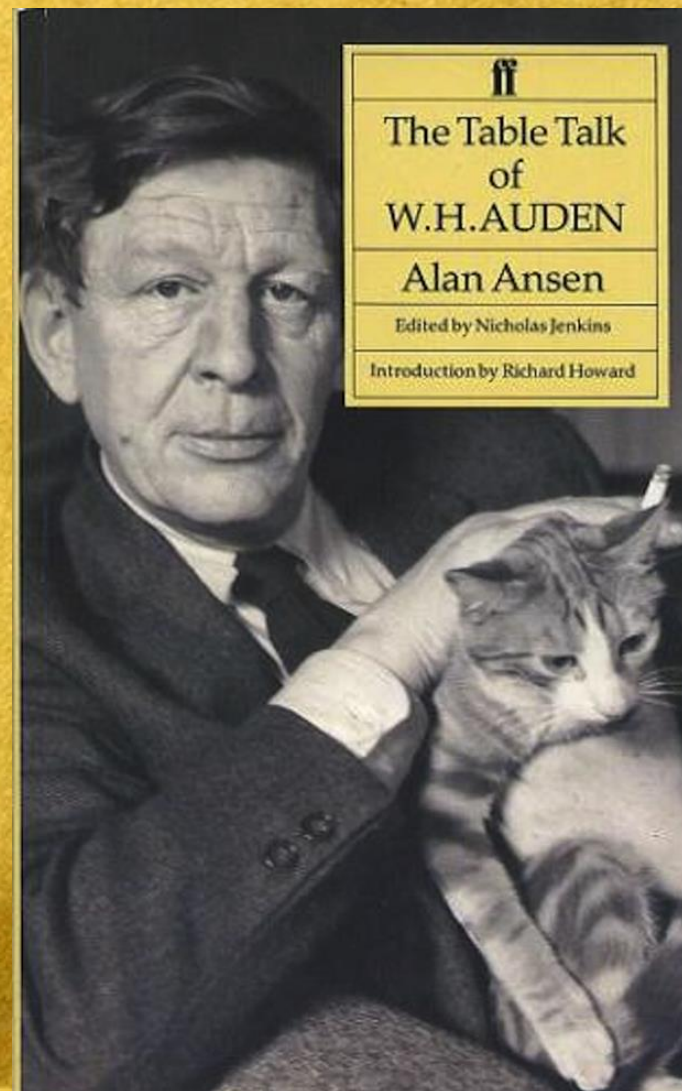
Manoel Ricardo de Lima Neto

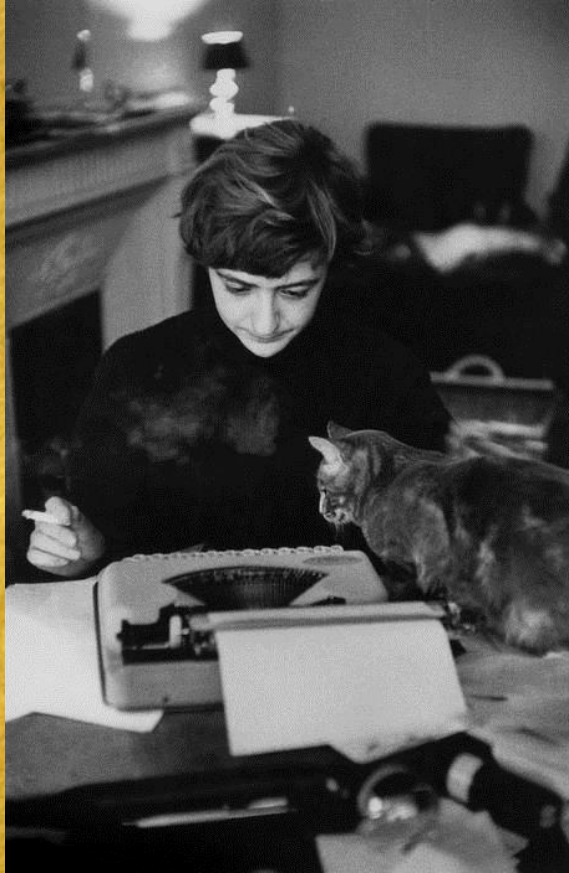


Zoê, fotografia de Claudia Eugênia

Gatos podem ser engraçados, mas tem os modos mais estranhos de mostrar sua alegria. O nosso sempre urinou em nossos sapatos.

W. H Auden





Françoise Sagan



Foto: Lúcia Lucena

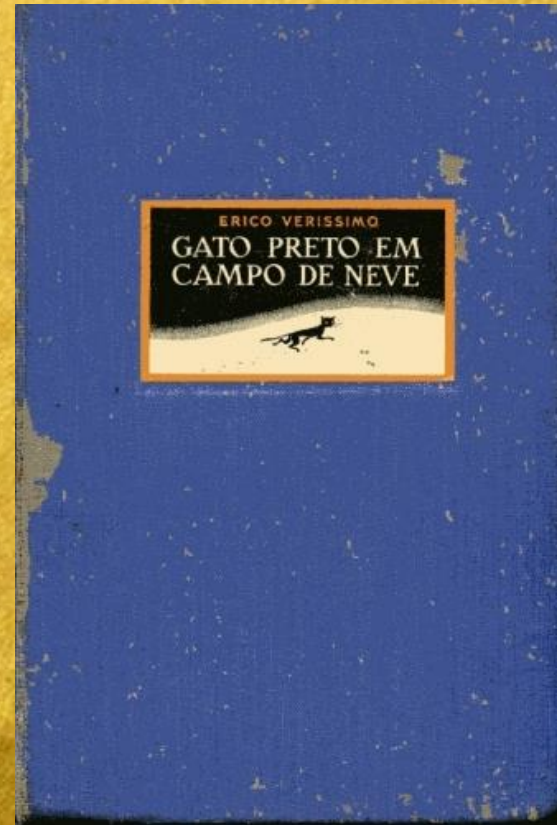
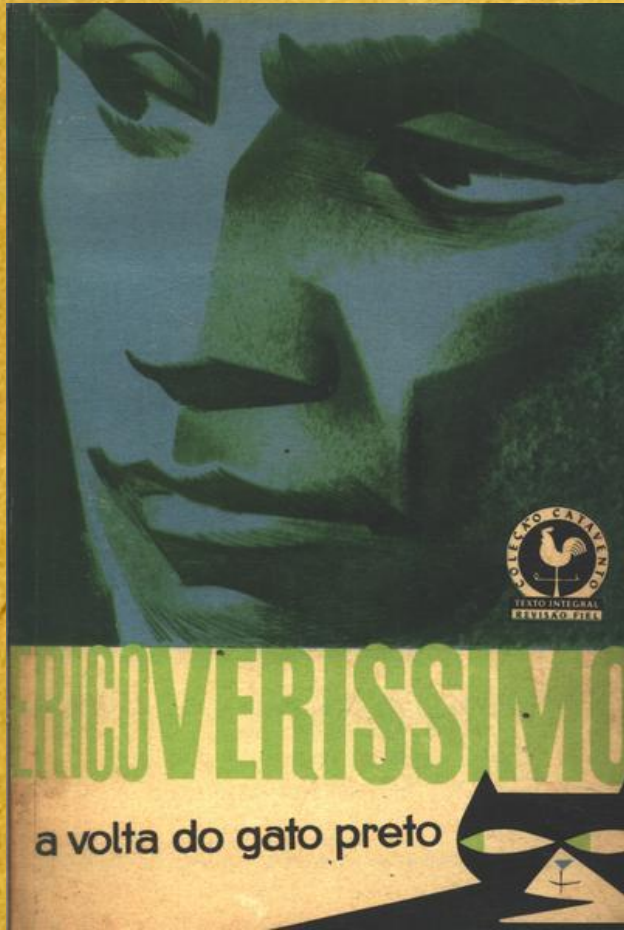
Passa pela madrugada
sombras de gatos
felinos
ferozes esféricos
membranas proféticas
por cima da turba turbante
distancia sumiu

eles
só eles captam e capturam
nossos lampejos

e como ímãs lamparinas
iluminam nossos rostos
nossas andanças e
caminhos.

Carlos Gurgel





ferreira gullar



um gato chamado gatinho



O ron-ron do gatinho

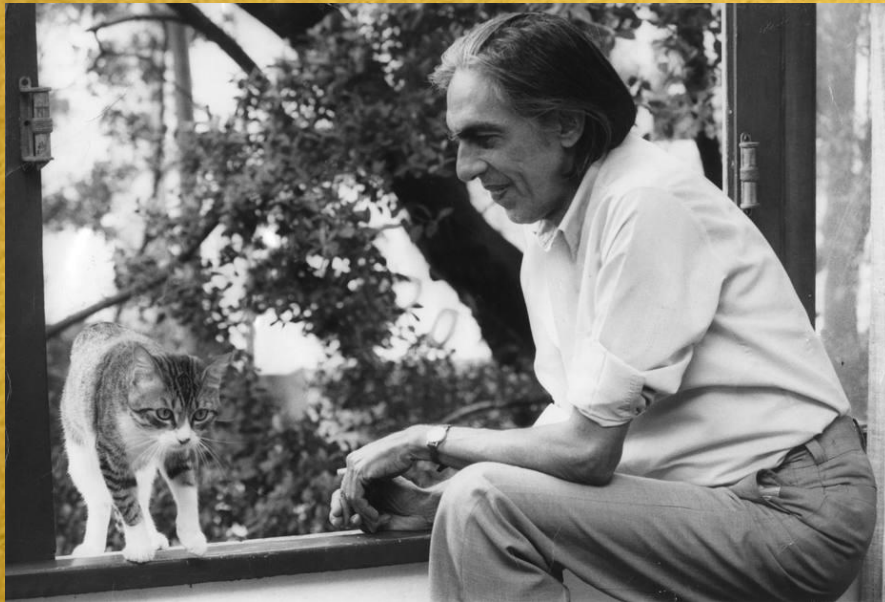
O gato é uma maquininha
que a natureza inventou;
tem pêlo, bigode, unhas
e dentro tem um motor.

Mas um motor diferente
desses que tem nos bonecos
porque o motor do gato
não é um motor elétrico.

É um motor afetivo
que bate em seu coração
por isso ele faz ron-ron
para mostrar gratidão.

No passado se dizia
que esse ron-ron tão doce
era causa de alergia
pra quem sofria de tosse.

Tudo bobagem, despeito,
calúnias contra o bichinho:
esse ron-ron em seu peito
não é doença - é carinho.



Ferreira Gullar

Lições de um Gato Siamês

Só agora sei
que existe a eternidade:
é a duração
finita
da minha precariedade

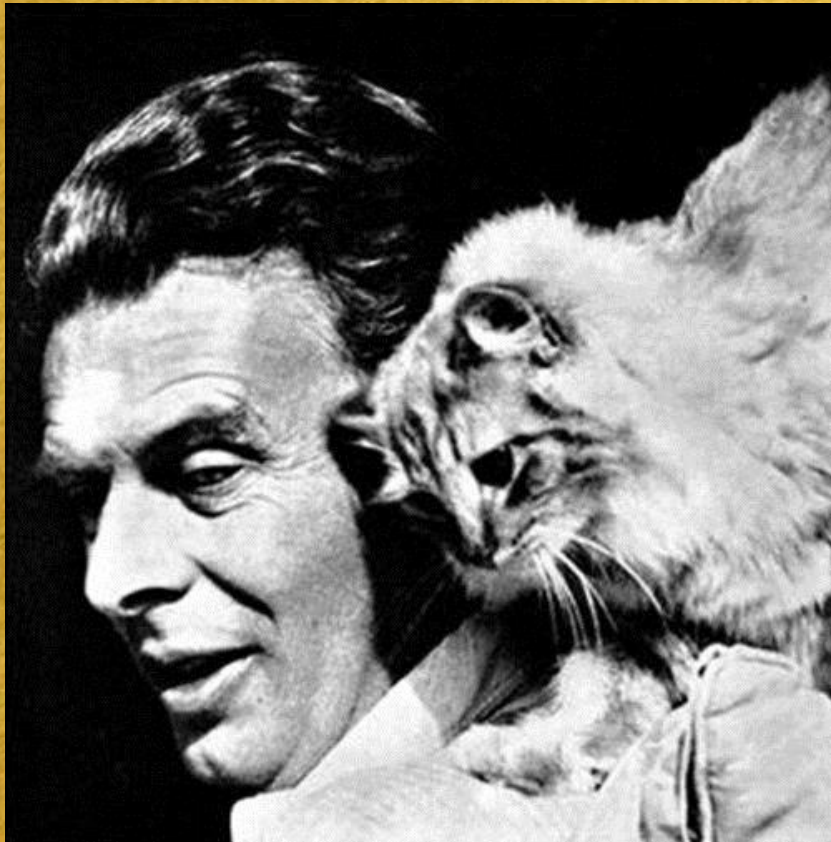
O tempo fora
de mim
é relativo
mas não o tempo vivo:
esse é eterno
porque afetivo
— dura eternamente
enquanto vivo

E como não vivo
além do que vivo
não é
tempo relativo:
dura em si mesmo
eterno (e transitivo)

Como todo o dono de gato sabe, ninguém é dono de um gato.

Ellen Perry Berkeley





O gato *LIMBO* & Aldous Huxley

Se quiser escrever,
arranje um gato
(A. Huxley)

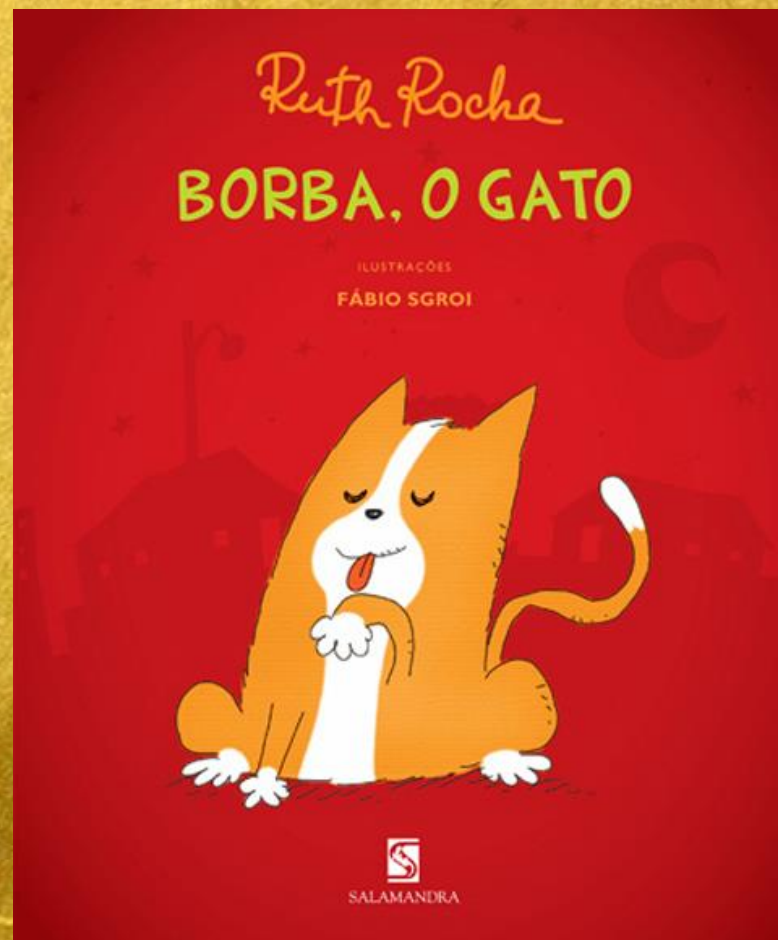


Hélia Correia

*Vencedora do
"Prêmio Camões" em 2015.*



Lilian Jackson Braun





felinosonhar



O GATO AMARELO

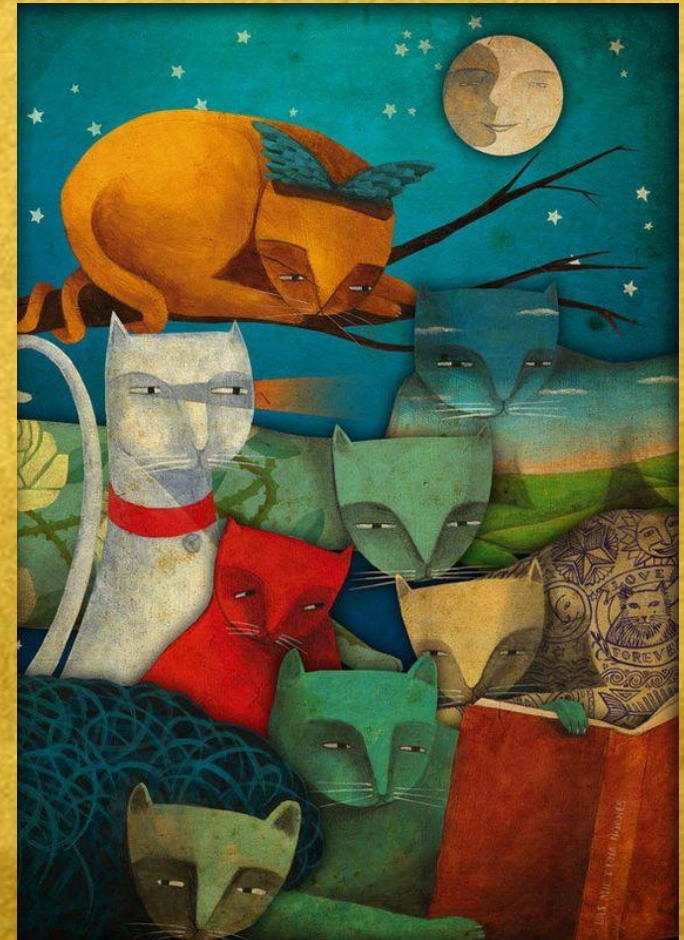
O gato caramelo
Do acaso sorri
No seu tudo tem o nada
Não quer para a cama ir.

O gato caramelo
Tem uma pequena noção

E uma grande ideia
Não se pode ter mais de um coração.

O gato caramelo
Vive a contemplar
A vida do telhado
Por respostas buscar.

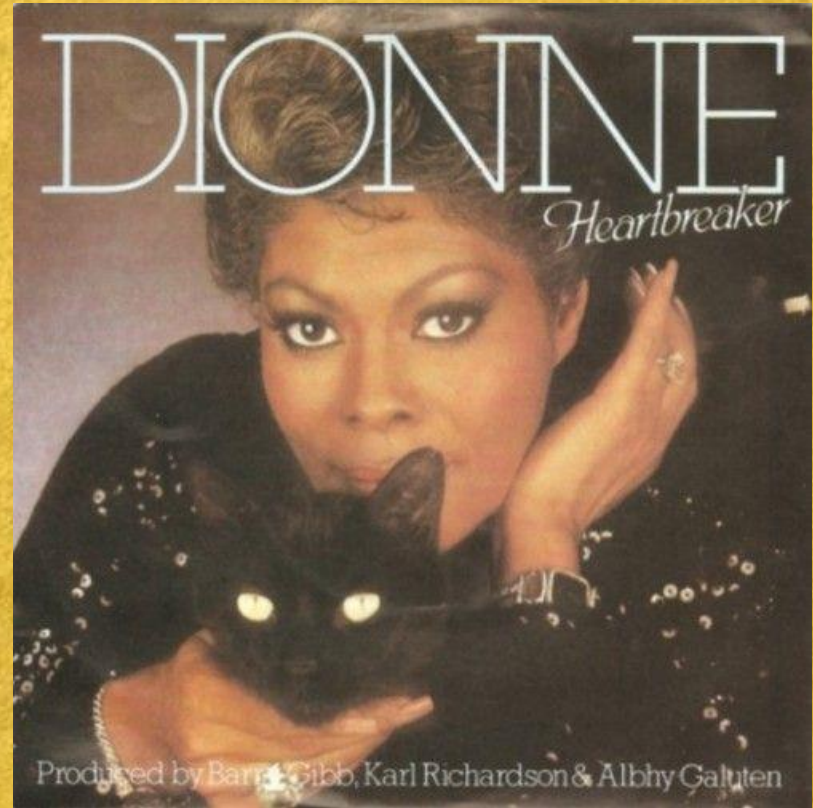
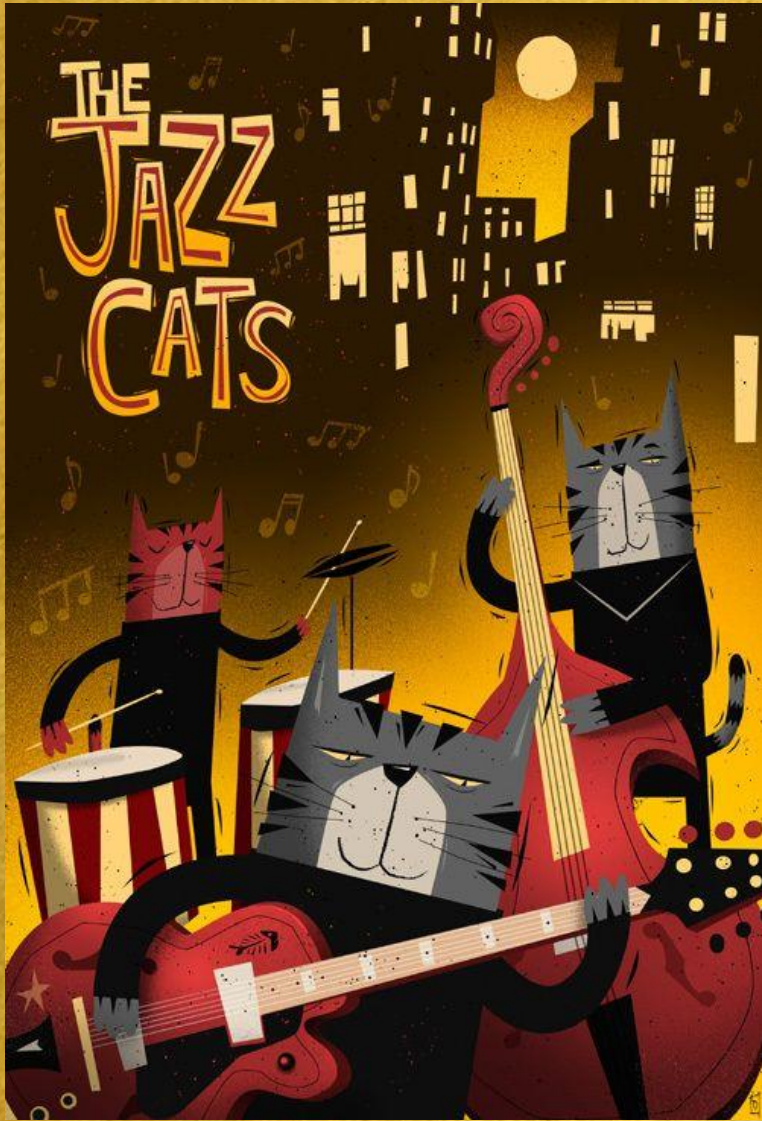
Rosângela Trajano

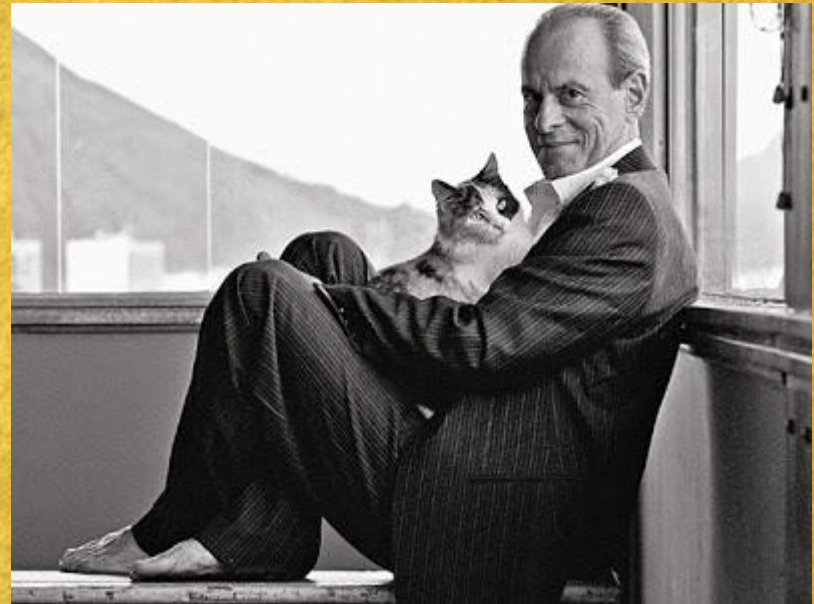
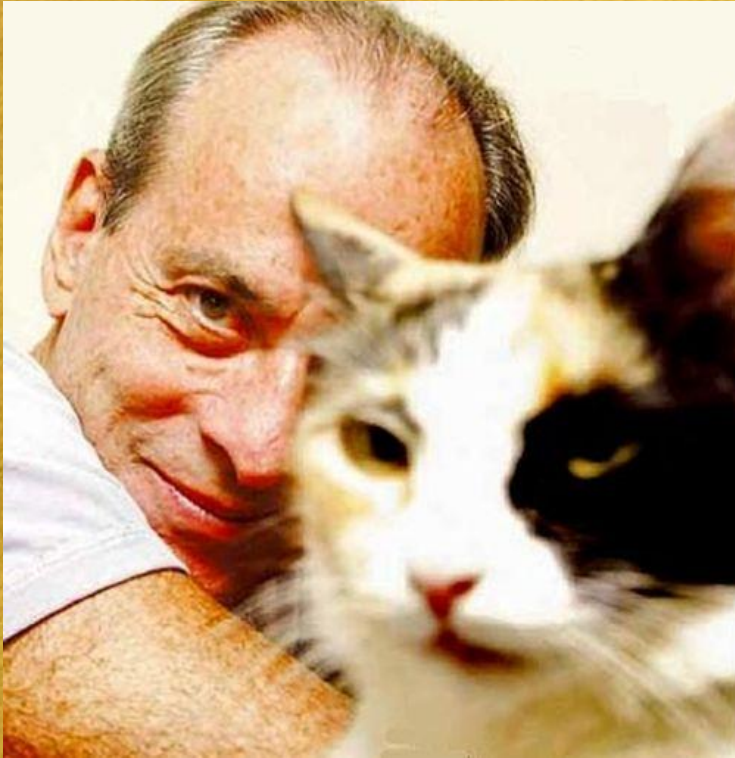


CATSjazz



Roxanne Bohana.





Ney Matogrosso



Piano de Gatos não chegou a ser construído, mas foi idealizado no século XVII.



Do-re-mi-fa-sol-la-si-do

Eis que chega o momento em que se sente que os sentidos e a expressividade deles, parecem ter alcançado uma autonomia. Como isso aconteceu? Vozes, ouvidos, quedas e levantadas, suspiros, gozos, perdas, ganhos, demolições, construções. Leituras, cantares, audições. Incomensuráveis papéis jogados ao espaço do nada. A face crua exposta, suada de sol e gelada de luas. Desafetos afetados. Afetos inventados ou sonhados. Rosa que desponta entre pétalas murchas. Tênuê arquitetura do encontrar-se e sobreviver-se fênix.

Daniela Aragão



O Gato



Com um lindo salto
Lesto e seguro
O gato passa
Do chão ao muro
Logo mudando
De opinião
Passa de novo
Do muro ao chão
E pega corre
Bem de mansinho
Atrás de um pobre
De um passarinho
Súbito, pára
Como assombrado
Depois dispara
Pula de lado
E quando tudo
Se lhe fatiga
Toma o seu banho
Passando a língua
Pela barriga.



Vinicius de Moraes

História de Uma Gata

Me alimentaram

Me acariciaram

Me aliciaram

Me acostumaram

O meu mundo era o apartamento

Detefon, almofada e trato

Todo dia filé-mignon

Ou mesmo um bom filé...de gato

Me diziam, todo momento

Fique em casa, não tome vento

Mas é duro ficar na sua

Quando à luz da lua

Tantos gatos pela rua

Toda a noite vão cantando assim

Nós, gatos, já nascemos pobres

Porém, já nascemos livres

Senhor, senhora ou senhorio

Felino, não reconhecerás

Nós, gatos, já nascemos pobres

Porém, já nascemos livres

Senhor, senhora ou senhorio

De manhã eu voltei pra casa

Fui barrada na portaria

Sem filé e sem almofada

Por causa da cantoria

Mas agora o meu dia-a-dia

É no meio da gataria

Pela rua virando lata

Eu sou mais eu, mais gata
Numa louca serenata
Que de noite sai cantando assim
Nós, gatos, já nascemos pobres
Porém, já nascemos livres
Nós, gatos, já nascemos pobres
Porém, já nascemos livres
Senhor, senhora ou senhorio
Felino, não reconhecerás
Nós, gatos, já nascemos pobres
Porém, já nascemos livres
Senhor, senhora ou senhorio
Felino, não reconhecerás

Chico Buarque



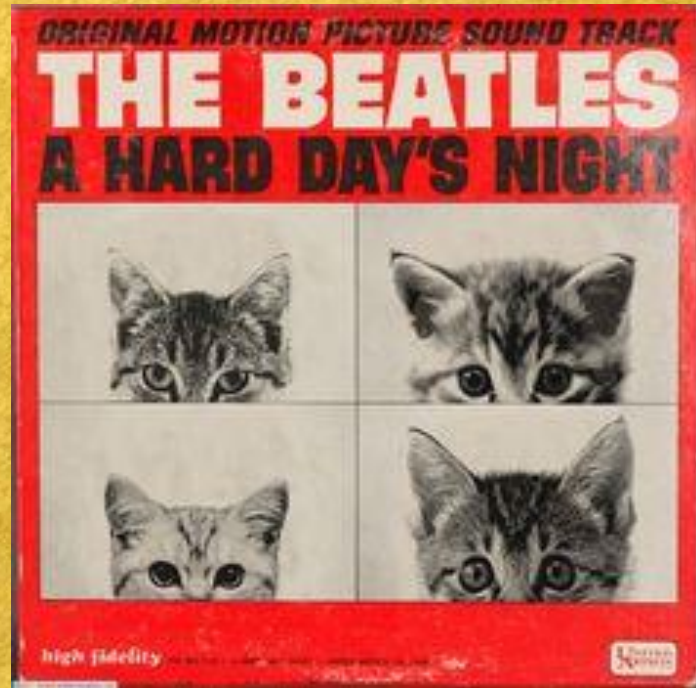
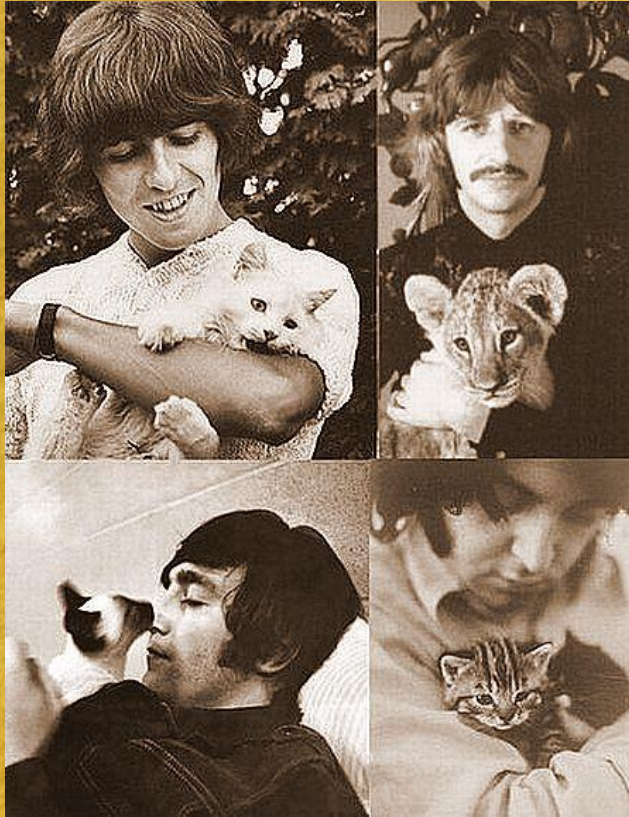


Michael Jackson



Kurt Cobain







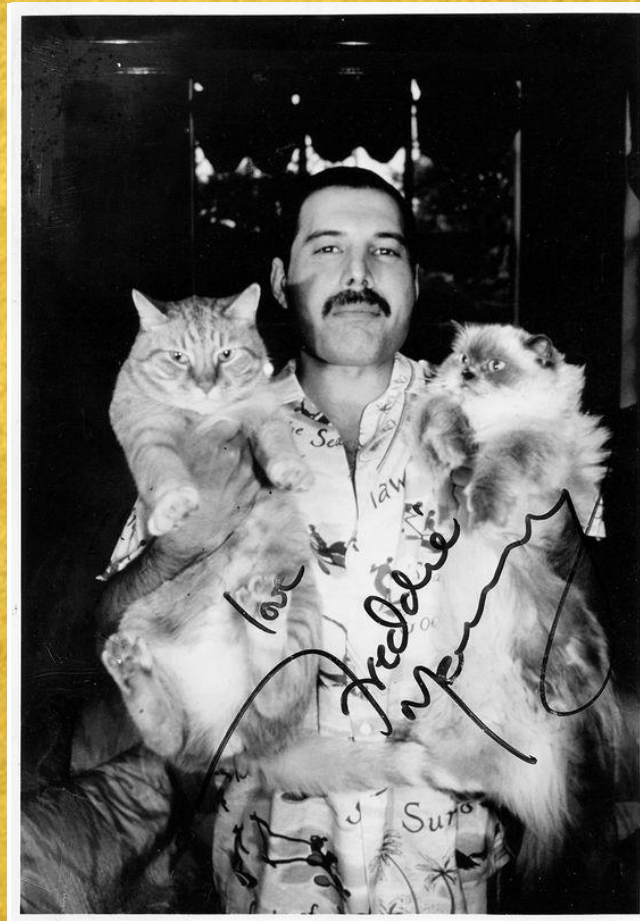
Lennon e Yoko



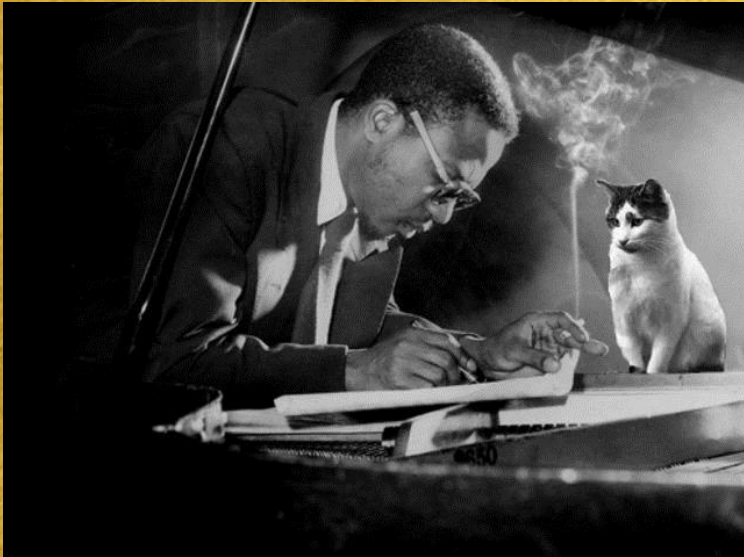
Paul McCartney



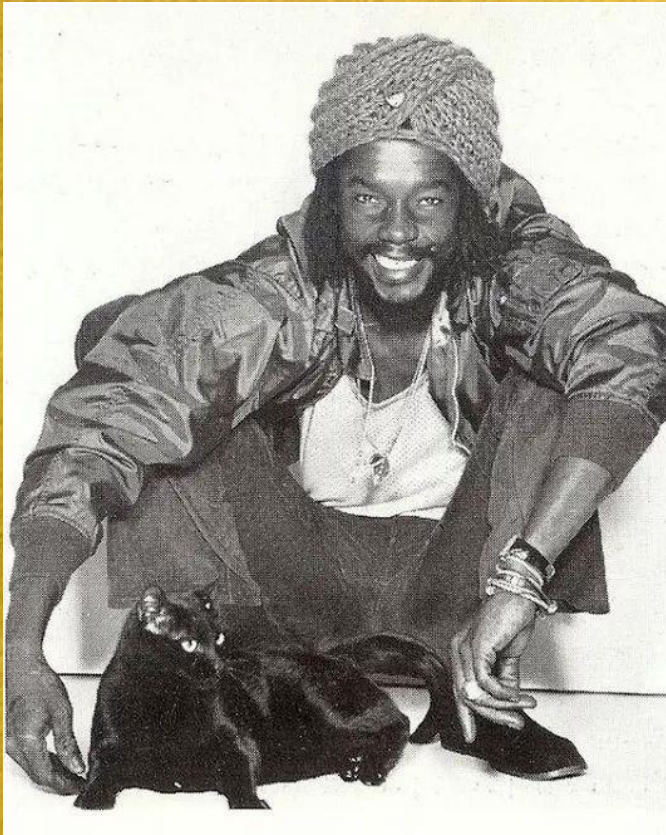
Elvis & kitty



Freddie Mercury



Thelonious Monk



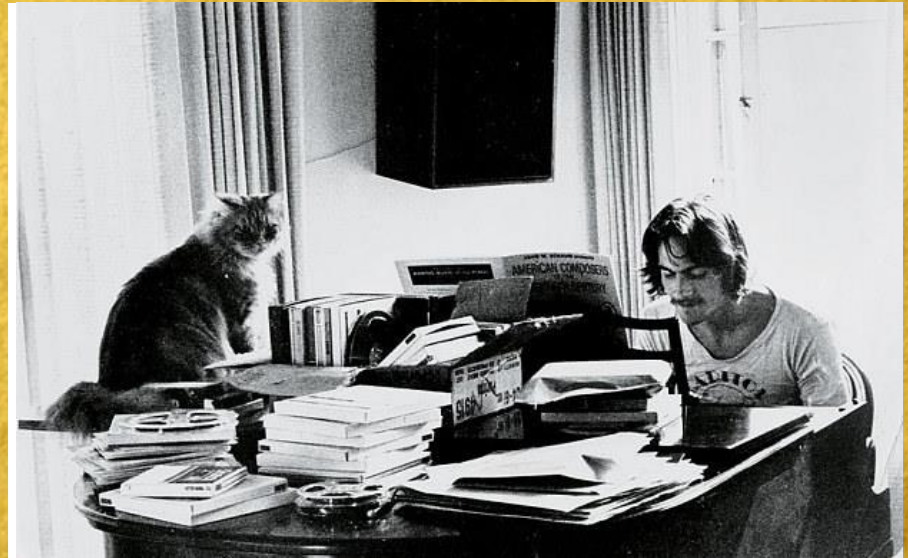
Peter Tosh



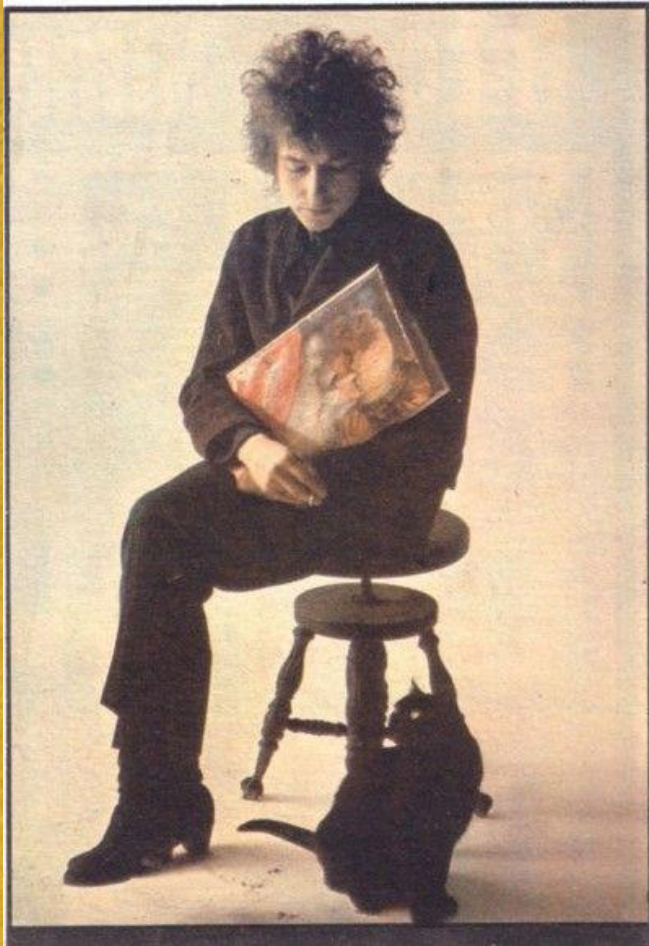
MGMT - Rock Band Cats Music



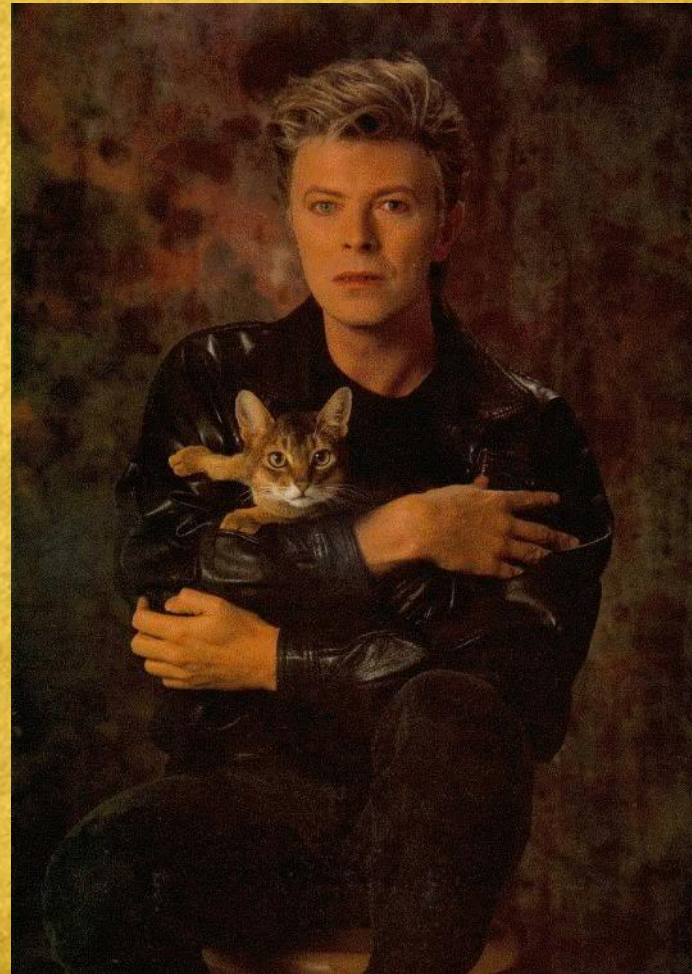
Joey Ramone



James Taylor



Bob Dylan



David Bowie

LETS PLAY THAT AGAIN

Quando eu nasci
Um anjo escroto
Cruel, bem barra
Desses que só babam fel
Murmurou, num escárnio entre dentes:
Vai, cara, debutar entre as serpentes

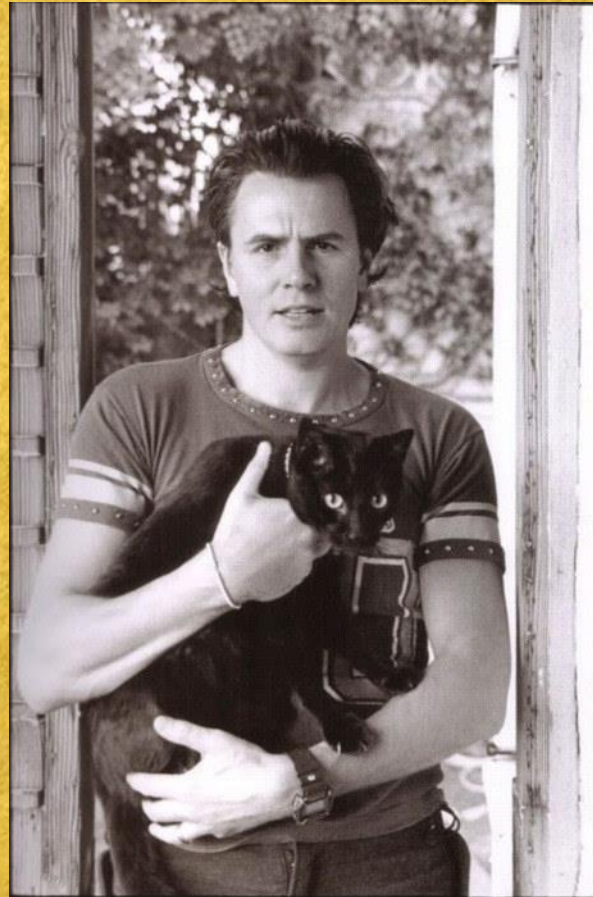
Era um anjo todo guenzo
Mas metido a sabe tudo
E entre um veneno e outro
Foi me deixando mudo

Mas meu pulso latejante
Como o pau de um amante
Entre farpas e sorvetes
Foi riscando inscrições
Acanhadas mas resistentes
Como um sinal de menos
Um sinal de menos

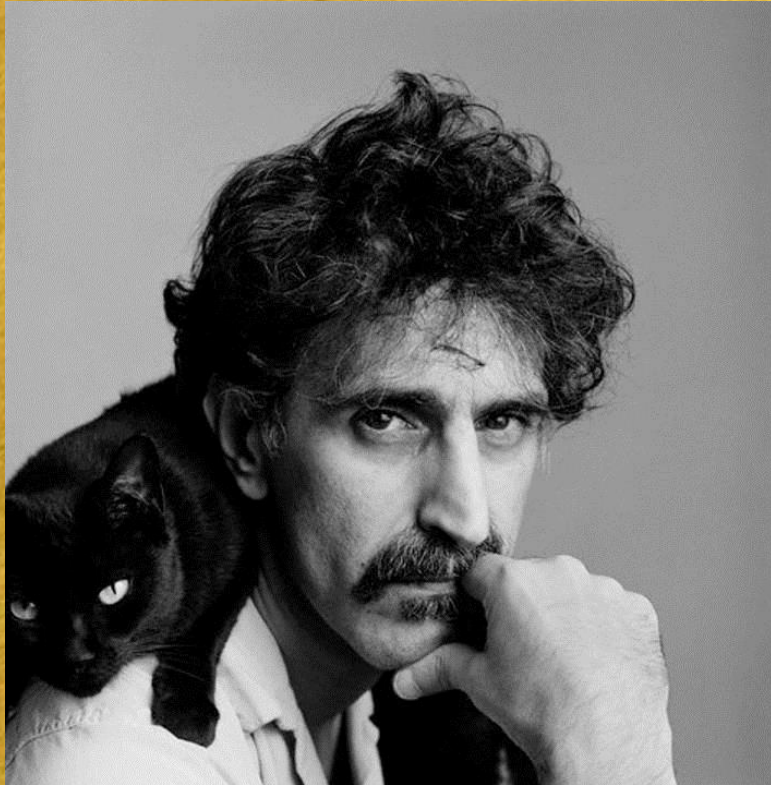
João Batista de Moraes Neto



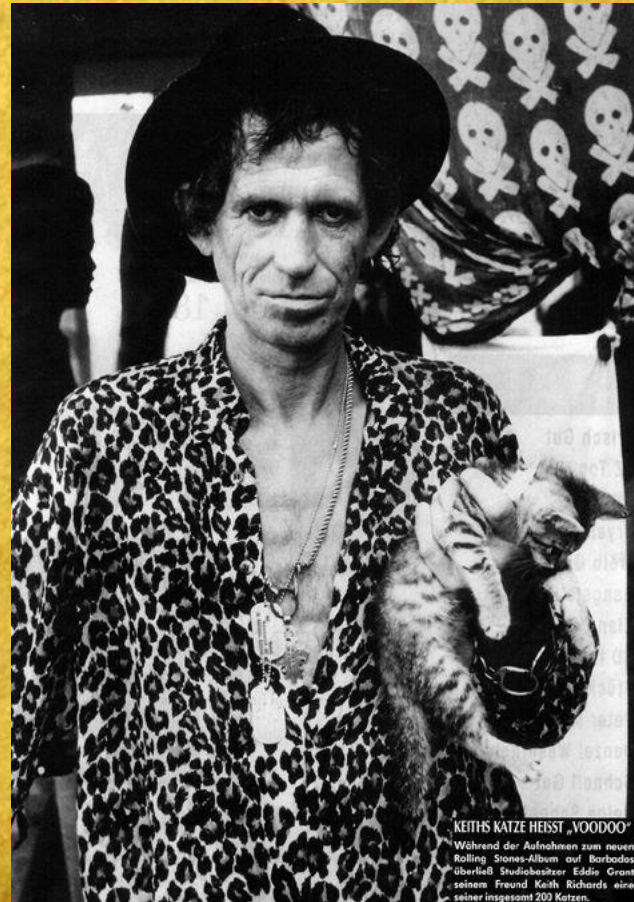
Morrissey - *The Smiths*



John Taylor
Duran Duran



Frank-Zappa



Keith Richards

Negro Gato

Roberto Carlos

MIAAAAAAAAAUUUUU

Eu sou um negro gato de arrepiar

E essa minha vida

É mesmo de amargar

Só mesmo de um telhado

Aos outros desacato

Eu sou um Negro Gato!

Eu sou um Negro Gato!...

Minha triste história

Vou lhes contar

E depois de ouvi-la

Sei que vão chorar

Há tempos eu não sei

O que é um bom prato

Eu sou um Negro Gato!

Eu sou um Negro Gato!...

Sete vidas tenho para viver

Sete chances tenho para vencer

Mas se não comer

Acabo num buraco

Eu sou um Negro Gato!

Eu sou um Negro Gato!...

Um dia lá no morro pobre de mim

Queriam minha pele para tamborim

Apavorado desapareci no mato

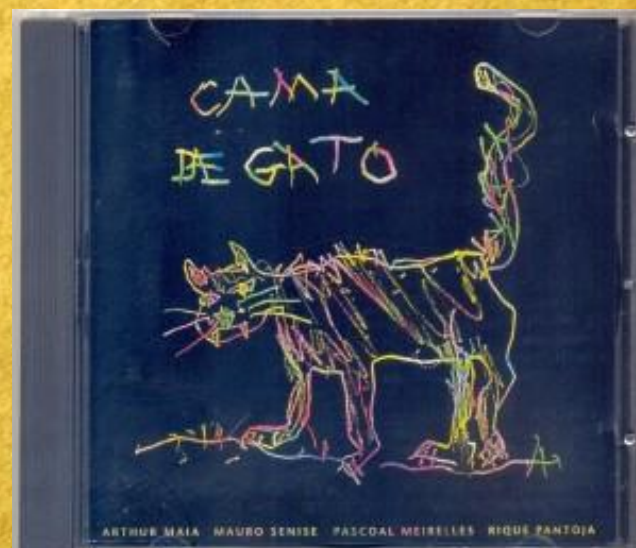
Eu sou um Negro Gato!



Roberta Clarke



Philip Glass



O homem pisa no rabo
se não for gato escaldado.

Itamar Assumpção





revista
mangues
& letras